

Viviane Lucy Vilar de Andrade

**PISTAS PARA A INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS:  
IMAGÉTICAS, CONTEXTUAIS E SEMÂNTICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mailce Borges Mota

Florianópolis  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lucy Vilar de Andrade, Viviane

Pistas para a interpretação de metáforas : imagéticas,  
contextuais e semânticas / Viviane Lucy Vilar de Andrade ;  
orientador, Heronides Maurílio de Melo Moura ;  
coorientadora, Mailce Borges Mota. - Florianópolis, SC,  
2014.

176 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Linguística. 3. Semântica cognitiva. 4.  
Processamento metafórico. 5. Restrições. I. Maurílio de Melo  
Moura, Heronides. II. Borges Mota, Mailce. III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística. IV. Título.

Viviane Lucy Vilar de Andrade

**PISTAS PARA A INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS:  
IMAGÉTICAS, CONTEXTUAIS E SEMÂNTICAS**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em  
Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-  
Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de junho de 2014.

---

Prof. Heronides Maurílio de Melo Moura  
(Universidade Federal de Santa Catarina) - Orientador

---

Profa. Leonor Scliar Cabral  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Profa. Cristiane Lazzarotto-Volcão  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Profa. Ana Cláudia de Souza  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Profa. Aniela Improta França  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

---

Profa. Rosângela Gabriel  
(Universidade de Santa Cruz do Sul)



A Arthur, Vitor e Heitor, meus  
amores;  
a David Lee Folden, meu bem  
e a minha querida vó Rita Torres Vilar  
(*in memoriam*).



## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força que me segurou durante os quatro anos de curso.

Aos professores Heronides Maurílio de Melo Moura e Mailce Borges Mota, pela orientação atenciosa desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, dos quais eu tive a honra de ser aluna – em especial a Leonor Scliar-Cabral, pela fonte inesgotável de conhecimento (em Psicolinguística e em tudo mais) e inspiração.

Ao Gustavo Estivalet (doutorando do *Laboratoire sur la Langage, le Cerveau et la Cognition- L2C2, Université Claude Bernard Lyon 1*), pela cooperação valiosa na programação, análise de dados e pela parceria acadêmica no desenvolvimento do experimento para este estudo.

Ao meu primo, Hilson Vilar de Andrade, pela carinhosa ajuda quanto ao uso do *software Minitab*.

À professora Ana Paula Ferreira, da Universidade de Minnesota (EUA), pelo empenho para que o acordo de cooperação entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade de Minnesota acontecesse, bem como o apoio nas disciplinas que eu optei cursar nesta universidade para meu crescimento acadêmico.

Ao Neal Nye e à Rafaela Miliorini Alves de Brito, por todo apoio incondicional e sincera amizade nos meus momentos mais difíceis para realizar esta pesquisa.

Ao Marcelo Scatigno Santos Neto, diretor executivo da Desiderata e à Michelli Strauss, do departamento de Gestão e Planejamento, pelo apoio e desenvolvimento de materiais para pesquisas do Núcleo de Estudos em Semântica Lexical da UFSC (NES), coordenado pelo professor Heronides Maurílio de Melo Moura e por mim durante o meu curso de doutorado.

Ao Bruno Sampaio, designer na ZN – Comunicação & Evento, pelo desenvolvimento das animações para o estudo piloto e ao Rodrigo Pereira de Barros, pelo desenvolvimento das animações para este estudo.

À Denise Dias Martins, pela revisão desta tese.

À Evelise Santos Sousa, chefe de expediente do Departamento de Pós-Graduação em Linguística, por toda atenção dispensada a mim durante os meus quatro anos de curso e por ter sempre sido prestativa e paciente.

À Natália Carolina Alencar de Resende, pela amizade sincera e dicas valiosas para o manuseio das ferramentas do Laboratório da Linguagem e Processos Cognitivos, coordenado pela Professora Mailce Borges Mota.

À Eneida Ferreira Cunha, por abrir sua casa e coração e me acolher em Florianópolis.

Aos colegas do NES, por todos os projetos que desenvolvemos juntos e pelas discussões que nos fizeram crescer tanto pessoalmente quanto academicamente.

Aos participantes que gentilmente se dispuseram a colaborar com este trabalho, participando dos experimentos.

E aos meus pais, por tudo, tudo mesmo, porque sem a ajuda deles eu jamais teria chegado até aqui.



## RESUMO

Esta é uma pesquisa pautada na demonstração da importância dos processos metafóricos e de seu valor cognitivo. Os objetivos são: investigar se e quando as pistas linguísticas, cognitivas, lexicais e contextuais tiveram papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas e identificar as restrições que permitem ao ouvinte interpretar o enquadre da metáfora. Pretende-se responder às seguintes perguntas: Qual é a contribuição relativa de cada uma das restrições? Houve diferença significativa no resultado das tarefas no que diz respeito à contribuição relativa (CR) das restrições para a ativação de determinada interpretação? A hipótese deste trabalho é de que diante de uma instância metafórica seu processamento (interpretação) é determinado por restrições lexicais (restrições impostas pelo *priming* lexical dos elementos que ocorrem na posição de tópico dessas metáforas), restrições cognitivas (se os esquemas imagéticos transpostos de um domínio para o outro cognitivamente são de fato acionados pelos ouvintes em forma de metáforas) e restrições contextuais. Para este estudo, foi proposto que essas restrições interferem no processamento de metáforas porque a linguística cognitiva, referencial teórico de base para esta pesquisa, apesar de exaustivamente se preocupar com os processos metafóricos, ainda não apontou qual das variáveis, cognitiva, lexical ou contextual, a priori, tem papel decisivo no processamento metafórico. No Brasil, a linguística cognitiva não possui amplo histórico de estudos com experimentação e isso faz com que a presente pesquisa seja importante. Ao se ter uma questão não respondida, observa-se que há uma questão com suficiência teórica, pois a linguística cognitiva abria um espaço no qual esta tese pudesse ser incluída, justificando, assim, a pertinência deste trabalho, cujos objetivos foram mencionados anteriormente. Além de ser uma tese experimentalista, por tratar de processos metafóricos, é também semântica, pois “a linguística cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição e que o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é aprendido e experienciado”. (FERRARI, 2011, p. 14). Esta é uma pesquisa que pretende se embasar, principalmente, em conceitos e perspectivas apresentadas pela semântica cognitiva. Desse modo, aborda-se a linguística cognitiva e os estudos semânticos, as noções de *frame* e a metáfora na linguística cognitiva. Esta proposta apoia Moura (2007, p. 418), para quem a interpretação da metáfora é guiada pelo contexto, o qual estabelece um parâmetro para a interpretação, sendo

que o falante produz enquadres excludentes (PINKER, 2008), mas pistas linguísticas (MOURA, 2007) permitem a interpretação por parte do ouvinte. Evidencia-se a conexão entre as restrições contextuais e as restrições cognitivas e o fato de que o “contexto abrange o conjunto de informações compartilhadas relevantes num dado momento da conversação (MOURA, 2006, p. 89)”.

**Palavras-chave:** Semântica cognitiva; Processamento metafórico; Restrições.

## ABSTRACT

This research is guided by the demonstration of the importance of metaphorical processes and their cognitive value. The objectives are: to investigate if and when the linguistic, cognitive, lexical and contextual cues played a decisive role in the processing of specific metaphorical instances and identify the constraints that allow the listener to interpret the metaphor frame. It is intended to answer the following questions: What is the relative contribution (RC) of each of the restrictions? Was there a significant difference in the outcome of tasks with respect to the relative contribution of restrictions to the activation of a particular interpretation? The hypothesis is that a metaphorical instance processing (interpretation) is determined by lexical constraints (constraints imposed by lexical priming of elements that occur in the topic position of these metaphors), cognitive constraints (whether image schemes transposed from one domain to another are indeed cognitively accessed by listeners in the form of metaphors) and contextual constraints. For this study, it was proposed that these restrictions interfere with the processing of metaphors because cognitive linguistics, the basic theoretical framework for this research, although thoroughly worrying about the metaphoric processes, has not yet pointed which variables: cognitive, lexical or contextual, a priori, have a decisive role in the metaphorical processing. In Brazil, cognitive linguistics has few studies in experimentation and this makes this research important. When one has an unanswered question, it is observed that there is an issue with theoretical sufficiency, cognitive linguistics opened a space in which this thesis could be included, thus justifying the relevance of this work, whose goals were mentioned above. Besides being an experimentalist theory for dealing with metaphorical processes, but it is also semantic, because "cognitive linguistics argues that the relationship between word and world is mediated by cognition and meaning ceases to be a direct reflection of the world and becomes cognitive seen as a construction through which the world is experienced and learned (FERRARI 2011, p. 14)". This is a survey that is based primarily on concepts and perspectives presented by cognitive semantics. Thus, it has addressed the cognitive linguistic and semantic studies, the notions of frame and metaphor in cognitive linguistics. This proposal supports Moura (2007, p. 418), for whom the interpretation of metaphor is context-driven, which sets a parameter for the interpretation being that the speaker produces exclusionary framings (Pinker, 2008), but linguistic clues (Moura, 2007) allow the interpretation by the listener. It also highlights the connection between

the contextual constraints and cognitive constraints and the fact that the "context includes the set of shared relevant information at any given time of the conversation (Moura, 2006, p. 89)".

**Keywords:** Cognitive Semantics; Metaphorical Processing; Restrictions.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>2. REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>29</b>
2.1 O ESTUDO DO SIGNIFICADO .....	29
2.2 O ESTUDO DO SIGNIFICADO E O FIGURATIVO: A METÁFORA .....	33
2.3 O LÉXICO DE UMA LÍNGUA E OS PADRÕES DE LEXICALIZAÇÃO: INTERFACE COGNITIVA E SEMÂNTICA.....	36
2.4 FRAME E ENQUADRE EXCLUDENTE.....	38
2.5 AS DIFERENÇAS ENTRE AS LÍNGUAS, AS LÍNGUAS E OS DIFERENTES PADRÕES DE LEXICALIZAÇÃO, A ESTRUTURA CONCEPTUAL E AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES SEMÂNTICAS DAS LÍNGUAS .....	41
2.6 A INTERPRETAÇÃO DAS METÁFORAS .....	48
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>59</b>
3.1 UNIVERSO DA PESQUISA E PARTICIPANTES .....	59
3.2 MATERIAIS .....	60
3.3 SELEÇÃO DOS ESTÍMULOS (METÁFORAS E DISTRADORES) 61	
3.3.1 <i>Descrição das tarefas programadas no E-Prime</i> ....	66
3.3.2 <i>Análise dos dados</i> .....	89
3.5 O ESTUDO PILOTO .....	90
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>97</b>
4.1 O EXPERIMENTO .....	97
4.2 ACURÁCIA GERAL DE RESPOSTAS AOS ESTÍMULOS .....	97
4.2.1 <i>Acurácia geral de respostas aos estímulos sem os distratores</i> .....	98
4.2.2 <i>Acurácia por priming ou tarefa</i> .....	99
4.3 ANÁLISE DE ACURÁCIA.....	102
4.3.1 <i>Análise de acurácia por participante</i> .....	102
4.3.2 <i>Análise de acurácia por item</i> .....	108
4.4 DENSIDADE.....	112
4.4.1 <i>Densidade geral de acertos por participantes e itens</i> .....	112
4.4.2 <i>Densidade dos acertos por tipo de restrição</i> .....	114
4.5 ANOVA .....	117
4.5.1 <i>T-tests: T1 - Participantes e T2 – Itens</i> .....	118
4.6 ANÁLISE POR TIPO DE RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES..	118
4.7 ANÁLISE DE ERRO E DAS RESPOSTAS NEUTRAS .....	124

4.8 ANÁLISE DAS RESPOSTAS NEUTRAS .....	128
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>133</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>137</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>143</b>
7.1 <i>CORPUS</i> DE METÁFORAS RETIRADAS DAS REVISTAS .....	143
7.2 PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	147
7.3 DECLARAÇÃO DO DIRETOR DO CCE .....	149
7.4 FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA PLATAFORMA BRASIL .....	150
7.5 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....	151
7.6 QUESTIONÁRIO INFORMATIVO PARA PARTICIPANTES.....	154
7.7 TABELAS 21, 22 E 23 .....	155
7.8 MODELOS DAS TELAS DE INSTRUÇÃO APRESENTADAS AOS PARTICIPANTES PARA A REALIZAÇÃO DAS TAREFAS .....	174

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representa como os sujeitos poderiam criar uma categoria ad hoc de animais com asas, por exemplo. ....	37
Figura 2 - Representa as entradas mostrando como o verbo aparece em seu sentido literal.....	65
Figura 3 - Representa a sequência do set para a tarefa 1.....	67
Figura 4 - Representa a sequência do set para a tarefa 2.....	68
Figura 5 - Representa a sequência do set para a tarefa 3.....	69
Figura 6 - Boxplot da variável de acurácia.....	92
Figura 7 - Acurácia geral.....	98
Figura 8 – Acurácia sem os distratores .....	99
Figura 9 - Acurácia por <i>priming</i> ou tarefa.....	100
Figura 10 - Acurácia x participantes .....	105
Figura 11 - Erro participantes.....	106
Figura 12 - Erro participante porcentagem.....	107
Figura 13 - Acurácia x itens .....	109
Figura 14 - Erro itens .....	110
Figura 15 - Erro itens porcentagem.....	111
Figura 16 - Densidade acerto participantes .....	113
Figura 17 - Densidade acerto itens .....	114
Figura 18 - Densidade participante x tipo de restrição.....	115
Figura 19 – Densidade item x tipo de restrição.....	116
Figura 20 – Respostas em porcentagem.....	120
Figura 21 – Respostas x tipo de restrição em porcentagem .....	122
Figura 22 – Tipo de restrição x respostas.....	124
Figura 23 - Respostas erradas em porcentagem .....	125
Figura 24 = Respostas erradas x tipo de restrição .....	127
Figura 25 = Neutro x tipo de restrição .....	129





## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Metáforas e distratores .....	63
Tabela 2 – Metáforas conceptuais destacadas .....	63
Tabela 3 – Número de entradas das expressões idiomáticas no Google em 02 de outubro de 2013, às 11hs. ....	64
Tabela 4 – Exemplo de opções de respostas .....	70
Tabela 5 – Respostas ou opções de interpretação: resposta correta, neutra, antônima e impossível randomizadas de 1 a 30 e reais de 31 a 60.....	77
Tabela 6 – Listas de tarefas .....	79
Tabela 7 – Quadrado latino das opções de respostas, exemplo .....	80
Tabela 8 - Restrição cognitiva.....	82
Tabela 9 - Restrição lexical.....	84
Tabela 10 - Restrição contextual.....	88
Tabela 11 – Resumo dos dados do índice de acurácia. As colunas significam participante (SUBJECT) e total de acertos por participante para cada tarefa, respectivamente.....	91
Tabela 12 – Respostas corretas .....	101
Tabela 13 - Acurácia por participante .....	104
Tabela 14 - Acurácia por item.....	108
Tabela 15 – T-tests .....	118
Tabela 16 – Análise por tipo de respostas dos participantes .....	119
Tabela 17 - Respostas X tipo de restrição .....	121
Tabela 18.....	123
Tabela 19 – Análise de erro e das respostas neutras .....	125
Tabela 20 – Restrição X respostas .....	126
Tabela 21 - Tarefa 1 .....	159
Tabela 22 – Tarefa 2.....	165
Tabela 23 - Tarefa 3 .....	173



“No domínio do significado, a humildade se impõe, porque ninguém, no momento, pode pretender ter um modelo neurológico preciso desse misterioso relâmpago de compreensão que faz com que a atividade de um feixe de neurônios, num instante, ‘produza sentido’.” (DEHAENE, 2012, p. 126, tradução de Leonor Scliar Cabral).



## 1. INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa, que está pautada na demonstração da importância dos processos metafóricos e de seu valor cognitivo, iniciou-se, primeiro, com a análise de trabalhos de diversos autores que ressaltam o valor cognitivo da metáfora em estudos atuais de linguagem e cognição, devido ao avanço das pesquisas em linguística cognitiva (LANGACKER, 1976; FILLMORE, 1979; LAKOFF, 1987; TALMY, 2003; PINKER, 2008; CROFT e CRUSE, 2009; SALOMÃO, 2009) e, depois, com a observação da influência que a linguística cognitiva exerce, uma vez que seu principal argumento é de que “a linguagem é governada por princípios cognitivos gerais, ao invés de ser simplesmente um módulo com função específica para linguagem”.<sup>1</sup> (CROFT e CRUSE, 2009, p. i).

A hipótese deste trabalho é de que diante de uma instância metafórica seu processamento (interpretação) é determinado por restrições lexicais (restrições impostas pelo *priming* lexical dos elementos que ocorrem na posição de tópico dessas metáforas), restrições cognitivas (restrições impostas por esquemas imagéticos transpostos de um domínio para o outro cognitivamente, se esses esquemas são de fato acionados pelos ouvintes em forma de metáforas) e restrições contextuais (restrições impostas por fatores contextuais como, por exemplo, o conhecimento compartilhado dos interlocutores, MOURA, 2006, p. 26).

Para este estudo, foi proposto que essas restrições interferem no processamento de metáforas porque a linguística cognitiva, referencial teórico de base para esta pesquisa, apesar de exaustivamente se preocupar com os processos metafóricos, ainda não apontou qual das variáveis: cognitiva, lexical ou contextual, a priori, tem papel decisivo no processamento metafórico, ou mesmo qual dessas restrições (ou todas elas) afeta(m) mais esse processamento.

Na verdade, pode-se até encontrar o caminho inverso com teorias que demonstram “como metáforas restringem esquemas de pensamento

---

<sup>1</sup> Conforme original: “Cognitive Linguistics argues that language is governed by general cognitive principles, rather than by a special-purpose language module (CROFT e CRUSE, 2009, p. i)”.

culturalmente arraigado”<sup>2</sup> (STEEN e GIBBS, 2001, p. 6), ou seja, como metáforas influenciam na interpretação de acontecimentos e eventos cotidianos em determinadas culturas. No Brasil, a linguística cognitiva possui um pequeno histórico de estudos com experimentação e isso faz com que a presente pesquisa seja importante. Outro motivo que faz este trabalho ser importante é que

Os estudos em semântica têm sido negligenciados em linguística [...]. A maioria dos trabalhos semanticamente orientados têm sido feita na disciplina da psicologia, mesmo assim se tratando de trabalhos em grande parte experimentais, abordando aspectos da maquinaria mental, especialmente o armazenamento e acesso dos itens lexicais, e pouco relevantes para as questões que envolvem o lugar e a função do significado em relação a frases e expressões.<sup>3</sup> (SEUREN, 1998, p. 367).

Ao me deparar com uma questão não respondida, percebi que havia uma questão com relevância teórica, pois a linguística cognitiva abria um espaço onde esta tese pudesse ser incluída, justificando, assim, a pertinência deste trabalho, cujos objetivos foram:

- i. investigar se e quando restrições cognitivas, lexicais e contextuais têm papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas;
- ii. identificar as restrições que permitem ao ouvinte interpretar o enquadre da metáfora.

---

<sup>2</sup> Conforme original: “They attempt through their respective analyses of linguistic expressions to uncover larger cultural models, and to especially demonstrate how metaphor constrains these cultural schemes of thought.” (STEEN e GIBBS, 2001, p. 6).

<sup>3</sup> Conforme original: Semantics has suffered from neglect in linguistics (...). Most semantically oriented work has been done in psychology, but that work has been largely experimental, touching on aspects of mental machinery, especially the storage of and access to lexical items, and hardly relevant to questions involving the place and function of meaning in relation to sentences and utterances (SEUREN, 1998, p. 367)”.

Esta tese lida com o processo de interpretação da metáfora de forma experimental e, por tratar de processos metafóricos, é também semântica, pois “a linguística cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição e que o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é aprendido e experienciado”. (FERRARI, 2011, p. 14).

Assim, aqui serão apresentadas algumas das polêmicas em torno do estudo do significado, apontando os três grandes paradigmas de que se dispõe hoje para tratar dessa questão. Advirto, contudo, que este trabalho não pretendia lidar com uma tricotomia problemática, semântica formal, semântica enunciativa e semântica cognitiva, a fim de opô-las e separá-las, conforme apresentado no capítulo 2. No entanto, esta é uma pesquisa que pretendeu se embasar, principalmente, em conceitos e perspectivas apresentadas pela semântica cognitiva. Desse modo, abordo a linguística cognitiva e os estudos semânticos, as noções de *frame* e a metáfora na linguística cognitiva.

Como fora estabelecido que este trabalho se basearia em pressupostos da linguística cognitiva, a concepção de metáfora adotada aqui também se apoiou na definição de metáfora proposta pela linguística cognitiva de acordo com Croft e Cruse (2009, p. 194)<sup>4</sup>

Os linguistas cognitivistas rejeitam a chamada teoria da substituição da metáfora, segundo a qual a expressão metafórica substitui alguma expressão literal. Isso tem o mesmo significado. Metáforas ‘verdadeiras’, em geral, não são literalmente parafraseáveis: elas têm algo que não tem expressão literal. [...] O significado metafórico não é, pelo menos em seus aspectos funcionais básicos, um tipo especial de significado: é antes um processo de construção para se chegar a, ou interpretar, um significado.

---

<sup>4</sup> Conforme original: “Cognitive linguists reject the so-called substitution theory of metaphor, according to which a metaphorical expression replaces some literal expression. That has the same meaning. Metaphors (‘true’ metaphors), in general, are not literally paraphrasable: they have a character that no literal expression has. (...) Metaphorical meaning is not, at least in basic functional respects, a special kind of meaning: it is rather the case that metaphor is the result of a special process for arriving at, or construing, a meaning.” (CROFT e CRUSE, 2009, p. 194).

Para Black (1993), os falantes buscam, na própria linguagem, os recursos e regras que permitem a criação de metáforas. Black ainda sustenta que a metáfora é regida por uma regra que cria uma similaridade não percebida, até então, entre os domínios. Segundo ele, “um sistema de lugares comuns associados” ajuda a evocar os sentidos e a interpretação das palavras e, conseqüentemente, das metáforas; e que as metáforas exploram analogias estruturais entre os conceitos dos itens lexicais que ocorrem na posição de tópico e de veículo. (BLACK, 1993, p. 23).

Uma vez que os falantes buscam, de acordo com Black (1993), na própria linguagem esses recursos e regras que permitem a criação de metáforas, propõe-se que eles também busquem na própria linguagem, ou expressão linguística (unidade lexical), os recursos para a interpretação delas e que restrições impostas pela própria semântica dos termos que entram na composição da metáfora influenciam a interpretação. Esta é uma base teórica para a proposta de que há restrições lexicais envolvidas no processamento de metáforas.

A concepção de *frame* utilizada neste trabalho também deriva da teoria cognitiva e enxergar o *frame* e a escolha lexical do falante é essencial para que o ouvinte atente às posições de tópico e de veículo e chegue à interpretação da metáfora. É sob essa perspectiva que se propôs definir o *frame* escolhido pelo falante<sup>5</sup> em determinada metáfora e, através de um experimento, verificar a viabilidade de se encontrarem possibilidades de outros enquadramentos ou possíveis interpretações, além de se testarem se os esquemas imagéticos transpostos de um domínio cognitivo para outro eram de fato acionados pelos ouvintes na interpretação de metáforas.

A hipótese básica da linguística cognitiva é a de que a semântica corresponde à conceptualização e que interpretações semânticas de expressões linguísticas não se reduzem às condições de verdade. O papel da conceptualização na língua se torna evidente, quando se examinam conceptualizações distintas de uma sentença com as mesmas condições de verdade:

- (1) O menino quebrou a janela.
- (2) A janela foi quebrada pelo menino.

---

<sup>5</sup> *Frame* escolhido pelo falante e *frame* excludente são a mesma coisa e são definidos detalhadamente na seção 2.3 deste capítulo.



Em (1) a figura é o menino e o fundo é a janela, isso sugere uma atribuição de culpa para ele. Já em (2) a figura é a janela e o fundo é o menino, isso sugere que não é tão importante assim quem de fato quebrou a janela.

As línguas apresentam padrões de lexicalização distintos organizados através de uma interface entre cognição e gramática: “um significado pode ser considerado quando associado com certas formas superficiais, principalmente através destes três processos: lexicalização, deleção (ou zero), e interpretação”.<sup>6</sup> (TALMY, 2003, p. 23).

Seguindo essa citação, Talmy apresenta um exemplo em língua inglesa para explicar esses processos. Com a pergunta *What pressure?* da sentença: *What pressure was exerted?*, que, na verdade, é interpretada como **Que grau de pressão foi aplicado?**<sup>7</sup>, ele questiona como os elementos “grau de” surgiram na interpretação, respondendo “através da lexicalização – que é a associação direta de certos componentes semânticos com um determinado morfema”.<sup>8</sup> (TALMY, 2003, p. 23). Dito de outra forma, ou se interpretou a palavra PRESSÃO de uma forma diferente da usual, ou se apagaram os componentes GRAU DE da sentença, ou seja, a pergunta *What pressure?*, que traduzida para o português quer dizer **Que pressão?**, não apresenta em si (lexicalizado) o que o falante realmente quer saber, que é o grau de pressão aplicado. No entanto, esse item a mais da pergunta emerge na hora da interpretação e a resposta para a pergunta será o grau de pressão aplicado. Assim

Assumimos aqui que lexicalização acontece quando um componente particular de significado é encontrado em associação regular com um determinado morfema. Em termos mais gerais, o estudo da lexicalização deve também contemplar

---

<sup>6</sup> Conforme original: “A meaning can be considered associated with surface forms mainly by three processes: lexicalization, deletion (or zero), and interpretation.” (TALMY, 2003, p. 23).

<sup>7</sup> Outras traduções seriam possíveis em língua portuguesa: **Quanto de pressão foi aplicado?**; **Quanta pressão foi aplicada?**, por exemplo. Isso corroboraria ainda mais com seu argumento a respeito do que é lexicalizar.

<sup>8</sup> Conforme original: “By lexicalization – that is, the direct association of certain semantic components with a particular morpheme. (TALMY, 2003, p. 23).

o caso de quando um conjunto de componentes, que tenham relações particulares entre si, está em associação com um morfema, perfazendo todo o significado desse morfema.<sup>9</sup> (TALMY, 2003, p. 24).

As línguas humanas se lexicalizam de forma diferente, sendo que escolher o léxico é ativar um *frame* ou uma rede de *frames*. Assim, o enquadre excludente ou *frame* escolhido pelo falante é significativo, mesmo que não precise ser intencional e possa ser inconsciente.

Quanto às restrições contextuais, para Moura (2007, p. 417), mesmo para as metáforas mais criativas, há convenção na interpretação, o que faz com que os falantes façam uso bastante eficiente da metáfora. Esta tese se posiciona ao lado deste autor (2007, p. 417), para quem padrões linguísticos governam a interpretação de uma metáfora.

Além disso, este trabalho adota a concepção de que o falante produz enquadres excludentes (PINKER, 2008), mas pistas linguísticas (MOURA, 2007) permitem a interpretação por parte do ouvinte. Evidencia-se a conexão entre as restrições contextuais e as restrições cognitivas e o fato de que o “contexto abrange o conjunto de informações compartilhadas relevantes num dado momento da conversação (MOURA, 2006, p. 89)”. Neste caso, ele refere-se ao contexto de forma mais ampla.

Diante do exposto, foi realizado um experimento do qual participaram 53 indivíduos falantes de português brasileiro para responder às seguintes perguntas: 1. Qual é a contribuição relativa (CR) de cada uma das restrições, isto é, a restrição cognitiva, a restrição lexical, a restrição contextual? 2. Há diferença significativa no que diz respeito à CR das restrições para a ativação de determinada interpretação?

Quanto à caracterização da pesquisa e descrição dos dados, neste estudo, assim como para Moura (MOURA, 2002, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009), a metáfora é central. No entanto, este estudo investigou o uso de verbos transitivos na posição de veículos das metáforas sobre

---

<sup>9</sup> Conforme original: “We assume here that lexicalization is involved where a particular meaning component is found to be in regular association with a particular morpheme. More broadly, the study of lexicalization must also address the case where a *set* of meaning components, bearing particular relations to each other, is in association with a morpheme, making up the whole of the morpheme’s meaning. (TALMY, 2003, p. 24).

emoções. Dessa forma, o *corpus* de expressões detalhado no capítulo 3, para tratar de metáforas sobre emoções em língua portuguesa, foi construído a partir de textos de uma revista feminina de circulação nacional: “Marie Claire”. Essa escolha se deu devido ao fato de que, por se tratarem de depoimentos reais sobre a vida cotidiana e por esses depoimentos serem imbuídos de emoção, a linguagem empregada nesses depoimentos é carregada dessas metáforas. Assim, uma vez que, de certa forma, a “emoção” e o sentimento passam a ser protagonistas desses discursos, tanto por parte dos falantes que enunciam essas metáforas quanto por parte dos leitores que as interpretarão, percebeu-se um repertório de dados farto e produtivo para o levantamento desse *corpus* para esta pesquisa. A coleta dessas metáforas aconteceu no período de maio de 2010 a setembro de 2012. Foram analisados textos de depoimentos reais de leitoras e leitores da Marie Claire, de volumes de 2009 a 2012, que escrevem à revista porque querem ter suas histórias de vida publicadas. Desses textos, foram retiradas as instâncias metafóricas a serem trabalhadas e analisadas nesta pesquisa. No capítulo de metodologia, são descritos os critérios para a seleção dos exemplos.

Este trabalho está organizado em sete capítulos. O capítulo 1 é esta introdução, a qual apresenta esta tese, seus objetivos e sua pertinência, assim como as perguntas de pesquisa e a hipótese que foi testada através do experimento. O capítulo 2 apresenta a revisão teórica apontando aspectos relevantes para os estudos semânticos, principalmente aspectos relacionados à metáfora – objeto central da investigação aqui proposta. O capítulo 3 apresenta detalhadamente a metodologia aqui utilizada mais o estudo piloto e seus resultados. Seguindo-se o capítulo 4 que apresenta os resultados do experimento e as discussões. Por fim, o capítulo 5 apresenta as considerações finais deste estudo.



## 2. REVISÃO TEÓRICA

### 2.1 O estudo do significado

Desde os gregos, reflexões sistemáticas vêm sendo feitas a respeito do que é a Semântica, no seu sentido *lato sensu*, porque em seu sentido *stricto sensu* os estudos científicos sobre o significado aparecem com o surgimento de uma ciência da linguagem, perfazendo o estudo científico do significado dos símbolos verbais. A Semântica é o estudo do significado, mas uma questão é imperativa: o que é o significado de um símbolo verbal? O significado é construído diariamente; ele desliza e é variável. Assim, não é tão simples responder a essa pergunta. Neste trabalho, mais especificamente neste capítulo, apontam-se, de forma breve, algumas questões controversas e questionamentos apresentados em torno do estudo do significado, ao mesmo tempo em que se reflete sobre a ascendência filosófica dos paradigmas Realismo, Pragmatismo e Mentalismo e sobre a influência desses questionamentos para o desenvolvimento dos paradigmas e para o debate contemporâneo em torno do significado.

Pode-se dizer que remonta a Aristóteles a inauguração de duas tradições distintas para o estudo do significado: a tradição filosófico-científica e a tradição retórico-poética. O estagirita – adjetivo atribuído a esse filósofo por causa de sua cidade natal, Estagira (Grécia) – é considerado como um dos mais antigos semanticistas, principalmente porque seu interesse primordial era a lógica, os mecanismos da faculdade humana de raciocínios inferenciais do tipo:

Todo homem é mortal.  
Sócrates é homem.  
Logo: Sócrates é mortal.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Famoso silogismo aristotélico – válido universalmente. A primeira premissa tem de ser válida. Se assim não o for, toda a lógica (VV) cai por terra, segundo Aristóteles. (ARISTÓTELES, In: *Organon, Prior Analytics, Book 1*, Cap. 2, p. 83. Disponível em: <<http://www.constitution.org/ari/aristotle-organon+physics.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2012).

Através de raciocínios inferenciais, chega-se ao conhecimento novo a partir de conhecimento dado, e, para Aristóteles, é essa faculdade que diferencia o homem dos animais. O interesse de Aristóteles pela lógica o levou a pensar também na linguagem, mais precisamente nos mecanismos do pensamento, os *conceitos*, que articulados se transformam em *proposições*, as quais, quando são articuladas, formam as *inferências*. Uma vez que os *conceitos* são expressos através de *significantes*, surgem as *palavras*, as *frases* e os *períodos*. É por isso que o interesse pelo pensamento leva ao interesse pela linguagem.

Em seu texto “De Interpretatione”, Aristóteles analisa a lógica da proposição, ou melhor, a lógica de uma cadeia com nome/verbo/frase, os quais ele vai chamar de itens da elocução (cadeia fônica). Os itens da elocução são os mesmos que os elementos da fala e são os símbolos das afecções da alma.

A voz é símbolo das afecções da alma e a escrita da fala. E, como as letras não são as mesmas para todos, os sons falados não são os mesmos. Mas, aquilo de que essas coisas são símbolos primordialmente, as afecções da alma, são as mesmas para todos, e aquilo a que estas são semelhantes, as coisas, também são as mesmas. (ARISTÓTELES, 2000, p. 3).

Como a alma é afetada através das representações que temos do mundo, o mundo nos afeta de alguma maneira e a palavra escrita simboliza a palavra falada, que simboliza os esquemas de afecções da alma. Essas afecções da alma são chamadas, hoje em dia<sup>11</sup>, de *conceitos*. (ARISTÓTELES, 2000, p. 3). As palavras utilizadas, ou melhor, os conceitos, podem até ser diferentes por causa das línguas diferentes, das culturas diferentes, mas é como se as afecções da alma, apontadas pelo grego, fossem da ordem do sujeito. Ou seja, para o posicionamento mentalista de Aristóteles, o significado estaria abrigado na cabeça do falante (mentalmente) – afecções da alma. É ainda como se existisse uma ordem ou cadeia de representação: 1. as coisas (a realidade); 2. afecções da alma; 3. itens da elocução; 4. caracteres da escrita (conceito, como apontado acima).

---

<sup>11</sup> Essa visão de Aristóteles se distigue da visão apresentada por Vereza (2002) mencionada mais adiante.

Há sentenças às quais se pode atribuir a condição de verdade ou de falsidade e há sentenças às quais não se pode atribuir valores de falso ou de verdadeiro. “Sócrates é homem” é uma proposição que pode ser vista como verdadeira ou falsa, o que não ocorre com uma prece, por exemplo. No capítulo 4 de “De Interpretatione”, observamos que Aristóteles descreve o *Logos Semantikós*, o discurso dotado de sentido, e o *Logos Apophantikós*, o discurso dotado de sentido, mas também passível de atribuir à sentença a condição de ser verdadeira ou falsa, ou dizer de P que é V ou F:

Todo discurso tem significado, ainda que não como instrumento, mas como já foi dito, por convenção. Nem todo discurso é uma declaração, só o sendo aquele no qual há verdade ou falsidade, o que não acontece em todos os casos. Uma súplica é um discurso, mas não é verdadeira nem falsa. Deixemos de lado esses outros tipos, pois seu exame pertence à retórica ou à poética. Vamos considerar agora o discurso declarativo. (ARISTÓTELES, 2000, p. 7).

Para Aristóteles, somente vai interessar aquilo que é *declarativo* porque seu interesse primordial é a lógica (as inferências). Ele inaugura, assim, uma divisão do terreno do significado: estudos filosófico-científicos e estudos retórico-poéticos, e distribui o terreno do significado em dois campos distintos: no primeiro, o que interessa é o que é verdadeiro ou falso (o que é declarativo) e, no segundo, o que interessa é a persuasão, o que é belo (o que não é declarativo). No entanto, essa divisão em “territórios” não é tão simples assim porque existem as *figurações*. Essas figurações, que servirão de base para as famosas listas classificatórias das figuras de linguagem – herdadas da retórica clássica (VEREZA, 2012, p. 8) –, trarão à tona o fenômeno central a ser discutido por este estudo: a metáfora.

O que realmente interessa para os estudos filosófico-científicos não é o que é ou não declarativo, apenas, mas o que é declarativo e *literal*. Os estudos retórico-poéticos vão se interessar pelo que não é declarativo e também pelo que é figurativo ou não literal. Na tradição filosófico-científica, o que se tem de interesse principal é a lógica, que é nossa faculdade racional de fazer inferências ou deduzir conhecimento novo a partir de conhecimento dado. Na “Poética”, Aristóteles fala sobre o discurso não literal, nome corrente *versus* nome metafórico (figurado)

e como a linguagem é usada para o belo, para a arte: “128. A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia (ARISTÓTELES, 1993, p. 462).”

O terreno do uso corrente é a aplicação do nome para a coisa nomeada. Já a metáfora é a transgressão (o desvio), porque pegamos esse nome e o damos para outra coisa. O autor tenta capturar essa lógica do desvio, afirmando que o desvio pode ocorrer de quatro formas, as formas mencionadas na citação acima. Contudo quando se parte para o terreno figurativo, percebe-se que o significado não é tão bem comportado assim como é na área do literal e declarativo. Aristóteles percebe o território do imprevisível no estudo do significado e, na “Poética”, o exclui da lógica. Na tradição aristotélica, existem os usos próprios e os usos transpostos ou figurativos e, quando se menciona o transposto e o figurativo, o fenômeno da metáfora emerge, porque a metáfora sempre ocupou um lugar de destaque nos estudos do significado.

Em seu livro, “Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra” (VEREZA, 2012), Solange Vereza apresenta uma reflexão sobre a trajetória da metáfora. Essa reflexão se deve não somente ao fato de a metáfora ter ocupado esse lugar nos estudos semânticos, mas também devido ao “grande número de estudos que vem elegendo a metáfora como objeto central de investigação”, o que também “tem levado à formação de uma área de pesquisa que, de tão produtiva, já vem sendo conhecida como metaforologia (VEREZA, 2012, p. 7)”. Durante muito tempo, reduziu-se a metáfora à figura e ao tropo ou até mesmo a “elemento supérfluo (VEREZA, 2012, p. 16)”. Tudo isso porque a metáfora estava diretamente ligada à

retórica clássica de base tropológica [...]. Além de ser condenada por seu foco quase exclusivo nas figuras, a retórica era também vista, por um outro viés, talvez de natureza mais discursiva do que semântica, como a ‘arte da manipulação’. (VEREZA, 2012, p. 8).

Nesse mesmo texto, Vereza aponta, contudo, a “ressurreição” da retórica e, conseqüentemente, da metáfora.

A metáfora que hoje se encontra sob os holofotes intelectuais, na verdade, não é a mesma metáfora que habitava as listas classificatórias dos tropos da



retórica restrita. A sua ascensão foi impulsionada por reconceituações e redefinições que, na maioria das vezes, implicavam sua promoção ou valorização, como fenômeno de natureza não só linguística, mas também cognitiva e, mais recentemente, discursiva. (VEREZA, 2012, p. 23).

Para este trabalho, que toma como perspectiva teórica a linguística cognitiva, enxerga-se esse processo mental como estando mais em evidência, afastando-se de uma perspectiva racionalista, a linguística cognitiva adota “uma perspectiva empirista, alinhando-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência (FERRARI, 2011, p. 21)”. Na próxima seção é apresentado o estudo do significado e o figurativo: a metáfora.

## 2.2 O estudo do significado e o figurativo: a metáfora

Diante do exposto em relação ao estudo do significado, se reconhece que o estudo da semântica está tradicionalmente concentrado no declarativo e no literal e a tradição aristotélica aposta na factibilidade da distinção entre o terreno do próprio e o do transposto. Entretanto, essa divisão apresenta problemas quanto à questão do poder figurativo da linguagem, pois há uma dificuldade em separar o literal do metafórico (figurado).

Platão (2001) afirma que a vocação da linguagem é representar (grifo meu) e que as coisas têm uma essência permanente. Ele distingue essências (habitam fora do sujeito) e aparências. Aristóteles era totalmente contra essa dualidade. Para este, a vocação do nome é dizer o real e a funcionalidade, *telos*<sup>12</sup> (um objetivo, finalidade, ARISTÓTELES, Livro 2 da Física, Capítulo 3) isto é, pressupõe racionalidade. Para a Semântica Formal, o interesse geral é a referência e a condição de verdade da linguagem declarativa e literal (relação linguagem-mundo) e a unidade básica é a sentença. Pode-se dizer que nasce, nesse momento, o primeiro paradigma de que se dispõe para tratar de questões relacionadas ao significado: o Realismo. Nessa perspectiva, as essências habitam no sujeito e o *logos*<sup>13</sup> é a faculdade da

---

<sup>12</sup> Aristotle, *Physics* 194 b17–20; see also: *Posterior Analytics* 71 b9–11; 94 a20.

razão que nos equipa para fazermos distinções e por isso podemos depreender os traços recorrentes, através da cognição. Já para a Semântica Cognitiva, toda a organização linguística é reflexo de uma organização conceptual.

A Semântica Cognitiva também não concorda com o ponto de vista da forma, no qual assume-se que as línguas são composicionais, porque elas apresentam uma dupla articulação. Para Martinet (1978, p. 11), o princípio da dupla articulação da linguagem consiste no fato de que os enunciados das línguas naturais são decomponíveis em dois níveis: articulação com sentido (palavras e morfemas) e articulação sem sentido (sílabas e fonemas), ou melhor, unidades significativas e unidades destituídas de significado. Esse princípio de composicionalidade torna as línguas mais econômicas, porque morfemas se combinam de maneiras diferentes, formando um número bem maior de palavras. As línguas também são dominadas pelo princípio da composicionalidade semântica, segundo o qual o significado de uma expressão é determinado (calculável) pelo significado de suas partes constituintes e pelo modo como se combinam. Porém, nem sempre os significados das partes combinadas representarão o significado do todo. Muitas vezes, a própria ordem como aparecem as partes pode alterar o significado desse todo.

Não se pode deixar de perceber que expressões de aparência muito claramente composicional (transparentes) também parecem ainda abrigar uma medida de opacidade. Assim, diante da questão da composicionalidade semântica, aparecem posições antagônicas: (i) os que são adeptos do princípio da composicionalidade e acreditam que as

---

<sup>13</sup> “Disse Heráclito (filósofo grego, pré-socrático): ‘Tudo acontece de acordo com logos.’ Mas, o que é logos? Seu significado mais básico é verbo. Nos séculos anteriores a Heráclito, logos significava também relato, linguagem e história. Já na época de Heráclito, logos podia significar razão, princípio e explicação. Alguns o definiram como lógica ou fórmula. Creio que o que Heráclito queria dizer era ‘o princípio organizacional, segundo o qual o cosmo se ordena a si próprio’. Este princípio se manifesta nos mais diferentes padrões que identificamos. Um pensamento final: Heráclito, sempre capaz de ser ao mesmo tempo literal e metafórico, sabia que o ‘verbo’ é ‘falado’. E o que fala o cosmo? Eu creio que os ‘padrões’ são a forma como o logos nos é falado. Daí a minha tradução: ‘O cosmo fala por meio de padrões.’ (Roger von Oech) Pelo texto acima pode-se ver que ‘logos’ é uma forma explicativa da causa do que acontece.” (NETTO FONSECA, Flávio. *O conceito ‘logos’*. Disponível em: <<http://www.philosophy.pro.br>>. Acesso em: 22 ago. 2012).

situações de opacidade ou não composicionalidade são excepcionais e que a maioria das expressões linguísticas são transparentes, ou seja, composicionais; e (ii) os que criticam o princípio da composicionalidade, porque acreditam que ele é idealização e não descreve adequadamente a realidade das línguas e do conhecimento linguístico dos falantes, como Fillmore (1979, p. 67)<sup>14</sup>.

Para Fillmore (1979), o falante/ouvinte inocente, aquele que é pressuposto pelos teóricos da composicionalidade, conhece os morfemas de uma língua e seus significados. O falante também reconhece as estruturas e processos gramaticais em que os morfemas tomam parte e conhece os efeitos semânticos desses processos e estruturas. Quando é ouvinte (decodificador), o usuário da linguagem calcula o sentido de cada sentença a partir do que sabe sobre suas partes e seu arranjo. Nesse processo, não faz uso dos cálculos passados – a cada vez que a estrutura de uma sentença reaparece, ela é calculada como se fosse a primeira vez. Ele aparentemente sabe tudo como o falante ideal de Chomsky (1965, p. 3) no entanto, não consegue entender nada que esteja fora da composicionalidade semântica caso essa teoria fosse válida.

Quando é falante (codificador), o usuário da linguagem decide o que deseja que seu interlocutor faça, ou sinta ou acredite, e constrói uma mensagem que expresse de forma mais direta possível essa decisão. É como se nada se interpusesse entre o que ele quer dizer e o que de fato diz; ele também é capaz de dizer tudo o que se possa dizer, contanto que tenha tempo. Fillmore também afirma que o discurso dos inocentes tende a ser lento, chato e pedante e aponta as limitações do falante/ouvinte inocente: o falante não conhece *lexical idioms* – formas lexicais cujas estruturas morfológicas não poderiam ser inferidas meramente a partir do que se sabe sobre o significado dos morfemas constituintes.

Ainda segundo Fillmore (1979), esse falante não é capaz de interpretar *phrasal idioms* (expressões idiomáticas). Ele não é capaz de reconhecer colocações lexicais que não se baseiem em relações de sentido e falta-lhe a capacidade para julgar a adequação de expressões fixas a tipos de situações específicas – as fórmulas situacionais. Faltam-lhe princípios para usar linguagem metafórica, faltam-lhe mecanismos

---

<sup>14</sup> Fillmore lançou as bases de uma das vertentes da Semântica Cognitiva e hoje opera com a *Frame Semantics*, uma das teorias de base para o FrameNet (Berkeley). Vinculado a ele está o Projeto FrameNet Brasil, que é um projeto de anotação lexicográfica conduzido pela Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão (Universidade Federal de Juiz de Fora).

interpretativos para a chamada comunicação indireta (ler nas entrelinhas) e falta-lhe a bagagem para compreender estruturas textuais convencionais. Assim, tudo o que o falante/ouvinte inocente ignora fica fora do escopo da semântica composicional tradicional e acaba por deixar de fora um número grande demais de expressões, como a metáfora, objeto deste estudo. A não validade da teoria da composicionalidade semântica e o falante/ouvinte inocente colaboram com a hipótese defendida nesta tese. Na próxima seção é apresentada uma reflexão a respeito do léxico de uma língua e dos padrões de lexicalização.

### **2.3 O léxico de uma língua e os padrões de lexicalização: interface cognitiva e semântica**

De acordo com Langacker (1976), a hipótese fundamental da linguística cognitiva é a de que a base da semântica é a conceptualização e que interpretações semânticas de expressões linguísticas vão muito além da semântica vericondicional (Semântica Formal). Croft e Cruse (2009) argumentam que o papel da conceptualização em uma língua é claro uma vez que uma língua é capaz de produzir expressões completamente diferentes para o que aparentemente seria uma sentença vericondicional, mudando totalmente a conceptualização do ouvinte e mesmo seu *frame*.

Quanto ao *frame*, que é abordado detalhadamente a seguir, acontece quando todos os aspectos da expressão gramatical de uma dada situação envolvem a conceptualização de um jeito ou de outro. É a interpretação, por parte do ouvinte, que está sendo levada em conta neste momento. No entanto, as escolhas linguísticas, por parte do falante, não foram tão ingênuas e aleatórias assim, uma vez que o falante, o usuário proficiente da língua, conhece sua sintaxe e seu léxico suficientemente para saber que sua escolha ativará determinado *frame* e interpretação em seu ouvinte: “[...] conceptualizações favorecidas [...] levam à extensão para uma interpretação particular de uma situação que não (facilmente) permite interpretações alternativas”.<sup>15</sup> (CROFT; CRUSE, 2009, p. 42). É isso que será tratado mais adiante como enquadre excludente.

---

<sup>15</sup> Conforme original: “[...] favored conceptualizations [...] led to the extension for a particular construal to a situation that does not (easily) allow for alternative construals”. (CROFT; CRUSE, 2009, p. 42).

Para esses autores, há três características-chave da conceptualização: 1. categorias de fronteiras; 2. enquadres; 3. níveis de categorização. No caso das *category boundaries* (Croft e Cruse, 2009, p. 89) ou categorias de fronteiras, os autores apontam a questão de se colocar fronteiras diferentes, para as categorias, em contextos diferentes, dando exemplos para mostrar como é difícil aceitar a fixidez das categorias e apontando que diferentes sujeitos fazem diferentes julgamentos de onde se devem colocar as fronteiras e o mesmo sujeito fará diferentes julgamentos sob diferentes condições de contexto. Eles afirmam que há vários graus de conhecimento sobre uma fronteira (*levels*) e apostam em uma interpretação construída dinamicamente, *online construal* (Croft e Cruse, 2009, p. 40). Na verdade, eles não concordam muito com o modelo clássico de categorização e a questão das categorias conceituais serem definidas em termos de um conjunto de traços necessários e suficientes que acabavam não sendo satisfatórios.

Eles fazem uma crítica em relação à fixidez das categorias (*fixed categories*) e ilustram casos com experimentos de categorias *ad hoc* sem nomes convencionais (BARSALOU, 1983), nos quais os sujeitos foram capazes de criar novas categorias (coerentemente) com as mesmas características das categorias fixas, por exemplo:



**Figura 1- Representa como os sujeitos poderiam criar uma categoria ad hoc de animais com asas, por exemplo.**

Afirmam ainda que alguns autores apontam que os elementos com os quais um conceito (*concept*) é criado são a história passada, a história recente e o *input* corrente.

As experiências passadas e memórias acumuladas têm, sim, um efeito no jeito de conhecer as coisas. O que é experienciado vai incluir coisas como fatores contextuais, inferências e percepção. Isso também acompanha a linguagem: memórias de longo e curto prazo: ativação de cadeia de eventos (*stream of events*). Imaginemos a seguinte situação com o *frame* **feira de aniversário**: se somos convidados a uma festa, sabemos que antes de irmos teremos de providenciar o presente. Lá na festa, haverá o momento de cantar os parabéns para somente depois disso ter o bolo servido etc.

Outro exemplo em relação à ativação de memória é quando, por exemplo, estamos falando de **sapo** e, logo em seguida, falamos de **brejo**. Há uma sequência de assunto, vocabulário e, conseqüentemente, de *frames* que parece seguir um *stream of events*, mas se estamos falando de **sapo** e alguém imediatamente pergunta sobre **comida**, haverá um estranhamento no fluxo da conversa até que novos *frames* sejam acionados. Na próxima seção, a concepção de *frame* como evento fechado ou sequência de eventos, *stream of events*, é apresentada detalhadamente.

## 2.4 Frame e Enquadre Excludente

A concepção de *frame* como evento fechado ou sequência de eventos, *stream of events*, é apresentada por Fillmore (2006) e, de certa forma, deriva de Minsky (1968) com os estudos sobre Inteligência Artificial e a noção de perspectiva ou observação das faces de um cubo, a forma como se observa um cubo, uma perspectiva do todo. Deriva também de Goffman (1974) com os estudos em Sociologia Interacional. Ou seja, deriva da análise de situações de interação social e do papel de cada participante nessa interação, além de suas conseqüências como, por exemplo, o papel que cada participante irá assumir dependendo da forma com que cada um organiza a experiência através de enquadres.

O conceito de conceptualização (como interpretação) é essencial neste trabalho, uma vez que o trabalho completo pretende tratar da interpretação de metáforas sob uma perspectiva cognitiva de *frames*. Dessa forma, apontam-se as três características-chave da conceptualização mencionadas anteriormente em Croft e Cruse (2009).

Para linguística cognitiva, observam-se os Modelos Cognitivos Idealizados (ICM) ou *Frames* (LAKOFF, 1987) derivados da noção de *frames* que

[...] emerge em Fillmore (1975), dedicado a demonstrar as insuficiências do tratamento componencial de significação lexical – ou seja, as insuficiências da descrição do significado lexical em termos de uma lista de condições necessárias (os ‘componentes’, ou ‘traços semânticos’), cuja conjunção constituiria a condição suficiente para a pertinência de um lexema a uma dada categoria significativa. (SALOMÃO, 2009, p. 171).

Os ICM ou *frames* estão conectados aos “tijolinhos” da percepção humana: FIGURA, FUNDO, TRAJETÓRIA e MOVIMENTO. Esses são os elementos mínimos de significado, especificamente, para nossa representação de espaço e movimento. Nos exemplos (1) e (2), observa-se uma mesma cena sendo conceptualizada de duas formas diferentes, alternando-se a figura e o fundo.

- (1) A água está pingando da torneira.
- (2) A torneira está pingando água.

Uma das habilidades cognitivas humanas, já mencionada aqui, é a seleção ou a capacidade de se focar em determinada parte do que se experiencia e no que se acha que é relevante naquele momento. Da mesma forma, temos a capacidade de ignorar aspectos do que experienciamos e que consideramos não relevantes. “Atenção e saliência” (CROFT e CRUSE, 2009. p. 46 e 47) são capacidades cognitivas que estão diretamente relacionadas à seleção de uma coisa ou de outra dentro do nosso foco de atenção. Podemos escolher, dentro de uma cena, em que vamos nos concentrar e o que vamos ignorar. Para Pinker (2008),

[...] dependendo de como descrevemos um evento mentalmente para nós mesmos, o que por sua vez depende de no que escolhemos nos concentrar e ignorar e a capacidade de enquadrar um fato de formas autoexcludentes [...] é também uma fonte da riqueza da vida intelectual humana. (PINKER, 2008, p. 17).

Perceber o mundo cognitivamente e ter a capacidade de enquadrá-lo, escolhendo determinado léxico, com o intuito de se ativar uma certa interpretação ou *construal* por parte do ouvinte, não tem nada de ingênuo. Assim, o que mais chama a atenção dos estudos cognitivos relacionados ao *frame* é “a capacidade da mente de passar de um enquadramento a outro” (PINKER, 2008, p. 42) e “nossas palavras e construções revelam concepções da realidade física e vida social humana que são semelhantes em todas as culturas, mas diferentes dos produtos de nossa ciência e de nossa intelectualidade”. (PINKER, 2008, p. 39). Por essa razão, diante da possibilidade de um enquadre excludente proposital ou, dito de outra forma, diante da escolha de determinado léxico por parte do falante com o intuito de chamar a atenção do ouvinte para determinada interpretação específica do que foi dito, uma das características básicas de nossos processos mentais apontadas por Pinker é a capacidade de a mente empregar um conjunto de enquadres rivais. Para Pinker,

Aqui vemos que esse poder é tão predominante que não é só recrutado em discussões acaloradas, como invadir o Iraque *versus* liberar o Iraque, ou manipular uma bola de células *versus* matar uma pessoa, casos que ninguém se surpreende com a possibilidade de perspectivas diferentes. (PINKER, 2008, p. 62).

Parece-nos que a simples escolha do verbo passa a não ser uma escolha tão simples assim. É como se houvesse uma perspectiva, sugerida pela escolha de determinada palavra, agregada ao *frame* desejado pelo falante (ou enquadre excludente), o qual intuitivamente sabendo que todo nosso conhecimento é estruturado através de *frames*, relacionados diretamente à linguagem através da unidade lexical (UL), sabe também que essa UL escolhida evocará o *frame* por ele desejado. Os elementos de *frames* nucleares serão, por exemplo, partes do corpo, experienciador, evento, frequência, lugar, tempo, gravidade etc. Moura (2013) apud Salomão (2009) cita que “os elementos do *frame*, na versão mais recente da teoria, são de fato funções microtemáticas, postuladas em relação ao *frame* a que se referem (SALOMÃO, 2009, p. 173)”.



Um *frame* não está isolado, é uma REDE. Tudo que fazemos com a linguagem reflete em outros módulos mentais, os quais se articulam, interagem. Há uma interface entre eles. Assim, a sintaxe é um reflexo da semântica. Em sua obra, “Do que é feito o pensamento”, Pinker (2008) desenvolve a teoria de que a mente é capaz de focar alguns aspectos da realidade de forma bem particular. Ele chama esse enfoque de zoom mental e para expô-lo, de forma atraente, estabelece alguns paralelos entre a representação que os humanos têm de tempo e espaço. Afirma que o mesmo raciocínio que se atribui ao tempo também se atribui ao espaço.

Um dos paralelos é o de *indivíduos* e *agregados*: como se a mente fosse capaz de focar (através do zoom mental) ou os *indivíduos*, separadamente, ou os *conjuntos*. Por exemplo: *seixo* e *cascalho*. Essa é uma importante característica do que Pinker chama de enquadramento (PINKER, 2008, p. 17).

Pinker (2008) ressalta a capacidade da mente de passar de um enquadre a outro. Apresenta alguns exemplos da *gestalt* para mostrar a importância do enquadramento para se entenderem as construções. Para ele, interpretar e reinterpretar são poderes básicos da cognição.

Este trabalho propõe que a interpretação das metáforas é guiada por restrições contextuais, lexicais e cognitivas. O que é importante esclarecer aqui é que a proposta desta tese aponta para o fato de as restrições contribuírem para definir o enquadre. A seguir, são apresentadas algumas diferenças entre as línguas e os diferentes padrões de lexicalização, a estrutura conceptual e as diferentes representações semânticas das línguas. Esses elementos podem ser considerados como essenciais para ativação de determinados *frames*. A questão do enquadre está ligada, na teoria da metáfora, à questão da focalização e focalização significa que a descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio-alvo e esconde outros, princípio já apresentado em Lakoff e Johnson (1980).

## **2.5 As diferenças entre as línguas, as línguas e os diferentes padrões de lexicalização, a estrutura conceptual e as diferentes representações semânticas das línguas**

Em Talmy (2003), há uma comparação entre algumas línguas humanas e os seus diferentes padrões de lexicalização, suas estruturas conceptuais e as diferentes representações semânticas em cada língua. O autor foca a interface entre a estrutura cognitiva e a estrutura semântica,

fazendo um estudo tipológico dessas várias línguas. Esse tópico relaciona-se com os objetivos desta tese porque a mesma apoia a teoria de que se escolher o léxico é o mesmo que ativar um determinado *frame*.

Esse trabalho de Talmy se concentra nos estudos de aspectos verbais. Observa-se em Talmy (2003) como se dá sua classificação de macroevento, apontando que essa estrutura reflete um esquema conceptual (cognitivo) bem definido. Ele se concentra no campo do domínio do MOVIMENTO e estuda o que os verbos codificam.

Opondo-se à Teoria Gerativa, a qual se centraliza na sintaxe, Talmy (2003) e Jackendoff (1983) não concordam que possa haver apenas estruturas sintáticas, mas defendem que deva haver estruturas semânticas também. Assim, a linguagem não pode estar desligada dos outros aspectos cognitivos. A linguagem apresenta relação com outros sistemas (módulos) cognitivos, como a visão, por exemplo através da relação FIGURA/FUNDO<sup>16</sup>, ou melhor, uma interface cognitiva e semântica ou de cognição e gramática já mencionados anteriormente na seção 2.3. Esse mesmo posicionamento é compartilhado por vários outros teóricos, os quais também se “afastam do gerativismo ao postularem a continuidade entre a linguagem e as demais capacidades cognitivas (SALOMÃO, 2009)”.

Em “Toward a Cognitive Semantics”, Talmy (2003) apresenta uma tipologia de uma integração de eventos. Quando se estudam verbos, na verdade, estudam-se eventos. O fluxo do tempo é contínuo, mas separado em eventos, arbitrariamente e cognitivamente. Há dois tipos básicos de eventos: estado e processo. Por exemplo: a) *A luz está acesa.* (estado); b) *Acendeu a luz.* (processo); c) *A luz continua acesa.* (estado que perdura). O autor propõe observar como se segmenta o contínuo do tempo em entidades (eventos), contando-os e também como juntá-los em uma só proposição – macroevento ou evento complexo.

As diferentes línguas humanas têm a capacidade de fundir esses eventos, expressando-os em um único macroevento. Por causa da capacidade cognitiva de perceber estruturas que são parte de um todo, percebe-se um todo formado por partes: relação metonímica ou relação parte-todo e, por causa da relação figura-fundo, consegue-se lidar com o mundo. Concentra-se no foco e deixa-se o fundo da cena agir como um ponto de referência. Esta é mais uma relação da estrutura cognitiva

---

<sup>16</sup> Muitos teóricos da linguística cognitiva são também evolucionistas e acreditam que a percepção visual é anterior e que a língua herdou estruturas da percepção física.

humana, que serve para vários domínios: quando se olha para uma cena, não se vê tudo. Há o essencial, o foco, e o outro, o *ground*. Tudo que se faz na linguagem reflete outros módulos mentais que se articulam e interagem.

Talmy também fala de dois tipos de categorias ontológicas: i) o núcleo do evento é expresso no verbo e ii) o núcleo do evento é expresso num satélite do verbo. Para isso, o autor apontará exemplos da língua inglesa, uma vez que o inglês, por exemplo, apresenta uma construção comum de fundir dois eventos e marcar um deles na preposição ou satélite. O satélite (em itálico) expressa:

- a) O trajeto (path) num evento de MOVIMENTO: The ball rolled *in*.
- b) O aspecto em um evento de DELINEAMENTO TEMPORAL: They talked *on*.
- c) A propriedade alterada num evento de MUDANÇA DE ESTADO: The candle blew *out*.
- d) A correlação de ação num evento de CORRELAÇÃO DE AÇÃO: She sang *along*.
- e) A confirmação num EVENTO DE REALIZAÇÃO: The police hunted the fugitive *down*<sup>17</sup>.

Para essa estrutura eventiva, os seres humanos consideram um evento em várias partes e focalizam diferentes partes. Em relação à identificação de uma entidade num contínuo, um evento pode ser estruturado em partes e isso se reflete também na estrutura sintática: um macroevento, ou melhor, evento principal + evento subordinado. Integração de eventos: o exemplo das causativas, macroevento: integração de eventos e representação por uma única sentença. Em língua portuguesa, utiliza-se uma oração subordinada, enfatizando-se o resultado:

(3) A vela apagou porque alguma coisa soprou sobre ela.<sup>18</sup>

- a) **A vela apagou:** evento principal
- b) **porque:** relação de subordinação

<sup>17</sup> A língua portuguesa apresenta construções compostas por verbos e advérbios para essa estrutura.

<sup>18</sup> Exemplo em língua portuguesa apresentado pelo professor Heronides Moura.

c) **alguma coisa soprou sobre ela:** evento subordinado

O evento principal é o evento de *frame* (define uma estrutura temporal, que pode se aplicar a diferentes domínios) e estrutura o resto do evento. O evento principal organiza a estrutura conceptual do macroevento, por isso é o evento de *frame*, e o evento subordinado tende a ser mais concreto e específico. São quatro os componentes do evento principal: 1) a entidade que é a figura: foco da cena verbal; 2) a entidade que é o fundo (*ground*): serve de referência para a figura; 3) o processo de ativação: equivale ao fator de dinamismo do evento: Movimento → estar parado; e 4) a função de associação: o tipo de relação entre a figura e o fundo.

(4) Movimento: *The ball rolled in.*

- 1) Figura: bola
- 2) *Ground*: ponto de referência
- 3) Processo de ativação: movimento
- 4) Associação: trajeto

A tipologia para marcação de macroeventos, segundo Talmy (2003) é: i) o evento principal é expresso pelo verbo e ii) o evento principal é expresso por um satélite do verbo (preposições ligadas ao verbo, prefixos etc.). São exemplos de marcação no verbo: línguas românicas (inclusive português), semíticas, japonês, línguas bantu. Como exemplos de marcação no satélite do verbo, temos: línguas indo-europeias (com exceção das românicas) e chinês. Nas línguas com marcação no satélite, o verbo principal exprime o evento secundário: *The ball rolled in.* Nas línguas com marcação no verbo, o evento secundário é marcado numa subordinada: *A bola entrou rolando.* Observa-se a interface entre as estruturas sintática e semântica.

O que se percebe é que as línguas dão forma às estruturas cognitivas, antes mesmo da lexicalização acontecer. A forma como se percebe o mundo é uma afirmação universal. O chinês é uma língua diferente do português, no entanto, falantes dessas duas línguas podem perceber o mundo da mesma forma. A estrutura cognitiva não está somente ligada à linguagem, mas a outros módulos da mente. Se se

juntam duas coisas é por alguma razão. Tudo isso está calcado num modelo cognitivo maior: MOVIMENTO<sup>19</sup>.

Em relação ao aspecto, observa-se uma correlação de ação:

(5) Ele saiu cantando.

- 1) Figura: ele
- 2) Evento principal: sair
- 3) Evento subordinado: cantando (modo)<sup>20</sup>
- 4) Ativação: movimento
- 5) Associação: correlação de ação

No exemplo (5), vê-se claramente uma associação: correlação de eventos: um evento principal (SAIU) e um evento subordinado (CANTANDO). Vê-se ELE como figura, ou objeto principal (não é o evento) e vê-se SAIU CANTANDO como proposição que indica movimento. Qual é o *ground* em relação à figura? Um lugar, um ponto de referência, de onde ele saiu. Isso mostra que se trata de uma proposição de movimento.

No exemplo (6), observa-se uma só unidade conceptual: deslocamento de objeto, transferência de propriedade, transferência de conteúdos, quatro domínios, um só esquema. A posse é interpretada como transferência de objeto. Há um agente, há um objeto e um ponto para o qual se vai: uma ampliação de domínios dentro do mesmo esquema conceptual:

- (6)
- a) Entreguei um livro para Maria.
  - b) Dei um livro para Maria.
  - c) Dei um conselho para Maria.
  - d) Dei uma informação para Maria.

Já foi mencionado que os tijolos da percepção são: FIGURA, FUNDO, TRAJETÓRIA e MOVIMENTO. Esses são os elementos mínimos de significado. O movimento é protótipo do esquema cognitivo (TALMY, 2003, p. 227). No aspecto, a estrutura temporal é igual à estrutura espacial, por exemplo:

---

<sup>19</sup> Pensando a linguagem através de uma perspectiva evolutiva, vê-se que o movimento é anterior à sensação.

<sup>20</sup> A subordinação cognitiva se revela na subordinação sintática.

- (7) Eles continuam conversando.  
*They talked on.* (espaço e tempo)

Gramaticalmente, o aspecto pode ser expresso, em muitas línguas, como um verbo. Observa-se agora um caso de mudança de estado, organizado como em (8) e (9). Apesar de os verbos serem diferentes, as sentenças apresentam o mesmo esquema de movimento.

- (8) *She went to sleep.*  
 Ela caiu no sono.
- (9) *She went to the beach.*  
 Ela caiu na praia.

Esquema de movimento:

- 1) Indivíduo: figura
- 2) Propriedade: *ground*
- 3) Ativação: mudança (ou continuação) do estado
- 4) O indivíduo se desloca de um estado para o outro

Note que *praia* é o *ground* do deslocamento<sup>21</sup> e a propriedade é vista como *ground*: ESTADO, ou seja, o esquema é TRAJETO + *GROUND*, num esquema de movimento.

Mudança de estado tem a ver com aspecto, como se pode observar em (10) e (11):

- (10) The log burned up in one hour.  
 (Perfectivo. Téliico, com finalização).
- (11) \*the log burned (for 30 minutes).  
 (Imperfectivo. Atéliico, sem finalização).

Há evidência de que o satélite expressa o evento principal e de que determina o aspecto:

- (12) The bottle floated across the entire canal in 10 minutes.

---

<sup>21</sup> Dependendo de uma situação estática ou dinâmica, o *ground* é mudado e na mudança de estado o *ground* é o próprio estado.

Se a expressão *in 10 minutes* fosse trocada por *for 10 minutes*, essa expressão, de atélico (flutuar) passaria a télico.

As línguas variam no que elas gramaticalizam. Uma mesma estrutura semântica poder ser representada por várias estruturas sintáticas. Observa-se o conceito de negação da língua inglesa, o qual apresenta diversas manifestações, conforme ilustrado em (13):

- (13)      a) I will not go (advérbio)  
             b) No money (adjetivo)  
             c) Unkind (prefixo)

Croft e Cruse (2009) comparam exemplos de *frames* nos quais se contrastam diferentes expressões lexicais que aparentemente seriam equivalentes, como: *dad/father* e *spend/waste*. Os referidos autores asseveram ainda que há situações em que se favorece claramente uma conceptualização, ou interpretação, como fora proposto no início deste trabalho.

Viu-se também que se tem de levar em conta os tijolinhos da percepção, FIGURA, FUNDO, TRAJETÓRIA e MOVIMENTO, porque eles são os elementos mínimos do significado que são codificados sintaticamente, dependendo da forma pela qual a língua se lexicaliza e levando-se em conta que a estrutura conceptual é mais rica que a estrutura sintática. A lexicalização também acontece através de uma relação regular entre forma e significado. É aquilo que não é aleatório, mas padrão. As línguas apresentam formas diferentes de lexicalizar o *frame* de MOVIMENTO e também podem lexicalizar conteúdos distintos. Dentro da mesma língua também pode haver diferentes padrões de lexicalização.

No exposto acima, observou-se a noção de *frame* e destacou-se o enquadre excludente apontado por Pinker (2008). Apontou-se ainda que as línguas são diferentes e que seu léxico reflete padrões de lexicalização organizados através de uma interface cognitiva e semântica. As línguas humanas lexicalizam-se de forma diferente e escolher o léxico é ativar um *frame* ou uma rede de *frames*. Assim, o enquadre excludente é proposital, intencional e não é ingênuo. Ao se lexicalizar, define-se o *frame* desejável. Com isso, podemos concluir que lexicalizar é uma atividade cognitiva decisiva para a conceptualização ou interpretação. Na próxima seção, trata-se da interpretação das metáforas.

## 2.6 A interpretação das metáforas

A interpretação, ou processamento, da metáfora constitui-se como a parte central desta tese porque aqui foi proposto que, diante de uma instância metafórica, a sua interpretação é determinada por restrições lexicais, cognitivas e contextuais. Para Moura (2007, p. 418), a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, o qual define um padrão de interpretação.

Pinker (2008) afirma que o falante escolhe em que ele vai se concentrar ao descrever uma cena, decidindo, por exemplo, o que vai focalizar e o que vai ignorar. Pinker fala sobre a capacidade humana de enquadrar um fato de forma autoexcludente. Assim, enxergar o enquadramento e a escolha do falante é essencial para que o ouvinte atente às posições de tópico e de veículo e, através de pistas linguísticas, chegue à interpretação da metáfora. É sob essa perspectiva que, neste trabalho, se propôs definir o *frame* escolhido pelo falante em determinada metáfora através de um experimento e verificar a viabilidade de outras possibilidades de *frames*.

As línguas são diferentes e seus léxicos refletem padrões de lexicalização organizados através de uma interface cognitiva e semântica. As línguas humanas lexicalizam-se de forma diferente e escolher o léxico é ativar um *frame* ou uma rede de *frames*.

A análise prévia dos resultados colhidos através dos experimentos do estudo piloto deste trabalho apontava que, de acordo com a convenção de uso (GRICE, 1989; SEARLE, 1993), o significado da metáfora corresponde a um sentido do falante. Isso quer dizer que dar sentido a uma metáfora é recuperar o sentido que o falante quis dar a esse uso não literal. Assim, o significado metafórico é uma inferência pragmática. No entanto, esta tese posiciona-se ao lado de Moura (2007, p. 17), para quem padrões linguísticos governam a interpretação, observando as convenções de conotação e denotação, propondo que haverá restrições de ordem, não somente pragmática ou contextual, mas lexical e cognitiva, ou seja, *frames*.

Só restava observar se houve a interpretação porque apareceu uma paráfrase legítima ou, pelo menos, mais próxima daquilo que tinha sido enquadrado pelo falante. Moura propõe que a questão da paráfrase é uma questão de grau e sugere um desempacotamento, ou seja, se a paráfrase está mais ou menos próxima do que o falante enquadrara. Para Moura (2007, p. 418), a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, o qual define um padrão de interpretação. Em seu livro “Significação e Contexto: uma introdução a questões de



semântica e pragmática”, Moura (2006) procura estabelecer uma interface entre a semântica e a pragmática e, para isso, adota a perspectiva de que “a noção de contexto pode receber um tratamento semântico, de modo que tópicos tradicionalmente considerados como pragmáticos passam a ser relevantes para os estudos da significação (MOURA, 2006, p. 9)”.

Como o próprio Moura afirma, “a fronteira entre semântica e pragmática é normalmente traçada a partir da noção de contexto. A significação que independe de contexto é colocada no campo da semântica, e a significação contextualmente dependente é colocada no campo da pragmática (MOURA, 2006, p. 10)”. Contudo, ainda é afirmado por Moura que:

Quando analisamos em detalhes os diferentes elementos contextuais que afetam o uso da linguagem, a primeira ideia a cair por terra é que todo fator contextual é de natureza pragmática. O sentido (constituído no componente semântico) pode abranger diferentes elementos contextuais. (MOURA, 2006, p. 66).

Desse modo, para o presente trabalho, assim como em Moura (2006), manteve-se a noção de contexto como ferramenta de trabalho semântico e não apenas pragmático, a fim de suportar uma das ideias defendidas nesta tese: a de que restrições contextuais podem exercer papéis decisivos na interpretação de metáforas.

Elementos contextuais como “conhecimento compartilhado, o conjunto de proposições proferidas, os referentes discursivos e o contexto de uso das expressões referenciais são relevantes para o tratamento da pressuposição, da anáfora e da referência linguística, por exemplo (MOURA, 2003, p. 9)”.

Na obra citada acima, Moura aponta elementos contextuais como sendo relevantes, sendo o conhecimento compartilhado o primeiro elemento contextual apontado. Para a perspectiva adotada aqui, esse elemento pode ser adequadamente comparado à experiência de *frame* ao se propor as restrições para o *construal* de interpretações das instâncias metafóricas que para esta pesquisa foram selecionadas.

O segundo elemento contextual, o conjunto de proposições proferidas, podia ser comparado ao conteúdo proposicional, pois:

A proposição correspondente ao conteúdo semântico de uma sentença, envolve tudo aquilo

que é relevante para a descrição de um certo estado de coisas no mundo. O que não for relevante, na sentença, para essa representação de um estado de coisas, deve ser excluído do conteúdo proposicional. (MOURA, 2006, p. 11).

Uma das habilidades cognitivas humanas é a capacidade de seleção ou a capacidade de se focar em determinada parte do que se experiencia e no que se acha que é relevante naquele momento, como dito anteriormente. Ao interpretar determinada sentença, a ativação dos pressupostos, devido a essa capacidade, “vai depender estritamente do conhecimento compartilhado dos interlocutores, o que indica que esse conhecimento pode variar de pessoa para pessoa”. (MOURA, 2006, p. 26). Essa seria mais uma confirmação de que o *frame* de experiência ativado contextualmente, o léxico e a capacidade de seleção humana constituiriam as restrições contextuais, lexicais e cognitivas presentes no momento do *construal* de uma interpretação.

Para Moura, assim como para Croft e Cruse (2003), “esse contexto é então dinâmico, sendo alternado pelo processamento da conversação”. (MOURA, 2003, p. 45). Para Croft e Cruse, como será apontado mais adiante, o contexto pode ser aumentado, tanto através da incorporação dos pressupostos das sentenças enunciadas, quanto pela incorporação de informações novas contidas nas próprias sentenças enunciadas. Isso também pode ser visto como mais uma evidência de que restrições contextuais de interpretação podem surgir com o fluxo conversacional.

Para a linguística cognitiva, a interpretação semântica de uma expressão linguística tem como base uma conceptualização e está ligada a todas as outras habilidades cognitivas humanas. Assim, a faculdade da linguagem, de forma alguma, estaria isolada ou seria uma faculdade autônoma.

Conceptualização ou processo de conceptualização são também conhecidos no campo da linguística cognitiva como *construal operations*. O presente trabalho não ambicionou fazer uma tradução literal do termo em inglês, mas reconhece que os conceitos de “conceptualização”, “interpretação” e “construção de significado” apresentam uma similaridade e propõem a conectividade das várias habilidades cognitivas envolvidas em um único propósito: “quando produzimos uma sentença, nós inconscientemente estruturamos cada

aspecto da experiência que pretendemos transmitir”. (CROFT; CRUSE, 2009, p. 40)<sup>22</sup>.

A organização e a recuperação do conhecimento linguístico não são significativamente diferentes da organização e da recuperação de outros conhecimentos na mente, e as habilidades cognitivas que se aplicam a falar e a compreender a linguagem não são significativamente diferentes daquelas aplicadas a outras tarefas cognitivas, tais como atividade visual, raciocínio, percepção ou motricidade. (CROFT; CRUSE, 2009, p. 2)<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> A citação com a palavra “**inconscientemente**” utilizada por Croft e Cruse na citação traduzida acima, do original: “Whenever we utter a sentence, we unconsciously structure every aspect of the experience we intend to convey.” (CROFT; CRUSE, 2009, p. 40), foi inserida para situar este estudo dentro da teoria da linguística cognitiva no sentido de demonstrar que a linguagem não é um módulo apartado de outros módulos cognitivos. Creio que o que os autores quiseram dizer com “inconscientemente” não diz necessariamente respeito a ondas alfa ou a processamento cognitivo anterior a 200 milissegundos. O que os autores quiseram dizer é que ao escolher o léxico, por exemplo, levaremos em conta aspectos da nossa experiência cognitiva, sem obrigatoriamente refletir ou calcular sobre isso, a fim de tentarmos nos expressar melhor. Um dos textos que inauguraram o estudo de metáforas sob a perspectiva da linguística cognitiva foi o texto de Reddy (1979) sobre a metáfora do conduto para se falar da própria linguagem e do fato de que, quando nos comunicamos com outras pessoas, utilizamos termos abstratos como ideias, pensamentos sendo transferidos para *containers* (frases, sentenças etc.). Esse seria um exemplo do mundo que experienciamos sendo colocado em expressões linguísticas sem que os falantes se deem conta de que o estão fazendo. É nesse sentido, acredito, que se deve interpretar o “inconscientemente” de Croft e Cruse. Outro aspecto a ser considerado é que a citação refere-se ao processo de construção (*utter*) de uma sentença e não de interpretação, sendo a interpretação o foco deste trabalho.

<sup>23</sup> Conforme original: “The organization and retrieval of linguistic knowledge is not significantly different from the organization and retrieval of other knowledge in the mind, and the cognitive abilities that we apply to speaking and understanding language are not significantly different from those applied to other cognitive tasks, such as visual perception, reasoning or motor activity.” (CROFT; CRUSE, 2009, p. 2).

Quando se trata de conceptualização, outro conceito importante para a linguística cognitiva é o conceito de esquemas imagéticos, os quais “estruturam experiência corporal (TALMY, 1972, 1977, 1983) e nossa experiência não corporal, via metáfora”. (LAKOFF, 1987, p. 453; JOHNSON, 1987, p. 29; CROFT; CRUSE, 2009, p. 44).

Sustentam Lakoff & Johnson (2002) que os sistemas conceptuais humanos fundam-se em nossa experiência física e cultural. Sobre a forma como isso se dá, Lakoff (1987, p. 269) explica que tais sistemas têm uma “dupla fundação”, dois tipos de conceitos fundantes que advêm de nossas experiências físicas mais básicas: *esquemas imagéticos*, relacionados ao deslocamento do corpo no espaço, e *categorias de nível básico*, ligadas à manipulação de objetos. (ANDRADE, 2008, p. 14).

De acordo com Croft e Cruse (2009), o processo de atenção é um fenômeno cognitivo básico bem conhecido da psicologia cognitiva e a atenção também aparece em graus e é geralmente moldada em termos de grau de ativação de estruturas em um modelo de rede neural da mente. (CROFT; CRUSE, 2009, p. 46-47). Dito de outra forma, por causa da capacidade básica cognitiva humana de perceber o mundo à sua volta, o ser humano também tem a habilidade de selecionar, dentro de uma dada experiência, em que aspectos ele irá focar sua atenção.

Envolve-se a questão de ativação gradual também porque, ao se selecionar onde colocar o foco de atenção, prioriza-se um aspecto de uma cena em vez de outro. Nota-se que esse detalhe da capacidade cognitiva humana pode ser comparado ao que Pinker (2008) denominou de zoom mental e que já fora mencionado anteriormente neste trabalho. Da mesma forma, poder-se-ia comparar essa característica de priorizar uma coisa a outra ao que Pinker (2008) chama de enquadre excludente. “O fenômeno de enquadramento de um conceito semanticamente [...] é um exemplo de seleção. Na maioria dos casos, as palavras diferentes em uma estrutura semântica ou domínio concentram nossa atenção em diferentes elementos do *frame*.” (CROFT; CRUSE, 2009, p. 47).<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Conforme original: “The phenomenon of profiling a concept in a semantic frame [...] is an example of selection. In most cases, different words in a semantic frame or domain focus our attention on different elements in the frame.” (CROFT; CRUSE, 2009, p. 47).

A própria metonímia, para a linguística cognitiva, demonstra a habilidade de um falante para selecionar um conceito contextualmente diferente daquele geralmente simbolizado pela palavra dentro dos domínios. (CROFT; CRUSE, 2009, p. 48).

Como a proposta desta tese é apontar as restrições ativadoras de determinadas conceptualizações bem como apontar que essas restrições se dão em níveis contextuais, cognitivos e lexicais, vale observar como Croft e Cruse, ao citarem Langacker (1984), descrevem a análise de uma zona ativa através de exemplos de predicação relacional que ocorrem com verbo, adjetivo, advérbio ou preposição e mostram que esses itens lexicais e gramaticais ajustam seus significados para acomodar seu argumento semântico. Observe os exemplos abaixo:

(17) O garoto é um **bom** aluno.

(18) O **bom** entrou na sala.

No exemplo (17), temos a palavra “bom” fazendo papel de adjetivo, predicando o argumento “aluno”, e no exemplo (18), através do que a gramática tradicional da língua portuguesa chama de derivação imprópria, temos o adjetivo “bom” fazendo papel de substantivo, ou melhor, do próprio argumento.

Os exemplos (19) de Langacker mencionados por Croft e Cruse (2009, p. 49) abaixo mostram que a diferença que se dá entre essas sentenças não é simplesmente sintática, podendo-se afirmar que essa diferença de *construal* acaba por ativar conceptualizações de uma cena de formas completamente diferentes, conforme fora visto ao se estudar a alternância da figura e do fundo, como uma das habilidades cognitivas humanas de seleção<sup>25</sup>:

(19) a) *To play Monopoly is fun.*

b) *Monopoly is fun to play.*

c) *Monopoly is fun.*

Com isso, percebe-se que determinada interpretação é ativada pelo escopo de atenção “o que é selecionado é rodeado por um espaço

---

<sup>25</sup> Optei por não traduzir esses exemplos para língua portuguesa por julgar que a tradução não apontaria as mesmas características morfossintáticas mostradas pelos autores.

de atenção, ou seja, uma periferia de consciência em que as entidades estão acessíveis à atenção”<sup>26, 27</sup> (CHAFE, 1994, p. 29).

Segundo Langacker (2004), esquemas são abstrações formadas em nossa memória devido aos padrões que nossas experiências assistem recorrentemente e que acabam por estruturar nossa cognição. Para ele, também, os falantes podem recuperar esses padrões automaticamente em qualquer situação. Essa situação não tem de ser necessariamente linguística, porém é na linguagem que podemos percebê-la de forma mais clara.

Johnson (1987) também chama essa capacidade humana de imprimir em nossa mente abstratamente essa experiência corpórea em relação ao ambiente de esquemas imagéticos e dá exemplos de como essas experiências são organizadas como *gestalts*: *containers*, *partes-todo*, *centro-periferia*, *trajeto* etc. Para Langacker (2001, 1987), os seres humanos também são dotados geneticamente da capacidade de esquematização. Assim, podem assumir diferentes pontos de vista e orientações em relação a uma cena.

Para este trabalho, os esquemas imagéticos, potencialmente criados pela relação de ponto de vista e orientação, acionados pelos itens lexicais que ocorrem na posição de tópico e veículo, foram analisados e testados como possíveis restrições cognitivas que podem contribuir de forma relativa para o processamento de metáforas.

Diante da teoria exposta, assume-se, neste trabalho, que a língua, de um modo geral, e a metáfora, de um modo específico, oferecem formas de fazer enquadres conceituais. Esses enquadres apresentam várias características:

- (a) Focalizam certos aspectos e escondem outros.
- (b) Enquadres são formas de ativar a atenção sobre certos aspectos.

---

<sup>26</sup> Conforme original: “What is selected is surrounded by a scope of attention, that is, a periphery of consciousness where entities are accessible to attention.” (CHAFE, 1994, p. 29).

<sup>27</sup> Mais uma vez acredito que seja importante esclarecer que mesmo que se trate de uma tese psicolinguística, o uso do termo “consciência” não diz respeito ao seu sentido *stricto sensu*. É antes uma prova da sutileza de troca de *frames* que há ao se utilizar o léxico em posições sintáticas diferentes sem necessariamente se refletir sobre essa operação.

(c) Manifestam-se também através de estruturas gramaticais e lexicais distintas, dentro de uma língua ou de forma interlinguística. (os padrões de lexicalização são exemplos de enquadres interlinguísticos).

(d) Os enquadres correspondem a esquemas conceituais, mas esses esquemas conceituais não são fixos. Eles dependem do *construal* do significado num dado contexto (Croft).

(e) Enquadres podem estar estruturados em esquemas imagéticos.

(f) Os enquadres devem ser interpretados (não são dados a priori). Assim, sofrem pressão de várias restrições para a interpretação.

Desta forma, pretende-se ligar as restrições estudadas a algumas dessas características.

1) Restrições lexicais. A escolha de uma palavra ativa certos enquadres (característica (c) acima).

2) Restrições cognitivas (imagéticas). Característica (e) acima.

3) Restrições contextuais. Característica (d) acima. Se o enquadre depende de um construal, então o contexto é muito relevante.

O próximo capítulo apresenta a metodologia adotada no presente estudo.





“Metáfora é uma parte significativa dos sistemas conceptuais cotidianos das pessoas. A metáfora conceptual e sua relação com a expressão linguística é a área central de investigação para linguistas cognitivos que estão interessados em metáfora [...]. Nem todas as pessoas possuem o mesmo grau conceptual de elaboração detalhada para cada metáfora como é sugerido pela análise linguística.” (STEEN e GIBBS, 2001, p. 2-3).<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Conforme original: “Metaphor is a significant part of people’s everyday conceptual systems. The conceptual metaphor and its relation to linguistic expression is the central area of investigation for cognitive linguists who are interested in metaphor [...] not every person possesses the same conceptual degree of detailed elaboration as it is suggested by linguistic analysis. ” (STEEN e GIBBS, 2001, p. 2-3).



### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Universo da pesquisa e participantes

Neste capítulo são descritos a metodologia e o universo da pesquisa realizada: a população-alvo – os participantes; os instrumentos de pesquisa caracterizados nos materiais utilizados; os procedimentos de coleta de dados, tanto o levantamento do *corpus* das instâncias metafóricas selecionadas quanto a coleta de dados derivados da aplicação dos testes com os participantes, os procedimentos de análise estatística desses dados e, por fim, o estudo piloto que foi conduzido a fim de se testar os instrumentos que seriam utilizados para o presente estudo e os resultados desse procedimento, assim como as modificações feitas após a pilotagem e exame de qualificação.

Para os objetivos deste trabalho, já mencionados na introdução – i. investigar se e quando as restrições cognitivas, lexicais e contextuais têm papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas; ii. identificar as restrições que permitem ao ouvinte interpretar o enquadre da metáfora, para responder às perguntas deste estudo e para a realização da pesquisa empírica desta tese de doutorado, foi realizado um experimento composto por três tarefas interligadas. As perguntas de pesquisa do presente trabalho são: 1. O esquema imagético, o *priming* lexical e o contexto influenciam a interpretação da metáfora? 2. Qual é a contribuição relativa (CR) de cada um deles para a interpretação? Para cada instância metafórica, foram aplicadas três tarefas com cada um dos participantes selecionados para esta pesquisa.

As três tarefas foram as seguintes: 1) tarefa de restrição cognitiva, 2) tarefa de restrição lexical e 3) tarefa de restrição contextual. A tarefa de restrição cognitiva apresenta uma metáfora seguida de um esquema puramente imagético como *priming* (uma animação) a fim de se motivar uma restrição de nível abstrato na escolha da resposta que o participante deveria subsequentemente realizar. Este tipo de *priming* tem o intuito de ativar representações puramente imagéticas e abstratas completamente desvinculadas do sistema linguístico verbal. A tarefa de restrição lexical apresenta uma metáfora seguida de uma palavra-chave como *priming* a fim de se motivar uma restrição de nível lexical na escolha da resposta que o participante deveria realizar em seguida. Finalmente, a tarefa de restrição contextual apresenta diretamente uma metáfora contextualizada como *priming* a fim de se motivar uma restrição contextual da metáfora na resposta que o participante deveria realizar posteriormente. A

arquitetura das tarefas é descrita detalhadamente na seção 3.3 deste capítulo.

Quanto aos participantes, foram selecionadas 42 pessoas, sendo 21 do sexo feminino e 21 do sexo masculino, adultos, universitários – graduandos e pós-graduandos, alguns deles possuem ou estão frequentando mais de um curso. O objetivo da escolha desse perfil de participantes foi obter participantes com acesso a vários meios de informação e leitura, para que eles possivelmente tivessem tido contato com uma diversidade de metáforas e de expressões idiomáticas correntes na língua portuguesa do Brasil. Para a pilotagem dos experimentos, foram considerados outros 11 participantes, perfazendo um total de 53 pessoas que participaram voluntariamente do estudo.

Esses participantes foram contactados pessoalmente através de um convite informal para que comparecessem ao laboratório do NES (Núcleo de Estudos em Semântica Lexical). Eles foram convidados tanto por mim quanto pelo próprio Professor Heronides Moura e ao chegar ao laboratório eles responderam um questionário informativo e também leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cópias desses documentos, questionário e TCLE, encontram-se nos anexos 7.5 e 7.6 desta tese.

### 3.2 Materiais

Para o experimento conduzido nesta pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais: 1. as tarefas aplicadas tanto no experimento quanto no estudo piloto foram programadas no *software* específico para o desenvolvimento de tarefas psicológicas *E-Prime v2.0 Professional*<sup>29</sup> (SCHNEIDER, ESCHMAN, & ZUCCOLOTTO, 2007), desenvolvido pela *Psychology Software Tools, Inc.* (PSTNET) (<http://www.pstnet.com/eprime.cfm>). 2. as tarefas, já mencionadas na seção anterior, foram apresentadas aos participantes em um computador portátil de 14 polegadas (SAMSUNG, RV420) e foram desenvolvidas

---

<sup>29</sup> A licença do *E-Prime 2.0 Professional*, software utilizado para os experimentos desta pesquisa, foi autorizada pela Professora Doutora Mailce Borges Mota, coordenadora do Laboratório da Linguagem e Processos Cognitivos da UFSC e coorientadora deste projeto de tese. Os experimentos foram programados com a cooperação de Gustavo Estivalet (doutorando do Centro de Neurociências de Lyon – França, *Université Claude Bernard – Lyon I*).

para que os participantes a realizassem de forma absolutamente autônoma, apenas seguindo as instruções que apareceriam na tela.

### 3.3 Seleção dos estímulos (metáforas e distratores)

Há um debate antigo em relação à definição de metáfora (conforme os trabalhos referenciados nesta tese) e expressão idiomática (Ifill, 2002). Por isso, para este trabalho, foram selecionadas 21 instâncias metafóricas e nove expressões idiomáticas (distratores) para compor as tarefas, totalizando 30 estímulos no estudo. Conforme mencionado anteriormente, a metáfora é conceituada como “fenômeno de natureza não apenas linguística, mas cognitiva” (VEREZA, 2012, p. 23) e, sob essa perspectiva da linguística cognitiva<sup>30</sup>, concorda-se com Gibbs e O’Brien (1990, p. 50-82) quando apontam a estreita conexão entre as imagens mentais, motivação metafórica e expressões idiomáticas, afirmando que as metáforas conceituais, por exemplo, motivam o significado figurado das expressões idiomáticas.

Tendo-se em vista que o estudo é formado por três tarefas e os participantes não deveriam ver a mesma metáfora duas vezes ou em diferentes modalidades de restrição proposta (cognitiva, lexical e contextual), cada uma dessas tarefas foi desenvolvida com 30 estímulos no total, sendo 21 instâncias metafóricas e sete distratores. Optou-se por criar cada tarefa com 30 estímulos em função do número sugerido pela banca na defesa de qualificação de projeto de pesquisa. As três tarefas, com 30 estímulos cada, seriam compostas, na verdade, de: 30 metáforas e distratores, 30 esquemas imagéticos (animações), 30 itens lexicais, 30 metáforas e distratores apresentados dentro do contexto e 30 conjuntos de opções de respostas. Isso tudo comporia um conjunto de 150 itens que, combinados em *sets* de 90 itens, formariam 30 *sets* de estímulos. Com isto, os participantes estariam expostos a três conjuntos de 90 itens ou a um total de 270 itens divididos em 30 *sets* de estímulos, estando assim expostos a um bom número de estímulos.

Logo, para cada uma das tarefas, foram desenvolvidas três listas diferentes, a fim de se dar conta de todos os 30 estímulos nas três modalidades de restrições propostas. As instâncias metafóricas e os

---

<sup>30</sup> A qual se “alinha a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência”. (FERRARI, 2011, p. 21).

distratores utilizados nas experiências são apresentados na tabela 1 (M = metáfora, D = distrator):

<b>Número</b>	<b>Metáfora/Distrator</b>	<b>Sigla</b>
1	enterrei esse desejo	M
2	nunca alimentei esperança	M
3	diminuindo a mulher	M
4	começou a rolar uma atração recíproca	M
5	perdeu o controle	M
6	não bateu aquela química	M
7	sustentam o próprio vício	M
8	aguentou muita coisa	M
9	me salvei do constrangimento	M
10	arrastou um bonde	M
11	colecionam histórias	M
12	rendem belas risadas	M
13	mudar nosso destino	M
14	conquistou uma bela carreira	M
15	deforma o caráter	M
16	retomar minha vida	M
17	impor resistência	M
18	encontrar sua força	M
19	ganhando capítulos	M
20	construir um patrimônio	M
21	estancar a saudade	M
1	jogava charme	D
2	superaram um grave problema	D
3	conviver com a diversidade	D
4	ganhando a liberdade	D
5	deu uma dura	D
6	cumprir meu papel	D
7	olhar para as coisas boas	D
8	chamar a atenção	D

**Tabela 1 – Metáforas e distratores**

Das metáforas (M) selecionadas para esta pesquisa, quatro, assinaladas abaixo, na tabela 2, representam exemplos de metáforas conceptuais, apresentando exemplos de expressões idiomáticas em uso na língua portuguesa do Brasil.

1. enterrei esse desejo
2. nunca alimentei esperança
3. diminuindo a mulher
4. começou a rolar uma atração recíproca
5. perdeu o controle * perdeu a razão; perdeu a cabeça
6. não bateu aquela química
7. sustentam o próprio vício
8. aguentou muita coisa * aguentou o tranco
9. me salvei do constrangimento
10. arrastou um bonde * arrastou asa
11. colecionam histórias
12. rendem belas risadas
13. mudar nosso destino * mudar de vida
14. conquistou uma bela carreira
15. deforma o caráter
16. retomar minha vida
17. impor resistência
18. encontrar sua força
19. vai ganhando capítulos
20. construir um patrimônio
21. estancar a saudade

**Tabela 2 – Metáforas conceptuais destacadas**

Deste modo, esta pesquisa aceita que a metáfora e a expressão idiomática não são dois fenômenos linguísticos tão distintos assim. Isso faz com que não seja tão fácil decidir o que é metáfora e o que é expressão idiomática quando, na verdade, o que há é um *continuum* entre ambos os fenômenos.

Este estudo analisou 30 exemplos de sentenças. Entre elas, 21 metáforas e nove expressões idiomáticas. Como critério metodológico de classificação dessas sentenças em *type* metáforas (M) ou expressões idiomáticas (E), foi decidido que seriam consideradas expressões idiomáticas as sentenças que ocorrem com mais frequência na língua portuguesa do Brasil. Para se observar essa frequência de uso, foi observado o número de entradas no *Google.com*, no dia dois de outubro de 2013, às 11hs. Quando foi procurada a expressão “enterrar esse desejo”, por exemplo, aparecia o verbo **enterrar** apenas com seu sentido literal: enterrar um corpo, um defunto. Observe-se que mesmo apresentando um grande número de entradas, tabela 3, essas entradas se referem ao sentido literal do verbo.

As expressões idiomáticas (E) apresentam os seguintes números de entradas conforme a tabela a seguir:

Expressão idiomática (E)	Número de entradas
22. Jogava charme	790.000
23. Superaram um grave problema	581.000
24. Conviver com a diversidade	795.000
25. Ganhando a liberdade	1.560.000
26. Deu uma dura	7.820.000
27. Cumprir meu papel	3.260.000
28. Olhar para as coisas boas	6.350.000
29. Chamar a atenção	9.120.000
30. Olhos encheram d'água	648.000

**Tabela 3 – Número de entradas das expressões idiomáticas no Google em 02 de outubro de 2013, às 11hs.**

As metáforas (M), como era de se esperar, apresentaram menos entradas e essas entradas referiam-se ao sentido literal do tópic para o



veículo, por exemplo, para a metáfora: **1. enterrar esse desejo**, encontram-se as entradas apresentadas na FIGURA 2:

The image shows a screenshot of a Firefox browser window. The address bar contains the URL <https://www.google.com/search?q=enterrar+esse+desejo&rlz=111-880e-uif-88&hl=en-US&officialclient=firefox-a>. The search bar contains the text "enterrar esse desejo". The search results are displayed below the search bar, showing several entries related to the search term. The first entry is "ENTERRADO - Worst (letra e vídeo) - Letras de músicas" with a link to "letras.mus.br/Worst/". The second entry is "Enterrado, Worst. Te conheci, de cara já não fui com a sua cara." with a link to "www.1folha.uol.com.br/1319571-dominginhos-di...". The third entry is "Dominginhos disse querer ser enterrado em..." with a link to "www.1folha.uol.com.br/1316571-dominginhos-se...". The fourth entry is "Dominginhos não tinha manifestado esse desejo..." with a link to "www.1folha.uol.com.br/1316571-dominginhos-se...". The fifth entry is "Dominginhos será enterrado próximo ao Recife - Folha de S.Paulo" with a link to "www.1folha.uol.com.br/1316571-dominginhos-se...". The sixth entry is "Cantor, compositor e sanfoneiro Dominginhos é enterrado no..." with a link to "www.1folha.uol.com.br/1316756-cantor-composito...". The seventh entry is "Filho de Dominginhos, Mauro Moraes, quer enterrar o pai em..." with a link to "programadizendoutodo.com.br/archives/37282". The browser interface includes the address bar, navigation buttons, and a taskbar at the bottom with various application icons.

Figura 2 - Representa as entradas mostrando como o verbo aparece em seu sentido literal.

Como já havia sido mencionado na introdução desta tese, foi construído um *corpus* selecionado a partir de textos de uma revista feminina de circulação nacional, “Marie Claire”, e a coleta desses dados aconteceu entre o período de maio de 2010 a setembro de 2012. Foram analisados textos de depoimentos reais de leitoras e leitores da Marie Claire que escrevem à revista porque querem ter suas histórias de vida publicadas. Desses textos foram retiradas as instâncias metafóricas e expressões idiomáticas que seriam analisadas nesta pesquisa. Essas metáforas e expressões não foram inseridas nas tarefas tal qual selecionadas nos textos originais das revistas. Como a estimulação foi 100% visual e de leitura, houve manipulação do número de sílabas dos estímulos visando o controle do tempo de exposição destes estímulos em tela.

O tempo de exibição das metáforas em estímulos foi ajustado, dependendo do número de sílabas (200 milissegundos para cada sílaba), a fim de que as sentenças tivessem o mesmo nível de dificuldade. A separação e a contagem das sílabas obedeceram a critérios estabelecidos pelo Portal da Língua Portuguesa (<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/main.html>). Os estímulos (metáforas e distratores) também foram manipulados para que não excedessem 2000 milissegundos de exposição. Outra manipulação metodológica ocorreu com os estímulos para a escolha da interpretação por parte dos participantes. Como a média de tempo de exposição para esses estímulos seria superior a 5000 milissegundos, devido ao número de sílabas totais das quatro opções de respostas, foi decidido que o tempo de exposição seria fixado em 5000 milissegundos para que o participante efetuasse sua escolha de interpretação e a tarefa continuasse. As tabelas 8,9 e 10, apresentadas na seção 3.3.1, dispõem o tempo de exposição de cada estímulo.

### **3. 3.1 Descrição das tarefas programadas no *E-Prime***

Para este estudo, foram programadas três tarefas experimentais com três modalidades ou funções:

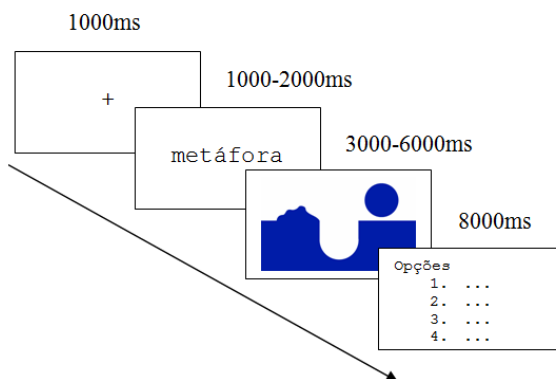
#### **i. Tarefa de restrições cognitivas**

Para se testar as restrições cognitivas e suas possíveis CR no processamento das instâncias metafóricas apresentadas neste trabalho, a primeira tarefa foi composta por três etapas: na primeira, os participantes foram expostos às instâncias metafóricas e depois a

animações (imagem dinâmica) contendo esquemas imagéticos representativos dos verbos transitivos que compuseram as instâncias metafóricas (*priming*). Em seguida, foram expostos a quatro opções de interpretação da metáfora (sentenças) para que pudessem, assim, fazer uma escolha linguística em relação ao enquadre escolhido por ele e que estivesse de conformidade com sua escolha de interpretação.

Para este trabalho, considerou-se que os esquemas imagéticos, potencialmente criados pela relação de ponto de vista e orientação e acionados pelos itens lexicais que ocorriam na posição de veículo, fossem analisados e testados como possíveis restrições cognitivas que pudessem contribuir de forma relativa para o processamento de metáforas ou *Image Schema Priming* – animações de esquemas imagéticos em função da natureza da imagem dinâmica e cognitiva.

Foram programadas três listas para a primeira tarefa composta por sete instâncias metafóricas e três distratores diferentes, totalizando 10 estímulos por lista. A tarefa foi composta de três etapas, conforme já exposto: 1) cruz de fixação, 2) apresentação da instância metafórica, 3) apresentação de uma animação com o esquema imagético dos verbos transitivos que compuseram as instâncias metafóricas (*priming*) e 4) apresentação de quatro opções de resposta como interpretação da metáfora para realização da escolha em relação ao enquadre escolhido (alvo)<sup>31</sup>. As animações com os esquemas imagéticos foram desenvolvidas em **.gif** e transformadas em formato de vídeo **.wmv** com mesmo padrão de cores e neutralidade icônica.



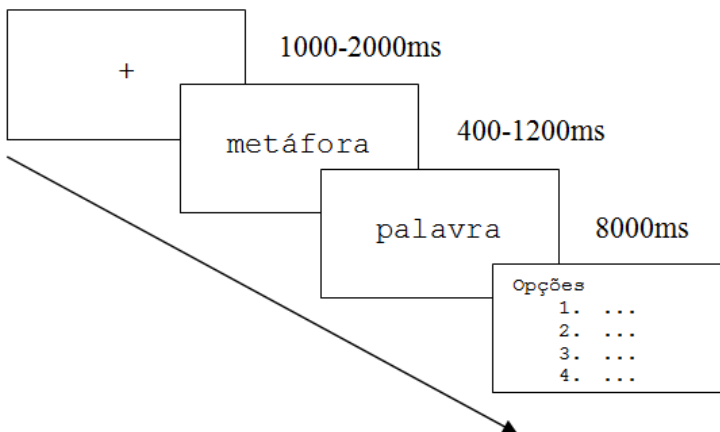
**Figura 3 - Representa a sequência do set para a tarefa 1.**

<sup>31</sup> Observe-se que cruz de fixação não é uma etapa propriamente dita.

ii. Tarefa de restrições lexicais

Para se testar as restrições lexicais e suas possíveis CR no processamento das instâncias metafóricas apresentadas aqui, foram criados estímulos que avaliavam a restrição lexical através de relações semânticas como antonímia, sinonímia e hiperonímia e, nesta modalidade, foi feita uma tarefa de *priming* lexical que constou de três etapas consecutivas. Na primeira, os participantes foram expostos às instâncias metafóricas. Na segunda etapa, as palavras que ocorriam na posição do tópico que compunha a instância metafórica. Por fim, foram expostos a quatro opções de interpretação da metáfora (sentenças) para que pudessem, assim, fazer uma escolha linguística em relação ao enquadre escolhido, pelo participante, e que estivesse de conformidade com sua escolha de interpretação.

A segunda tarefa também foi composta de três etapas: 1) apresentação da instância metafórica na forma, 2) apresentação de uma palavra que ocorria na posição do tópico da instância metafórica (*priming*) e 3) apresentação de quatro opções de resposta como interpretação da metáfora para realização da escolha em relação ao enquadre escolhido (alvo).



**Figura 4 - Representa a sequência do set para a tarefa 2.**

iii. Tarefa de restrições contextuais

Para se testar as restrições contextuais e suas possíveis CR para a interpretação das instâncias metafóricas apresentadas neste trabalho, foi feita uma tarefa com duas etapas consecutivas. Na primeira, os participantes foram expostos à metáfora dentro de seu contexto. Na segunda etapa, logo em seguida à primeira etapa, os participantes foram expostos a quatro opções de interpretação da metáfora (sentenças) para que pudessem, assim, fazer uma escolha linguística em relação ao enquadre escolhido por ele e que estivesse de conformidade com sua escolha de interpretação. Como fora mencionado, as tarefas desenvolvidas apresentaram três modalidades: 1. Esquema imagético; 2. Priming lexical; 3. Priming contextual. Cada tarefa apresentou um *set* com 21 metáforas diferentes e nove expressões idiomáticas que funcionaram como elementos distratores.

Para se testar as restrições contextuais e suas possíveis CR para a interpretação das instâncias metafóricas apresentadas neste trabalho, em conformidade com as demais tarefas, foram realizadas três listas compostas por sete instâncias metafóricas e três distratores diferentes, totalizando 10 estímulos por lista. Diferentemente das demais tarefas, a terceira tarefa foi composta de duas etapas: 1) apresentação da instância metafórica contextualizada em uma sentença (*priming*) e 2) apresentação de quatro opções de resposta como interpretação da metáfora para realização da escolha em relação ao enquadre escolhido (alvo).

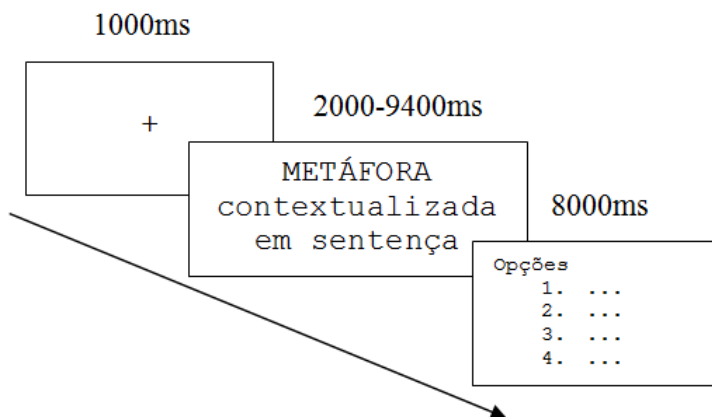


Figura 5 - Representa a sequência do set para a tarefa 3.

Ao todo, o experimento foi construído com 30 estímulos (sendo metáforas e expressões idiomáticas ou elementos distratores) e para elas foram desenvolvidas 30 animações, foram escolhidos 30 lexical *priming* e 30 delas foram apresentadas dentro de seu contexto de produção. Foram construídos também 30 *sets* com quatro opções de respostas, perfazendo um total de 30 *sets* de estímulos programados. Cada *set* para as tarefas 1 e 2 foram compostos por METÁFORA (M ou E) + *image priming* (animação) ou *lexical priming* + TARGET ou escolha de resposta, e para a tarefa 3 foram compostos por METÁFORA (M ou E) em *context priming* + TARGET ou escolha de resposta.

Desses *sets*, cada participante poderia ver 10 deles em cada modalidade, de forma que se um participante visse uma metáfora na modalidade 1. Esquema imagético, ele não a veria nas outras modalidades, 2. *priming* lexical e 3. *priming* contextual. Mas, todos os estímulos seriam vistos nas três modalidades para que se pudesse observar como seriam interpretados.

De uma forma geral, os participantes deveriam primeiramente observar e ler a metáfora (M) ou (E), observando o *priming* – animação quando imagético, léxico quando lexical ou o contexto em que a metáfora foi produzida, quando contextual. A tarefa a ser realizada foi a escolha de uma resposta entre quatro opções possíveis apresentadas ao final de cada estímulo. Cada uma dessas respostas possuía uma relação com a metáfora e o estímulo apresentado, sendo 1) resposta correta, 2) resposta neutra, 3) resposta antônima e 4) resposta impossível, conforme demonstrado na tabela 4:

Metáfora	Opções	Tipo
Enterrei esse desejo.	1. Resisti à atração física.	Correta
	2. Esqueci que desejava algo.	Neutra
	3. Mostrei o que sentia.	Antônima
	4. Perdi a fome.	Impossível

**Tabela 4 – Exemplo de opções de respostas**

Esta ordem 1) resposta correta, 2) resposta neutra, 3) resposta antônima e 4) resposta impossível, no entanto, foi alterada, de acordo com o quadrado latino, quando na programação das tarefas, para que os participantes não se acostumassem com o padrão de respostas.

Em relação às opções de interpretação para escolha dos participantes, definições retiradas dos iDicionário Aulete ([http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)) e Dicionário de Antônimos (<http://www.antonimos.com.br>) foram utilizadas como sinônimos, antônimos e hiperônimos tanto para veículo quanto para tópico, a fim de se construírem as opções para os *sets* de opções de interpretação.

É importante ressaltar que, em um dicionário, a menor numeração das definições e/ou sua ordem de aparição caracterizam-se como acepções mais comuns na língua. Desse modo, ao se construírem as possíveis opções de interpretação por parte do participante, notou-se que nem sempre as primeiras opções de sinônimos condiziam com os enquadres mais próximos dos enquadres excludentes por parte dos enunciadores das instâncias metafóricas. Essas opções também apareceram aleatoriamente (randomizadas) para que o participante não se acostumassem com o padrão de opções.

Para todos os conjuntos de opções de interpretação (1, 2, 3, 4), havia: uma *correct response* (CR)<sup>32</sup> ou enquadre do falante ou que acionasse o *frame* desejado por ele, ou seja, que estivesse associada ao Esquema Imagético escolhido por ele; uma resposta também correta, mas neutra, isto é, que não estivesse associada ao Esquema Imagético escolhido por ele; uma resposta antônima; e uma resposta absolutamente impossível, ou distratora. Daí as siglas: CR (*correct response*), N (neutra), A (antônima) e I (impossível) mostradas na tabela 5, onde as linhas 1 a 30 apresentam as possíveis respostas ou opções de interpretação: CR, N, A e I randomizadas. As linhas 31 a 60 apresentam as opções de interpretação CR, N, A e I reais:

---

<sup>32</sup> Observe-se que CR aqui refere-se a *correct response* e não à contribuição relativa.

<b>Metáforas e distratores</b>	<b>Answer1</b>	<b>Answer2</b>	<b>Answer3</b>	<b>Answer4</b>
1. enterrei esse desejo	resisti à atração física	esqueci que desejava algo	mostrei o que sentia	perdi a fome
2. nunca alimentei esperança	nunca acreditei	perdi a fé	dei comida ao sentimento	não mantive a ilusão
3. diminuindo a mulher	fazendo a mulher ser grande	encolhendo seu tamanho	abusando dela	humilhando-a
4. começou a rolar uma atração recíproca	um ímã caiu	apaixonar-se	gostar um do outro	não sentir nada
5. perdeu o controle	ficou sem ação	perdeu as rédeas	achou o controle	não conseguiu ligar a tv
6. não bateu aquela química	não gostei assim que vi	me apaixonei	não tem a mesma fórmula	senti nada
7. sustentam o próprio vício	não têm dinheiro para o vício	carregam nas costas	compram os narcóticos	pagam pelas drogas que consomem
8. aguentou muita coisa	carregou peso	superou problemas	soube esperar	não foi paciente
9. me salvei do constrangimento	não passei vergonha	escapei do embaraço	me desapertei	saí do aperto
10. arrastou um bonde	Gostou	não desejou	empurrou um veículo	Paquerou



11. colecionam histórias	se desfazem de memórias	têm muitos livros	lembram muitas coisas	guardam muitas lembranças
12. rendem belas risadas	faz cócegas	trazem alegria	são engraçadas	deixam triste
13. mudar nosso destino	ter outros planos	mudar os acontecimentos	fazer tudo igual	pegar uma estrada diferente
14. conquistou uma bela carreira	é uma profissional de sucesso	não tem trabalho	venceu uma corrida	tem um bom emprego
15. deforma o caráter	conserta a moral	deixa a pessoa feia	transforma a personalidade	muda a pessoa para pior
16. retomar minha vida	pegar a vida com as mãos	controlar meu destino	ser feliz	sentir infelicidade
17. impor resistência	não dizer que não	não ser contra	se opor	não fazer força
18. encontrar sua força	ficar forte	Enfraquecer	achar o que estava procurando	Insistir
19. ganhando capítulos	perdendo momentos	ficando maior	vivendo coisas novas	aumentando boas lembranças
20. construir um patrimônio	Empobrecer	Enriquecer	adquirir bens	destruir o que possui
21. estancar a saudade	Esquecer	deixar de sofrer	sentir falta	fazer um curativo
22. jogava charme	se exibia	parava de se mostrar	brincava de ser bonita	Encantava

23. superaram um grave problema	padeciam com um grave problema	esqueceram um defeito grande	afastaram um aborrecimento	resolveram uma questão difícil
24. conviver com a diversidade	viver com muita gente	respeitar opiniões dos outros	aceitar a diferença	ser igual
25. ganhando a liberdade	sendo solto	ficando livre	ser preso	Voando
26. deu uma dura	Repreendeu	fez um elogio	apertou forte	disse muitas coisas
27. cumprir meu papel	não fiz o que deveria	fui a personagem principal	agi corretamente	tentei fazer a coisa certa
28. olhar para as coisas boas	ver a paisagem	ser otimista	ver o lado bom da vida	ser pessimista
29. chamar a atenção	Mostrar	serem notadas	Espantar	gritar por socorro
30. olhos encheram d'água	quase chorou	Sorriu	colocou colírio	ficou muito triste
<b>Metáforas e distratores</b>	<b>Answer1 (CR)</b>	<b>Answer2 (N)</b>	<b>Answer3 (A)</b>	<b>Answer4 (I)</b>
31. enterrei esse desejo	resisti à atração física.	esqueci que desejava algo.	mostrei o que sentia.	perdi a fome.
32. nunca alimentei esperança	não mantive a ilusão.	nunca acreditei.	perdi a fé.	dei comida ao sentimento.

33. diminuindo a mulher	abusando dela.	humilhando-a.	fazendo a mulher ser grande.	encolhendo seu tamanho.
34. começou a rolar uma atração recíproca	apaixonar-se.	gostar um do outro.	não sentir nada.	um ímã caiu.
35. perdeu o controle	ficou sem ação.	perdeu as rédeas.	achou o controle.	não conseguiu ligar a tv.
36. não bateu aquela química	senti nada.	não gostei assim que vi.	me apaixonei.	não tem a mesma fórmula.
37. sustentam o próprio vício	compram os narcóticos.	pagam pelas drogas que consomem.	não têm dinheiro para o vício.	carregam nas costas.
38. aguentou muita coisa	superou problemas.	soube esperar.	não foi paciente.	carregou peso.
39. me salvei do constrangimento	não passei vergonha.	escapei do embaraço.	me desapertei.	saí do aperto.
40. arrastou um bonde	paquerou.	gostou.	não desejou.	empurrou um veículo.
41. colecionam histórias	lembram muitas coisas.	guardam muitas lembranças.	se desfazem de memórias.	têm muitos livros.
42. rendem belas risadas	trazem alegria.	são engraçadas.	deixam triste.	faz cócegas.
43. mudar nosso destino	ter outros planos.	mudar os acontecimentos.	fazer tudo igual.	pegar uma estrada diferente.

44. conquistou uma bela carreira	tem um bom emprego.	é uma profissional de sucesso.	não tem trabalho.	venceu uma corrida.
45. deforma o caráter	transforma a personalidade.	muda a pessoa para pior.	conserta a moral.	deixa a pessoa feia.
46. retomar minha vida	controlar meu destino.	ser feliz.	sentir infelicidade.	pegar a vida com as mãos.
47. impor resistência	não dizer que não.	não ser contra.	se opor.	não fazer força.
48. encontrar sua força	insistir.	ficar forte.	enfraquecer.	achar o que estava procurando.
49. ganhando capítulos	vivendo coisas novas.	aumentando boas lembranças.	perdendo momentos.	ficando maior.
50. construir um patrimônio	enriquecer.	adquirir bens.	destruir o que possui.	empobrecer.
51. estancar a saudade	esquecer.	deixar de sofrer.	sentir falta.	fazer um curativo.
52. jogava charme	encantava.	se exibia.	parava de se mostrar.	brincava de ser bonita.
53. superaram um grave problema	afastaram um aborrecimento.	resolveram uma questão difícil.	padeciam com um grave problema.	esqueceram um defeito grande.
54. conviver com a diversidade	respeitar opiniões dos outros.	aceitar a diferença.	ser igual.	viver com muita gente.
55. ganhando a	sendo solto.	ficando livre.	ser preso.	voando.

liberdade				
56. deu uma dura	disse muitas coisas.	repreendeu.	fez um elogio.	apertou forte.
57. cumprir meu papel	agi corretamente.	tentei fazer a coisa certa.	não fiz o que deveria.	fui a personagem principal.
58. olhar para as coisas boas	ser otimista.	ver o lado bom da vida.	ser pessimista.	ver a paisagem.
59. chamar a atenção	mostrar.	serem notadas.	espantar.	gritar por socorro.
60. olhos encheram d'água	ficou muito triste.	quase chorou.	sorriu.	colocou colírio.

**Tabela 5 – Respostas ou opções de interpretação: resposta correta, neutra, antônima e impossível randomizadas de 1 a 30 e reais de 31 a 60.**

Em todas as tarefas, havia tela de instrução programada com tempo infinito até que o participante apertasse a tecla ESPAÇO para prosseguir, conforme modelos no anexo 7.8. As tarefas foram apresentadas de forma autoinstrutiva e, no início de cada tarefa, foi apresentada uma prática para que os participantes se acostumassem com a tarefa. A prática apresentava exatamente os mesmos estímulos das tarefas sem registrar *score* e apresentadas na mesma sequência das figuras 3, 4 e 5.

Após a prática, eles poderiam decidir se a repetiam ou se seguiam para a realização da tarefa em si. Cada bloco de prática apresentou dois *sets* de estímulos, os quais não registravam *score*.

Todos os estímulos foram apresentados em fonte Courier New (fonte com serifas ou prolongamentos no fim de suas hastes, o que ajuda a evitar confusões visuais no processo de leitura), 18pt preta sobre um fundo branco. O tempo de apresentação de cada uma das telas que apareciam para os participantes no computador durante os experimentos foi calculado e estabelecido a partir a) da duração dos esquemas imagéticos e b) do número de sílabas das metáforas, palavras, frases e respostas, sendo contabilizados 200ms por sílaba.

Cada uma das listas de cada uma das tarefas foi organizada rigorosamente conforme a distribuição de um quadrado latino contendo todos os estímulos das experiências, a fim de se contrabalancearem perfeitamente os estímulos entre as tarefas e listas. Assim:

LISTS		
List1	List2	List3
1	11	21
2	12	22
3	13	23
5	15	25
6	16	26
8	18	28
9	19	29
12	22	2
13	23	3
14	24	4
16	26	6
17	27	7

19	29	9
20	30	10
21	1	11
22	2	12
24	4	14
26	6	16
27	7	17
29	9	19
30	10	20
4	14	24
7	17	27
10	20	30
11	21	1
15	25	5
18	28	8
23	3	13
25	5	15
28	8	18

**Tabela 6 – Listas de tarefas**

Como dito anteriormente, para cada uma das tarefas, foram criadas três listas diferentes com 10 estímulos, totalizando os 30 estímulos deste estudo, para que cada participante fosse exposto somente uma vez a cada um dos estímulos nas três modalidades de restrições propostas. Em seguida, cada uma das listas de cada um dos experimentos foi compilada em somente um experimento (tarefa) para que os participantes realizassem seguidamente as três modalidades com os 30 estímulos do estudo, sendo 10 estímulos diferentes para cada uma das modalidades. A ordem de compilação, apresentação e realização das tarefas foi a seguinte: 1) restrição cognitiva, 2) restrição lexical e restrição contextual, observando-se uma ordem de um experimento mais estrutural (imagético), passando por um experimento linguístico (lexical) e finalizando com um experimento contextualizado (contextual).

Como já fora mencionado, o bloco com as três tarefas desenvolvidas nas três modalidades diferentes, 1) restrição cognitiva, 2) restrição lexical e 3) restrição contextual, apresentaram 21 instâncias

metafóricas diferentes e nove expressões idiomáticas como distratores, totalizando 30 estímulos. Desses 30 estímulos, cada participante deveria ver 10 estímulos em cada uma das experiências (modalidades), de forma que se o participante visse uma metáfora X na modalidade 1) restrição cognitiva, ele não a veria nas outras modalidades, 2) restrição lexical e 3) restrição contextual, resultando, assim, na criação das três listas gerais de realização das tarefas.

Após o final de cada estímulo, a tarefa do participante era selecionar uma resposta correta através da digitação das teclas 1, 2, 3 ou 4 no teclado do computador. Os participantes tinham até 8000ms para lerem as opções e realizarem a escolha. Em seguida, um novo estímulo começava com a cruz de fixação. Para todos os conjuntos de opções de interpretação (1, 2, 3, 4), havia: uma resposta correta, uma resposta neutra, uma resposta antônima e uma resposta absolutamente impossível.

Para que as ocorrências de respostas para interpretação fossem equilibradas, as opções foram programadas e distribuídas de acordo com o quadrado latino. Assim:

Neutra	Resposta Correta	Antônima	Impossível
1	2	3	4
2	3	4	1
3	4	1	2
4	1	2	3

**Tabela 7 – Quadrado latino das opções de respostas, exemplo.**

As tabelas 8, 9 e 10 mostram detalhadamente os dados de programação dos estímulos, como o tempo de exposição programado para cada um deles.



Restrição cognitiva<sup>33</sup> e <sup>34</sup>

			TAREFA 1 – ESQUEMA IMAGÉTICO		
Tipo de estímulo	Metáfora		Tempo de apresentação	animação	Tempo de priming
1	Metaphor	enterrei esse desejo	1600	enterrar.wmv	8000
2	Metaphor	nunca alimentei esperança	2000	alimentar.wmv	8000
3	Metaphor	diminuindo a mulher	1600	diminuir.wmv	8000
4	Metaphor	começou a rolar uma atração recíproca	1800	rolar.wmv	8000
5	Metaphor	perdeu o controle	1200	perder.wmv	8000
6	Metaphor	não bateu aquela química	1800	bater.wmv	8000
7	Metaphor	sustentam o próprio vício	2000	sustentar.wmv	8000
8	Metaphor	aguentou muita coisa	1400	aguentar.wmv	8000
9	Metaphor	me salvei do constrangimento	1800	salvar.wmv	8000
10	Metaphor	arrastou um bonde	1200	arrastar.wmv	8000
11	Metaphor	colecionam histórias	1800	coleccionar.wmv	8000

<sup>33</sup> O tempo de exposição para cada uma das telas com texto foi calculado a partir do número de sílabas do texto apresentado. O tempo de exposição das telas com esquemas imagéticos foi o tempo total de duração da animação, entretanto, o tempo apresentado na tabela é o tempo máximo possível, de 8000ms.

<sup>34</sup> O tipo de estímulo está escrito em inglês por causa da programação obrigatória no *E-Prime*: *metaphor* refere-se a metáforas e *filler* a distratores.

<b>12</b>	Metaphor	rendem belas risadas	1400	render.wmv	8000
<b>13</b>	Metaphor	mudar nosso destino	1400	mudar.wmv	8000
<b>14</b>	Metaphor	conquistou uma bela carreira	2000	conquistar.wmv	8000
<b>15</b>	Metaphor	deforma o caráter	1400	deformar.wmv	8000
<b>16</b>	Metaphor	retomar minha vida	1400	retomar.wmv	8000
<b>17</b>	Metaphor	impor resistência	1200	impor.wmv	8000
<b>18</b>	Metaphor	encontrar sua força	1400	encontrar.wmv	8000
<b>19</b>	Metaphor	vai ganhando capítulos	1400	acumular.wmv	8000
<b>20</b>	Metaphor	construir um patrimônio	1600	construir.wmv	8000
<b>21</b>	Metaphor	estancar a saudade	1400	estancar.wmv	8000
<b>22</b>	Filler	jogava charme	1000	jogar.wmv	8000
<b>23</b>	Filler	superaram um grave problema	2000	superar.wmv	8000
<b>24</b>	Filler	conviver com a diversidade	2000	conviver.wmv	8000
<b>25</b>	Filler	ganhando a liberdade	1600	libertar.wmv	8000
<b>26</b>	Filler	deu uma dura	1000	dar.wmv	8000
<b>27</b>	Filler	cumprir meu papel	1000	cumprir.wmv	8000
<b>28</b>	Filler	olhar para as coisas boas	1400	olhar.wmv	8000
<b>29</b>	Filler	chamar a atenção	1000	chamar.wmv	8000
<b>30</b>	Filler	olhos encheram d'água	1400	encher.wmv	8000

Tabela 8 - Restrição cognitiva

Restrição lexical<sup>35</sup>

			TAREFA 2 – PRIMING LEXICAL		
	Tipo de estímulo	Metáfora	Tempo de apresentação	Priming Lexical	Tempo do priming
1	Metaphor	enterrei esse desejo	1600	Vontade	600
2	Metaphor	nunca alimentei esperança	2000	Sonho	400
3	Metaphor	diminuindo a mulher	1600	Companheira	800
4	Metaphor	começou a rolar uma atração recíproca	1800	Interesse	800
5	Metaphor	perdeu o controle	1200	Domínio	800
6	Metaphor	não bateu aquela química	1800	Tesão	400
7	Metaphor	sustentam o próprio vício	2000	Dependência	1000
8	Metaphor	aguentou muita coisa	1400	Situações	1000
9	Metaphor	me salvei do constrangimento	1800	Vergonha	600
10	Metaphor	arrastou um bonde	1200	Desejo	600
11	Metaphor	colecionam histórias	1800	Casos	400
12	Metaphor	rendem belas risadas	1400	Sorrisos	600

<sup>35</sup> O tipo de estímulo está escrito em inglês por causa da programação obrigatória no *E-Prime*: *metaphor* refere-se a metáforas e *filler* a distratores.

13	Metaphor	mudar nosso destino	1400	Futuro	600
14	Metaphor	conquistou uma bela carreira	2000	emprego	600
15	Metaphor	deforma o caráter	1400	personalidade	1200
16	Metaphor	retomar minha vida	1400	existência	1000
17	Metaphor	impor resistência	1200	Força	400
18	Metaphor	encontrar sua força	1400	Vigor	400
19	Metaphor	vai ganhando capítulos	1400	histórias	800
20	Metaphor	construir um patrimônio	1600	herança	600
21	Metaphor	estancar a saudade	1400	lembrança	600
22	Filler	jogava charme	1000	Beleza	600
23	Filler	superaram um grave problema	2000	dificuldade	1000
24	Filler	conviver com a diversidade	2000	diferença	800
25	Filler	ganhando a liberdade	1600	Livre	400
26	Filler	deu uma dura	1000	Bronco	400
27	Filler	cumprir meu papel	1000	Parte	400
28	Filler	olhar para as coisas boas	1400	alegrias	800
29	Filler	chamar a atenção	1000	concentração	800
30	Filler	olhos encheram d'água	1400	lágrimas	600

Tabela 9 - Restrição lexical

### Restrição contextual<sup>36</sup>

			TAREFA 3 - CONTEXT PRIMING	
	Tipo do estímulo	Metáfora	Priming Contextual	Tempo do priming
1	Metaphor	enterrei esse desejo	<b>ENTERREI ESSE DESEJO</b> num lugar que nem eu sei bem qual é.	4000
2	Metaphor	nunca alimentei esperança	<b>NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA</b> porque ela sempre emendou um namoro no outro.	5400
3	Metaphor	diminuindo a mulher	O homem que bate (na mulher) tem baixa autoestima e só consegue se sentir melhor <b>DIMINUINDO A MULHER.</b>	7000
4	Metaphor	começou a rolar uma atração recíproca	Estávamos mais velhos, formados, independentes e <b>COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA.</b>	6400

<sup>36</sup> Na contagem de sílabas, para efeito de programação do tempo de exibição, da sentença 18 foi considerado o número de sílabas do numeral 19 (dezenove) por extenso.

5	Metaphor	perdeu o controle	<b>PERDEU O CONTROLE</b> sobre sua história.	3000
6	Metaphor	não bateu aquela química	Aliás, toda ela era meio irritante. <b>NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA</b> de primeira.	5800
7	Metaphor	sustentam o próprio vício	Elas <b>SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO</b> vendendo o corpo.	3400
8	Metaphor	aguentou muita coisa	Esta <b>AGUENTOU MUITA COISA</b> – Mick só se casou com ela quando já tinham dois filhos.	5200
9	Metaphor	me salvei do constrangimento	Resumo da ópera: <b>ME SALVEI DO CONSTRANGIMENTO</b> , mas ganhei um pé imobilizado.	5400
10	Metaphor	arrastou um bonde	Richards <b>ARRASTOU UM BONDE</b> também por Linda Keith.	2800
11	Metaphor	colecionam histórias	Os homens <b>COLECIONAM HISTÓRIAS</b> , de vexame ou comédia, que ainda hoje rendem belas risadas entre amigos.	7800
12	Metaphor	rendem belas risadas	Os homens colecionam histórias, de vexame ou comédia, que ainda hoje <b>RENDEM BELAS RISADAS</b> entre amigos.	7800
13	Metaphor	mudar nosso destino	Ficamos mais fortes, poderosas mesmo, a ponto de <b>MUDAR NOSSO DESTINO.</b>	4600

14	Metaphor	conquistou uma bela carreira	Ela <b>CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA</b> , construiu um patrimônio de respeito.	5000
15	Metaphor	deforma o caráter	A droga <b>DEFORMA O CARÁTER</b> .	2000
16	Metaphor	retomar minha vida	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de <b>RETOMAR MINHA VIDA</b> .	7000
17	Metaphor	impor resistência	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de não <b>IMPOR RESISTÊNCIA</b> .	7400
18	Metaphor	encontrar sua força	Nenhuma mulher merece <b>ENCONTRAR SUA FORÇA</b> passando pelo que eu passei.	4800
19	Metaphor	vai ganhando capítulos	(...) para inspirar mães e pais, avós e netos a curtirem e cuidarem de uma história de amor que nunca acaba. <b>Só VAI GANHANDO CAPÍTULOS</b> .	9400
20	Metaphor	construir um patrimônio	Ela conquistou uma bela carreira, <b>CONSTRUIU UM PATRIMÔNIO</b> de respeito, ganhou o amor de dois filhos e aproveitou muito a vida.	9000
21	Metaphor	estancar a saudade	A bebida era uma forma de <b>ESTANCAR A SAUDADE</b> que eu sentia dos meus filhos.	5600
22	Filler	jogava charme	Ela passava, falava alguma coisa, <b>JOGAVA CHARME</b> para o ar.	4400

23	Filler	superaram um grave problema	Mulheres que <b>SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA</b> como a personagem do Eu, leitora.	5200
24	Filler	conviver com a diversidade	Ela disse que quem não fosse capaz de <b>CONVIVER COM A DIVERSIDADE</b> deveria se retirar da turma de orações.	7600
25	Filler	ganhando a liberdade	A imagem do soldado Hans Conrad Schumann, 19 anos, pulando sobre o arame farpado e <b>GANHANDO A LIBERDADE.</b>	8000
26	Filler	deu uma dura	Ele veio e <b>DEU UMA DURA</b> nos funcionários.	3400
27	Filler	cumprir meu papel	Mas, tentei <b>CUMPRIR MEU PAPEL</b> e comecei a beijá-la.	3200
28	Filler	olhar para as coisas boas	Prefiro <b>OLHAR PARA AS COISAS BOAS. O</b> Nobel me ajudou a conseguir mais de cinquenta bolsas de estudo [...].	6800
29	Filler	chamar a atenção	É daquelas mulheres que não precisam se esforçar para <b>CHAMAR A ATENÇÃO.</b>	4800
30	Filler	olhos encheram d'água	Quando perguntada sobre porque mantinha um relacionamento com um homem agressor, seus <b>OLHOS ENCHERAM D'ÁGUA.</b>	7400

Tabela 10 - Restrição contextual



Cada lista de tarefa apresentava uma tela de introdução ao experimento, uma tela de instrução, a prática, a experiência e uma tela de agradecimento ao final, exemplos dessas telas encontram-se no anexo 7.8.

Os estímulos apresentados durante a fase de prática (dois estímulos) não marcavam pontuação, assim como os estímulos distratores (nove estímulos) também não marcam pontuação. As opções de respostas de 1 a 4 foram randomizadas (quadrado latino). Todos os tempos de exposição estão marcados nas tabelas dos estímulos para as tarefas (tabelas 8, 9 e 10).

### **3.3.2. Análise dos dados**

A metodologia de análise de dados derivados da aplicação das tarefas com os participantes constou de análises estatísticas para se avaliar qual a CR de cada restrição e se houve a prevalência de uma sobre outra. No presente estudo, utilizou-se os testes estatísticos teste-T de *student* e ANOVA. Em todos os testes, o valor do alpha foi estabelecido em 0.05. Com isso, pretendeu-se verificar se as restrições propostas neste trabalho podiam ser ranqueadas hierarquicamente. A análise de dados e resultados deste estudo está explicitada detalhadamente no capítulo 4 desta tese.

### **3.4 Procedimentos**

A coleta de dados aconteceu de forma padrão para todos os participantes e sem nenhuma interferência do pesquisador nas explicações, no desenvolvimento das tarefas e na coleta de dados. Para dinamizar o procedimento de realização dessa experiência, as três tarefas foram encadeadas em um *set*, de forma que todos os participantes realizassem exatamente o mesmo procedimento. O experimento foi preparado no Laboratório da Linguagem e Processos Cognitivos da UFSC, coordenado pela Professora Doutora Mailce Borges Mota e vinculado ao PPGI e ao PPGLg, CCE, Bloco B, Sala 511, Campus Universitário Reitor David Ferreira Lima, Florianópolis e realizado no NES (Núcleo de Estudos em Semântica Lexical), coordenado pelo Professor Doutor Heronides Maurílio de Melo Moura, no mesmo endereço.

Todos os estímulos das três tarefas que compunham o experimento foram apresentados de forma visual na tela de um computador SAMSUNG RV420 no laboratório do NES, cujo ambiente foi preparado para que os participantes pudessem se sentir confortáveis e se concentrar nas tarefas a fim de realizá-las de forma mais otimizada possível.

Primeiramente, o participante era recebido no laboratório e recebia as explicações de que estava participando de um estudo sobre linguagem e processamento de metáforas, lia e assinava o questionário informativo preparado para ele, a fim de se conhecer sua idade, sexo, formação acadêmica e preferências de leitura, junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e sentava-se de frente para o computador para receber instruções de como seria a experiência e quais teclas do computador deveria utilizar e quando.

Após a assinatura do TCLE, iniciava-se o experimento. Conforme dito anteriormente, cada tarefa apresentava uma tela de introdução, uma tela de instrução, a prática, a experiência e uma tela de agradecimento ao final. O tempo aproximado para realização total do experimento para cada participante foi, em média, 15 minutos. Todos os participantes foram voluntários e não receberam qualquer tipo de recompensa por sua participação no estudo.

Antes de sua realização, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC sob o número 31681.

### **3.5 O estudo piloto**

Como parte da metodologia desenvolvida para esta pesquisa, foi realizado um estudo piloto, a fim de se testarem os instrumentos que seriam utilizados. Nessa etapa, foram programadas as mesmas três tarefas experimentais descritas anteriormente. Todavia, essas tarefas sofreram ajustes sugeridos no exame de qualificação do projeto de pesquisa para esta tese. Esta seção apresenta os resultados do estudo piloto.

Participaram do estudo piloto 11 voluntários. Todos os 11 participantes desempenharam as três tarefas. Em cada tarefa, havia um *set* com 10 metáforas, mas duas delas faziam parte da prática e não registravam *score* de acurácia ou acertos. Oito delas eram efetivamente analisadas e registravam *score* de acurácia. Para análise estatística dos dados do estudo piloto, foi utilizada a versão acadêmica do *statistical software MINITAB 16*.

O dado básico observado foi o índice de acurácia ou *correct response* (CRESP, no *E-Prime*) diante da resposta escolhida pelo participante como melhor opção de interpretação para determinada instância metafórica. Uma vez que o índice de acurácia era focado, a possibilidade máxima de acertos para cada tarefa era oito acertos por participante, perfazendo um total de 88 acertos por tarefa.

De posse desses dados, na TAREFA 1, observaram-se 48 acertos de 88; na TAREFA 2, 44 acertos de 88; e na TAREFA 3, 51 acertos de 88<sup>37</sup>. Mesmo se considerando alguns erros técnicos, observou-se que houve um número maior de acurácia (51/88) na TAREFA 3, conforme apresentado nas tabelas 20, 21 e 22 que se encontram no anexo 7.8.

A tabela 11 apresenta um resumo das tabelas 21, 22 e 23 com o índice dos dados de acurácia por participante e por tarefa.

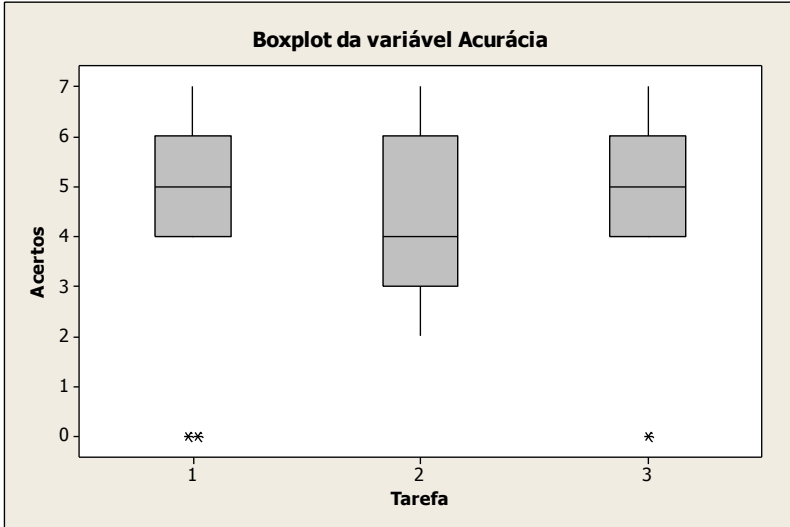
Participante	Image Schema TAREFA 1	Lexical Priming TAREFA 2	Context Priming TAREFA 3
1	0	3	0
2	5	7	5
3	5	4	5
4	5	2	7
5	6	4	6
6	6	4	4
7	0	3	6
8	4	3	5
9	5	6	5
10	5	6	4
11	7	2	4
<b>Total de acertos por tarefa</b>	<b>48</b>	<b>44</b>	<b>51</b>
<b>Máximo de acertos por tarefa</b>	<b>88</b>	<b>88</b>	<b>88</b>
<b>Porcentagem de acertos por tarefa</b>	<b>55%</b>	<b>50%</b>	<b>58%</b>

**Tabela 11 – Resumo dos dados do índice de acurácia. As colunas significam participante (SUBJECT) e total de acertos por participante para cada tarefa, respectivamente.**

<sup>37</sup> Alguns problemas técnicos foram observados ao realizar a programação no software *E-Merge*, ferramenta do *E-Prime*, como: na TAREFA 1, os participantes 1 e 7 ficaram de fora do *merging* e isso zerou o *score* deles. Na TAREFA 3, aconteceu o mesmo com o participante 1.

A análise estatística, realizada com o *statistical software MINITAB 16*<sup>38</sup>, revelou, como mostra a figura 6,

- a) o quartil superior de acertos para cada tarefa (6), a mediana (o valor que mais acontece) para as tarefas 1 e 3 (5) e para tarefa 2 (4) e o quartil inferior para as tarefas 1 e 3 (4) e para tarefa 2 (3);
- b) com essa ferramenta também foi possível fazer inferência estatística desprezando os *outliers* (pontos desprezados por apresentarem-se fora da curva) e ainda observar o erro técnico apontado na nota de número 37: na tarefa, 1 os participantes 1 e 7 ficaram fora do *merging* e isso zerou o *score* deles. Na tarefa 3, aconteceu o mesmo com o participante 3.
- c) não há diferença significativa no nível de dificuldade das tarefas 1 e 3 ;
- d) a tarefa 2 foi a que apresentou o menor índice de acurácia, porque há região interquartis maior entre o máximo de acertos e o mínimo de acertos (a combinação da distância interquartis e o tamanho do whisker (a distância da linha que tem após a caixa, para cima e para baixo) indicam a dispersão dos dados):



**Figura 6 - Boxplot da variável de acurácia**

<sup>38</sup> O objetivo de se usar essa ferramenta é provar, estatisticamente, que existe equivalência entre os grupos. No caso deste trabalho, as tarefas.

O estudo piloto gerou as seguintes respostas preliminares para as perguntas desta pesquisa:

Pergunta 1: Qual é a contribuição relativa (CR) de cada uma das restrições?

A análise dos resultados do estudo piloto demonstrou que o *priming* das tarefas 1 (*image schema*) e 3 (*context priming*) acionaram mais interpretações acuradas por parte dos participantes, enquanto que a tarefa 2 (*lexical priming*) acionou menos interpretações acuradas por parte dos participantes<sup>39</sup>.

Desses dados, inferiu-se que as restrições cognitivas, demonstradas através dos esquemas imagéticos acionados pelos verbos, e as restrições contextuais apresentaram uma contribuição maior para que os participantes chegassem à interpretação da metáfora analisada e acionasse o enquadre excludente objetivado pelo falante. A restrição lexical, demonstrada através da atividade de *priming lexical* teve uma CR menor comparada com as outras duas.

Pergunta 2: Houve diferença significativa no resultado das tarefas no que diz respeito a CR das restrições para a ativação de determinada interpretação?

Apesar de não ter havido diferença significativa no nível de dificuldade das tarefas, a ponto de também não ter havido assimetria elevada entre as amplitudes de acurácia entre elas, as tarefas 1 e 3 apresentaram índice de acurácia mais alto em relação à tarefa 2 e a tarefa 3 apresentou índice de acurácia mais alto em relação à tarefa 1. Com isso, é possível considerar que pode haver diferença significativa no resultado das tarefas no que diz respeito à CR das restrições para ativação de determinada interpretação.

Pode-se dizer que as restrições contextuais são mais notórias ao se considerar o processamento metafórico, seguindo-se das restrições cognitivas e lexicais, nessa ordem.

Com base nos resultados do estudo piloto, os seguintes ajustes foram feitos no experimento: 1. O número dos participantes foi de 11 para 42. 2. Foram acrescentados estímulos distratores. 3. O número de estímulos (metáforas e distratores) passou de 10 para cada tarefa para 30. 4. O tempo de exposição dos estímulos passou a ser controlado. 5. Todos os estímulos (metáforas e distratores) apareceram nas três tarefas.

O próximo capítulo apresenta os resultados e discussão.

---

<sup>39</sup> É importante retomar o fato de que as tarefas 1 e 3 ainda apresentaram *outliers* devido ao erro de *merging* de dados, o que fez com que o *score* de alguns participantes fosse zerado.



“A linguística cognitiva tem proporcionado uma abordagem para se estudar a imaginação humana e tem sido influente na argumentação de que a linguagem revela processos sistemáticos acontecendo (EVANS, 2009, p. 281)”.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> No original: “The cognitive linguistics enterprise has provided an approach to studying human imagination, and has been influential in arguing that Language reveals systematic processes at work (EVANS, 2009, p. 281)”.





## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

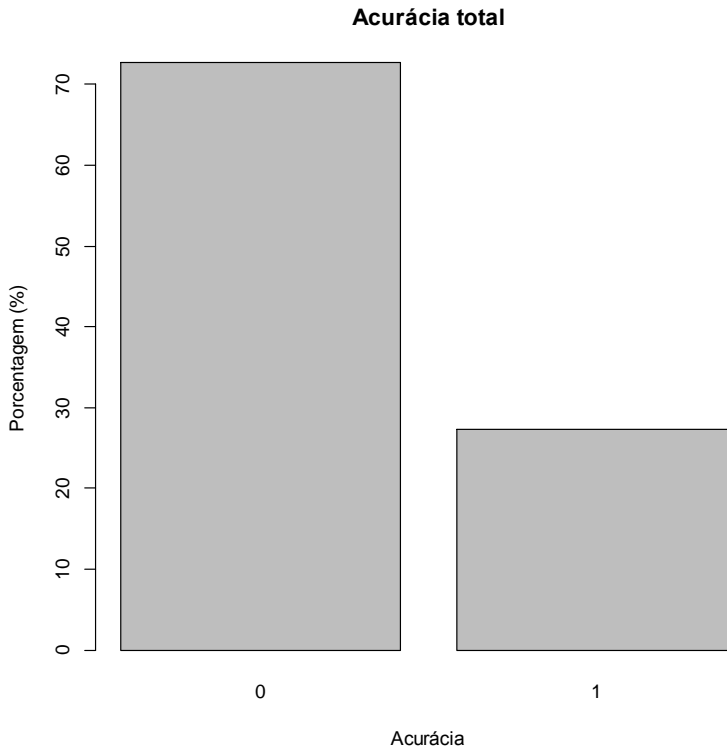
No presente capítulo são descritos os resultados do estudo desta tese e, ao final de cada análise, esses resultados são discutidos. Para a análise aqui empreendida foi utilizado o programa de análise estatística R (<http://www.r-project.org/>).

### 4.1 O experimento

Conforme mencionado no capítulo anterior, de metodologia, na seção 3.3, o experimento foi composto por 30 *sets* de estímulos. (10 de *priming* imagéticos, 10 de *priming* lexicais e 10 de *priming* contextuais). Destes 30 *sets*, 21 foram compostos por metáforas e nove foram compostos por distratores (sendo sete metáforas e três distratores para cada modalidade de *priming*). O total de participantes considerados na análise foi de 45 participantes.

### 4.2 Acurácia geral de respostas aos estímulos

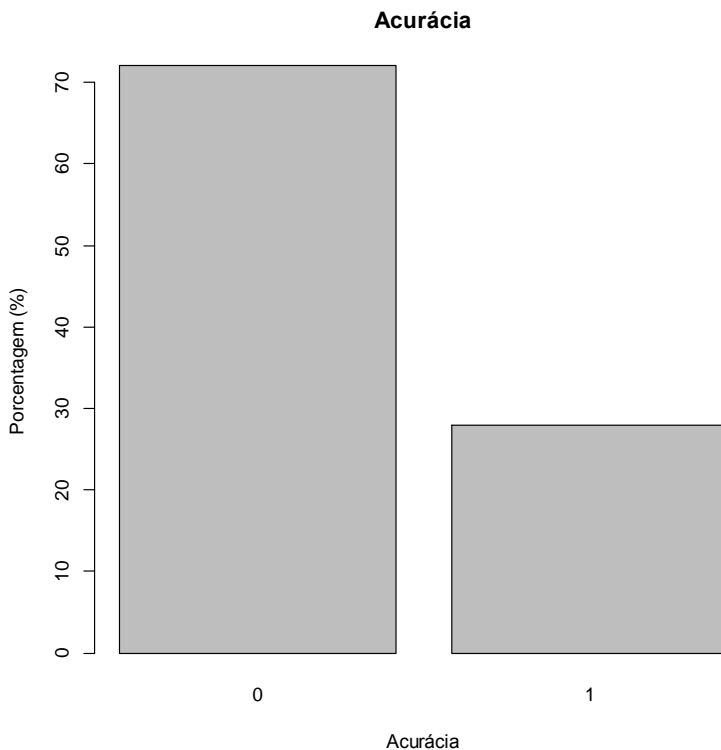
De todas as respostas analisadas, um total de 1350 (estímulos), 981 tiveram *score* 0 e 369 tiveram *score* 1. Ou seja, 72% e 27%, respectivamente, como mostra a figura 7:



**Figura 7 - Acurácia geral**

#### **4.2.1 Acurácia geral de respostas aos estímulos sem os distratores**

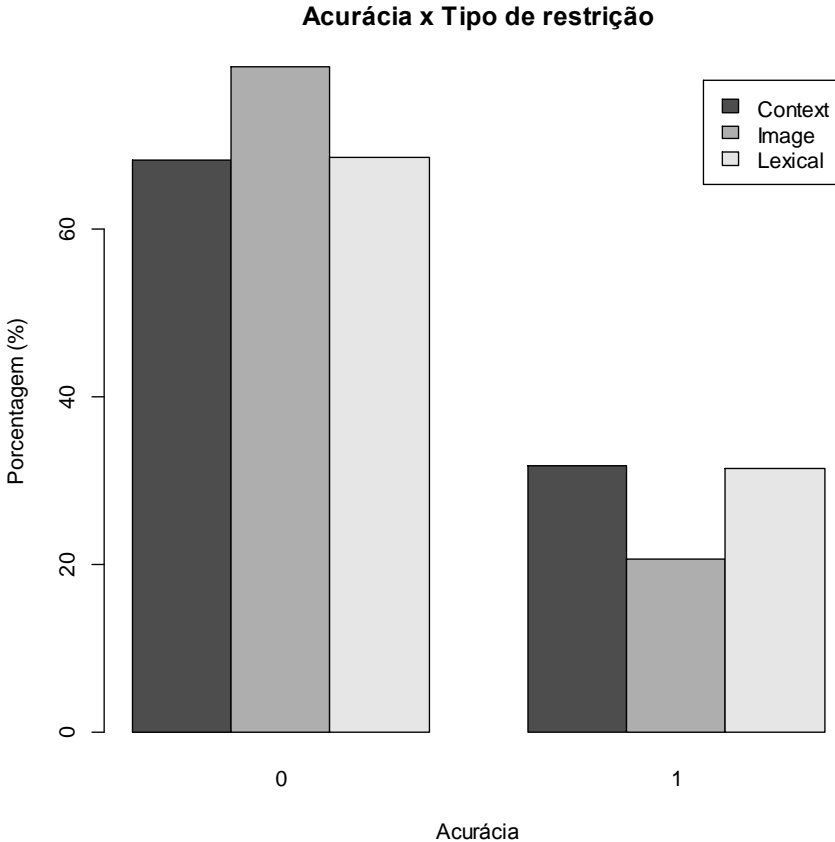
Das respostas aos estímulos sem os distratores (405 estímulos), um total de 945, 681 tiveram *score* 0 e 264 tiveram *score* 1. Ou seja, 72% e 27%, respectivamente, como mostra a figura 8:



**Figura 8 – Acurácia sem os distratores**

#### **4.2.2 Acurácia por *priming* ou tarefa**

Das respostas analisadas por *priming* ou tarefa, 250 (ou 79%) tiveram *score* 0 na tarefa 1, 216 (ou 68%) tiveram *score* 0 na tarefa 2 e 215 (ou 68%) tiveram *score* 0 na tarefa 3. 65 (ou 20%) tiveram *score* 1 na tarefa 1, 99 (ou 31%) tiveram *score* 1 na tarefa 2 e 100 (ou 31%) tiveram *score* 1 na tarefa 2, como mostra a figura 9:



**Figura 9 - Acurácia por *priming* ou tarefa**

Após a análise da acurácia geral de respostas aos estímulos, da acurácia de respostas aos estímulos sem os distratores e da acurácia por *priming* ou tarefa, se pode perceber um primeiro comportamento do tipo de restrição em relação à acurácia das respostas para cada tipo de *priming*: observa-se que as respostas corretas representam aproximadamente  $\frac{1}{4}$  das respostas totais. Mais do que isso, observa-se que os participantes tendem a errar mais as metáforas apresentadas com um *priming* imagético já que essas são o tipo de metáforas que possuem

mais erros (79% de *score* 0) e o comportamento do *priming* lexical (68%) e do *priming* contextual (68%), conforme figura 9, é praticamente o mesmo. Sendo assim, já se pode identificar uma diferença entre esquema imagético e informação linguística ou verbal.

Após a retirada dos distratores, a proporção de acurácia continua praticamente a mesma. Entretanto, percebe-se a baixa porcentagem de acertos, apenas 28%, o que certamente se justifica pela possibilidade de haver quatro respostas possíveis, deixando uma grande abertura para a escolha da interpretação, bem como a sensação de necessidade de uma escolha rápida por parte do participante.

A partir daqui, a análise foi feita apenas sobre as respostas corretas para cada tipo de tarefa ou restrição, conforme tabela 12, e, ao final, foi feita uma análise de erro para melhor se compreender o comportamento geral dos dados obtidos.

<b>Tipo de <i>priming</i></b>					
<b>Imagético</b>		<b>Lexical</b>		<b>Contextual</b>	
<b>Nº de acertos/ Total de acertos</b>	<b>Porcentagem de acertos</b>	<b>Nº de acertos/ Total de acertos</b>	<b>Porcentagem de acertos</b>	<b>Nº de acertos/ Total de acertos</b>	<b>Porcentagem de acertos</b>
65	24%	99	37%	100/	72%

**Tabela 12 – Respostas corretas**

Conforme dito anteriormente, fica claro que as respostas dos participantes em relação às metáforas apresentadas com *priming* linguístico possuem um resultado mais acurado de acertos em relação à escolha da interpretação, enquanto que as metáforas com *priming* imagético, logo, mais abstratas, possuem uma maior quantidade e proporção de erros.

### 4.3 Análise de acurácia

#### 4.3.1 Análise de acurácia por participante

Aqui foi realizada, primeiramente, uma análise de acurácia por participante, a fim de se identificarem participantes que possam ter tido um comportamento diferente dos outros, conforme tabela 13 abaixo. Em seguida, foi realizada a mesma análise só que por itens da experiência (as metáforas), a fim de se identificarem possíveis itens que tenham tido um comportamento diferente dos demais itens.

<i>Subject</i>	<i>Score 0</i>	<i>Score 1</i>
1	57%	42%
2	66%	33%
3	71%	28%
4	80%	19%
5	57%	42%
6	66%	33%
7	71%	28%
8	71%	28%
9	76%	23%
10	66%	33%
11	71%	28%
12	90%	9%

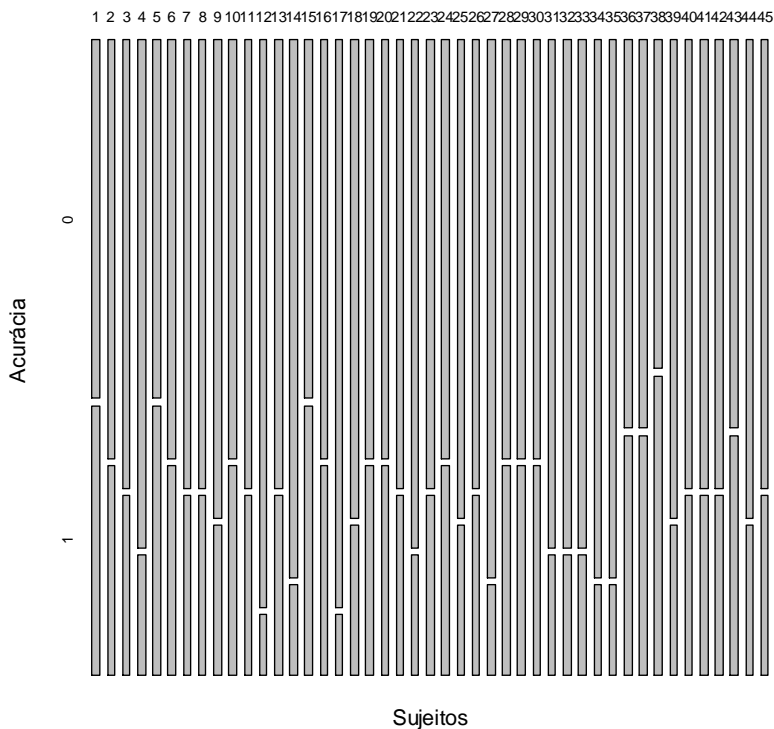
13	71%	28%
14	85%	14%
15	57%	42%
16	66%	33%
17	90%	9%
18	76%	23%
19	66%	33%
20	66%	33%
21	71%	28%
22	80%	19%
23	71%	28%
24	66%	33%
25	76%	23%
26	71%	28%
27	85%	14%
28	66%	33%
29	66%	33%
30	66%	33%
31	80%	19%
32	80%	19%
33	80%	19%
34	85%	14%

35	85%	14%
36	61%	38%
37	61%	38%
38	52%	47%
39	76%	23%
40	71%	28%
41	71%	28%
42	71%	28%
43	61%	38%
44	76%	23%
45	71%	29%

**Tabela 13 - Acurácia por participante**

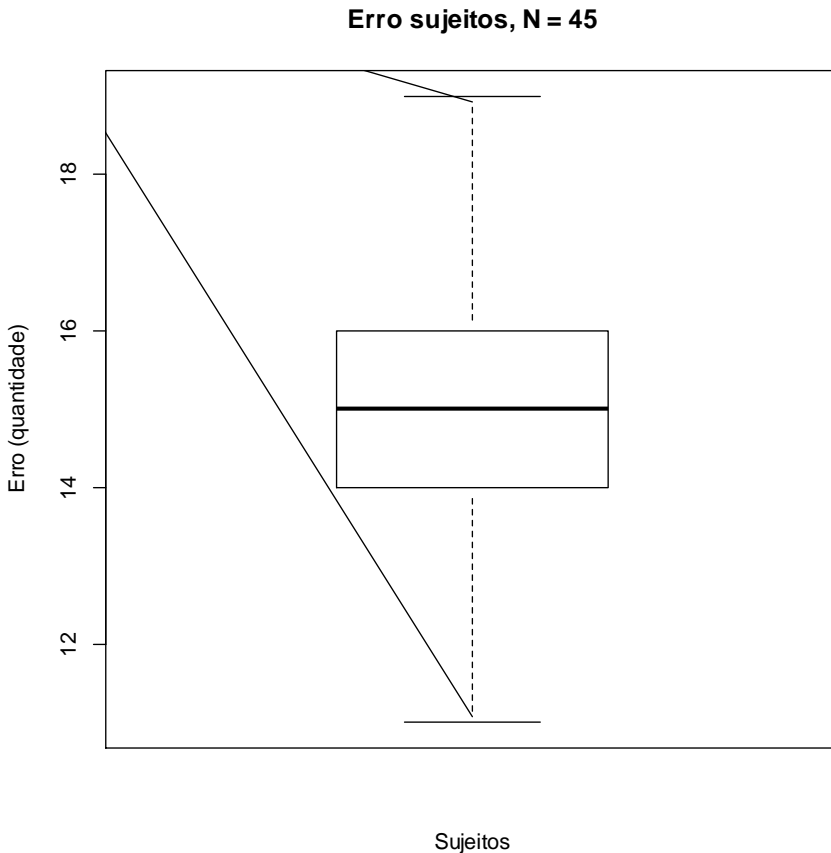


### Acurácia x Sujeitos, N = 45



**Figura 10 - Acurácia x participantes**

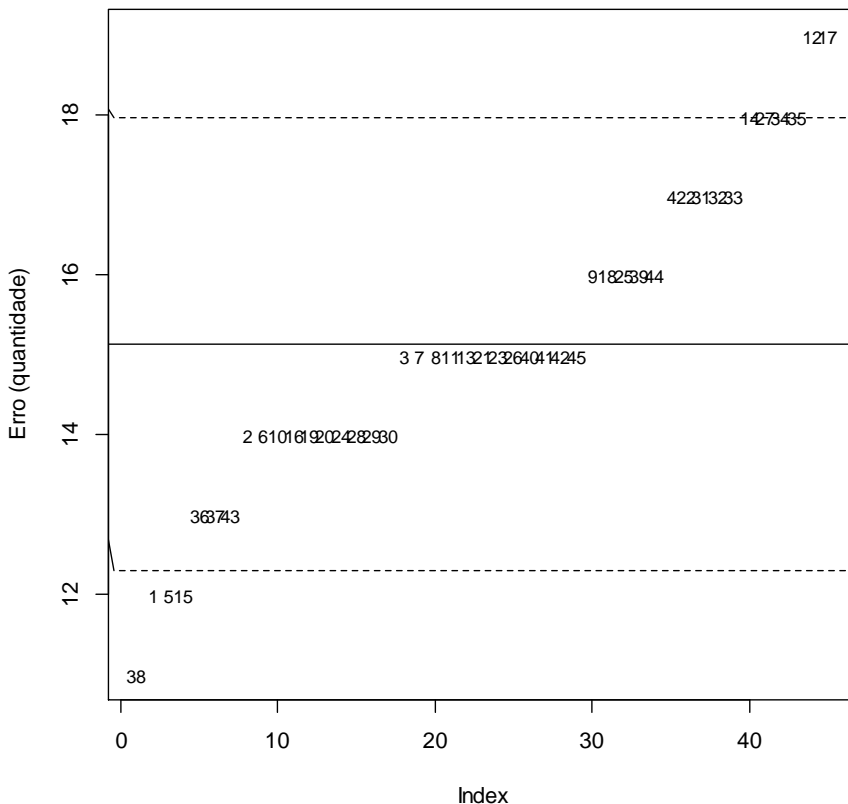
Conforme a figura 10, pode-se perceber que os participantes 12, 14, 17, 27, 34 e 35 se destacam dos demais participantes pela grande quantidade de erros.



**Figura 11 - Erro participantes**

De acordo com a figura 11, verifica-se que a média geral (linha preta grossa) de erros foi de 15, ou seja,  $\frac{2}{3}$  do total de metáforas apresentadas por participante (21 metáforas) e que as respostas entre  $\frac{1}{4}$  e  $\frac{3}{4}$  do total se encontram entre 14 e 15 erros (caixa retangular). Ainda se verifica que não houve nenhum *outlier*, ou seja, nenhum participante que teve resposta fora dos bigodes do gráfico, ou seja, entre 1.5 da distância de interquartil. Observe-se que os participantes mostrados na figura 10: 12, 14, 17, 27, 34 e 35 puxaram a média geral para cima.

### Erro sujeitos, N = 45



**Figura 12 - Erro participante porcentagem**

Assim, foram plotados os participantes em função do número de erros. A linha contínua, figura 12, representa a média geral de erros e as linhas pontilhadas representam a média geral de erros mais e menos 1,5 desvios padrão. Enfim, sendo assim, foi definido um critério para se retirarem os participantes que obtiveram um desempenho muito baixo em relação aos demais participantes. Nesse sentido, os participantes que tiveram uma quantidade de respostas erradas maior que a média geral dos participantes, mais 1,5 desvios padrão, foram considerados *outliers* e retirados da análise subsequente. Esses participantes foram os de números 12 e 17. A análise passou a considerar um total de 43 participantes nesse momento. Após a exclusão desses dois participantes,

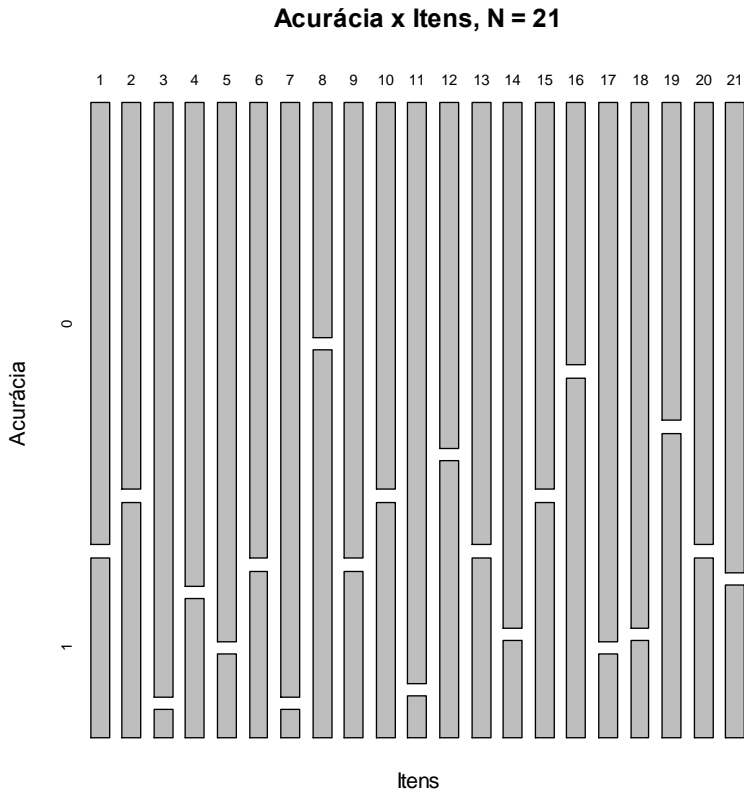
tem-se 1290 estímulos no total. Isso dá um total de 4,44% de participantes *outlier*. É importante que esses participantes sejam retirados da análise porque a média muito baixa deles pode influenciar de forma negativa o resultado geral.

#### 4.3.2 Análise de acurácia por item

A tabela 14 representa a análise de acurácia por item ou metáfora em porcentagem.

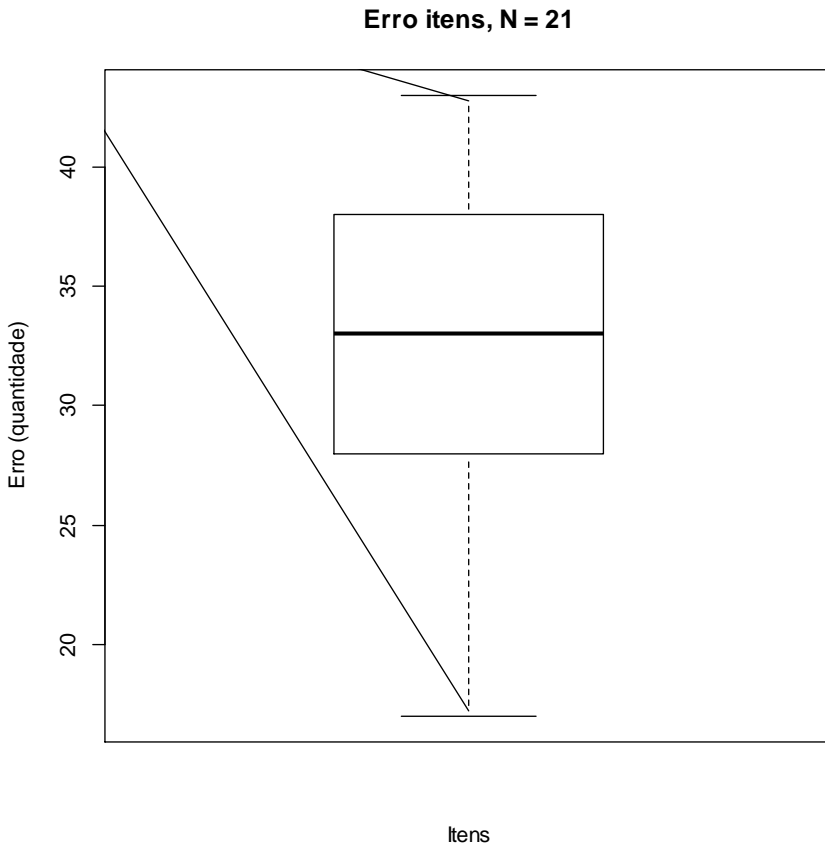
Metáfora	Score 0	Score 1
1	71.111.111	28.888.889
2	62.222.222	37.777.778
3	95.555.556	4.444.444
4	77.777.778	22.222.222
5	86.666.667	13.333.333
6	73.333.333	26.666.667
7	95.555.556	4.444.444
8	37.777.778	62.222.222
9	73.333.333	26.666.667
10	62.222.222	37.777.778
11	93.333.333	6.666.667
12	55.555.556	44.444.444
13	71.111.111	28.888.889
14	84.444.444	15.555.556
15	62.222.222	37.777.778
16	42.222.222	57.777.778
17	86.666.667	13.333.333
18	84.444.444	15.555.556
19	51.111.111	48.888.889
20	71.111.111	28.888.889
21	75.555.556	24.444.444

**Tabela 14 - Acurácia por item**



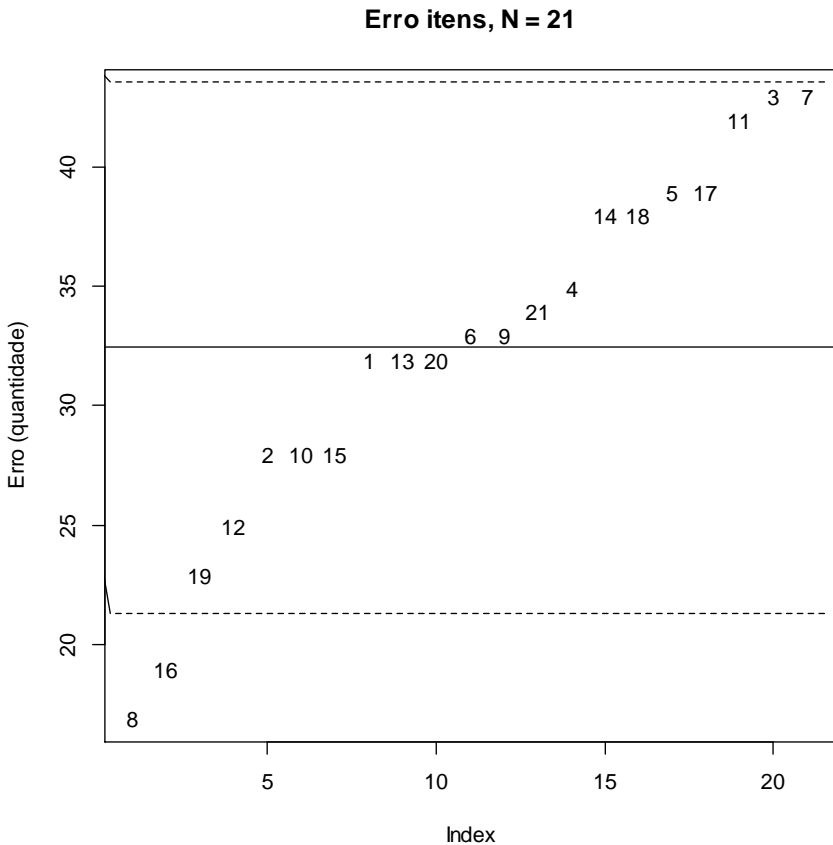
**Figura 13 - Acurácia x itens**

Pode-se perceber que as metáforas 3, 7 e 11 se destacam das demais metáforas pela grande quantidade de erros. Também se percebe que as metáforas 8 e 16 se destacam das demais metáforas devido à grande quantidade de acertos. Mais adiante, na discussão, cada uma destas metáforas foi analisada para se compreender o porquê do grande número de erros ou acertos.



**Figura 14 - Erro itens**

Assim como para os participantes, conforme figura 14, verificou-se que a média geral (linha preta grossa) de erros foi de 33, ou seja,  $\frac{2}{3}$  do total de participantes que realizaram a experiência (45 participantes) e que as respostas entre  $\frac{1}{4}$  e  $\frac{3}{4}$  do total se encontram entre 27 e 36 erros (caixa retangular). Ainda se verificou que não houve nenhum *outlier*, isto é, nenhuma metáfora teve resposta fora dos bigodes do gráfico, ou seja, entre 1.5 da distância de interquartil.



**Figura 15 - Erro itens porcentagem**

Foram plotados os itens em função do número de erros, como mostra a figura 15 e a linha contínua representa a média geral de erros e as linhas pontilhadas representam a média geral de erros mais e menos 1,5 desvio padrão. Sendo assim, foram definidos critérios para se identificarem e retirarem os itens que obtiveram um desempenho muito baixo em relação aos demais itens.

Os itens que tivessem uma quantidade de respostas erradas maior que a média geral dos itens, mais 1,5 desvio padrão, seriam considerados *outliers* e seriam retirados da análise subsequente. Logo,

percebeu-se que nenhum item possui mais erros do que a média geral, mais 1,5 desvio padrão, o que mostrou estatisticamente que não houve nenhuma metáfora *outlier* e que se poderia continuar a análise sem retirar nenhuma metáfora. A média foi 32.42, o limite inferior 7.39 e o limite superior 43.52.

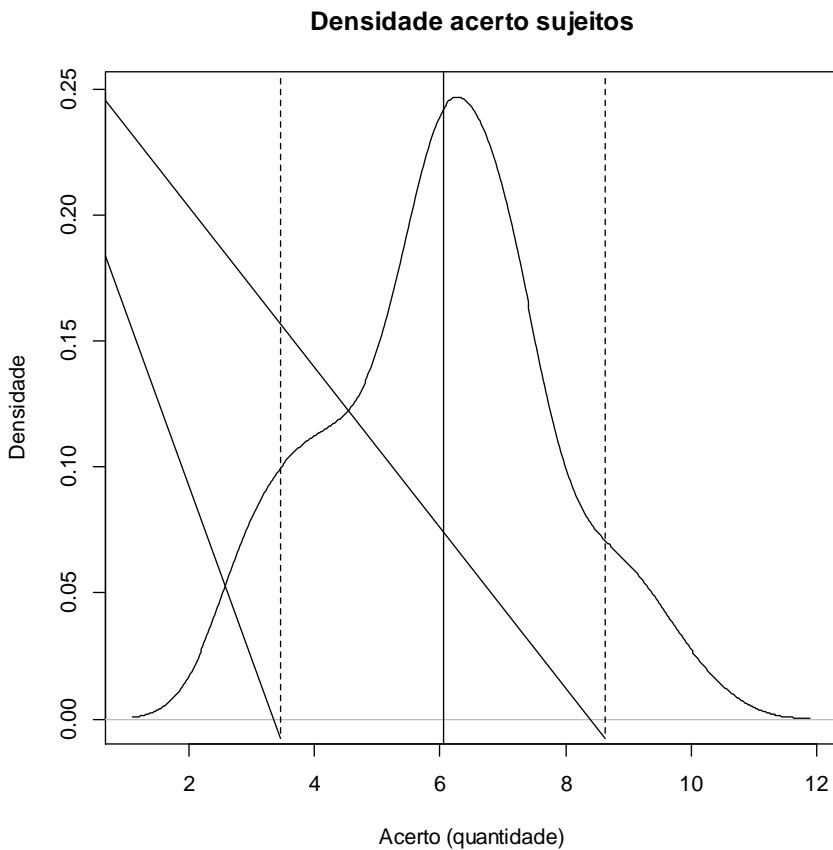
## **4.4 Densidade**

Com o objetivo de enriquecer a análise dos dados, foi decidido plotar os dados obtidos e obter os gráficos de densidade.

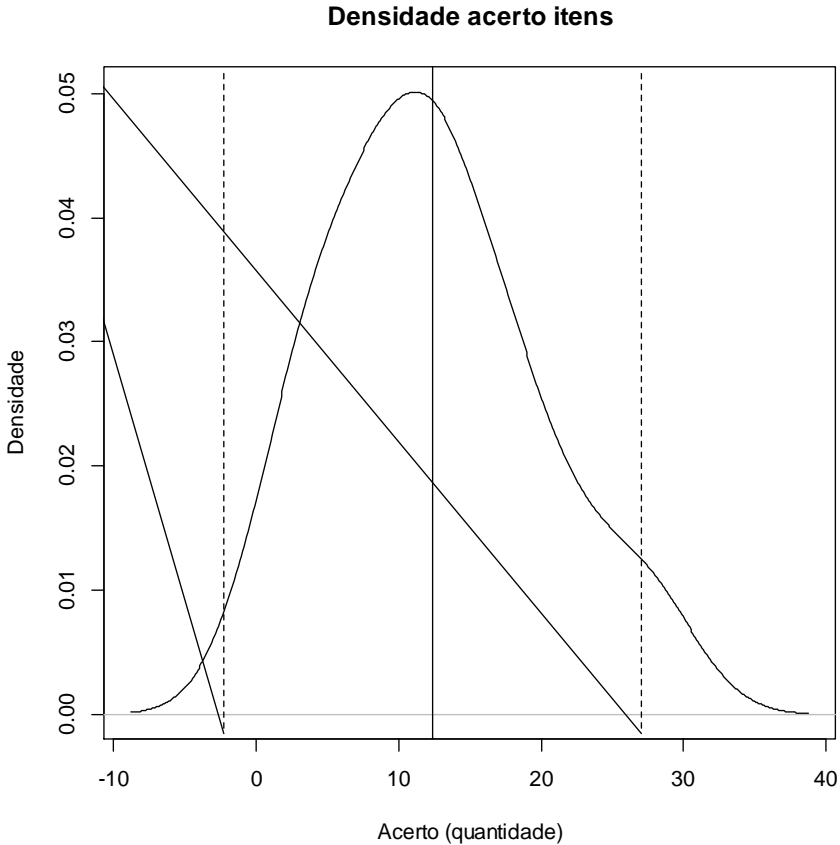
### **4.4.1 Densidade geral de acertos por participantes e itens**

Em um gráfico de densidade, a área total do gráfico deve ser = 1. No primeiro gráfico para participantes, figura 16, percebeu-se que a maior parte dos participantes obteve seis acertos das 21 metáforas. No gráfico de itens, figura 17, observou-se que cada item teve em média 10 respostas corretas entre os 43 participantes considerados. A linha contínua sinaliza a média geral e as linhas pontilhadas sinalizam a média geral mais e menos 1,5 desvio padrão. A média de densidade de acerto dos participantes foi 6.04, o limite inferior 3.44 e o limite superior 8.64 e a média de densidade de acerto dos itens foi 12.38, o limite inferior - 2.26 e o limite superior 27.02.





**Figura 16 - Densidade acerto participantes**



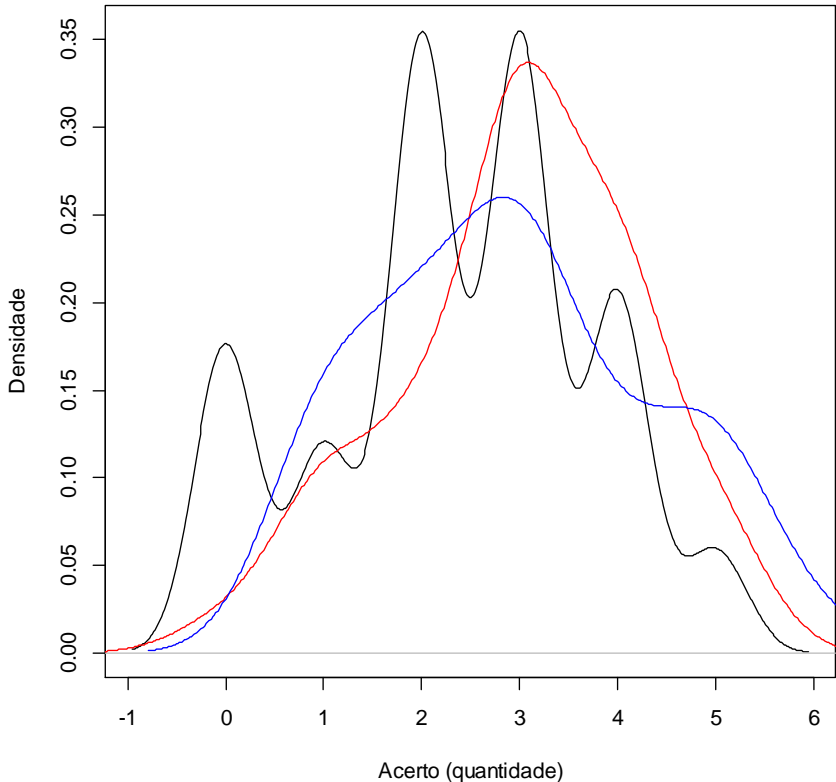
**Figura 17 - Densidade acerto itens**

#### 4.4.2 Densidade dos acertos por tipo de restrição

No gráfico a seguir, figura 18, os valores menores que 0 (zero) devem ser desconsiderados, pois a função de densidade utiliza uma distribuição normal e, tendo em vista o grande número de erros (0), ele acaba criando uma cauda à esquerda de 0. No entanto, o que é interessante é se observar que, em relação às respostas dos participantes, as metáforas com o *priming* imagético possuem uma distribuição de

densidade diferente das metáforas com *priming* lexical e *priming* contextual. Estas últimas possuem um comportamento bem semelhante.

### Sujeito x Tipo de restrição



**Figura 18 - Densidade participante x tipo de restrição**

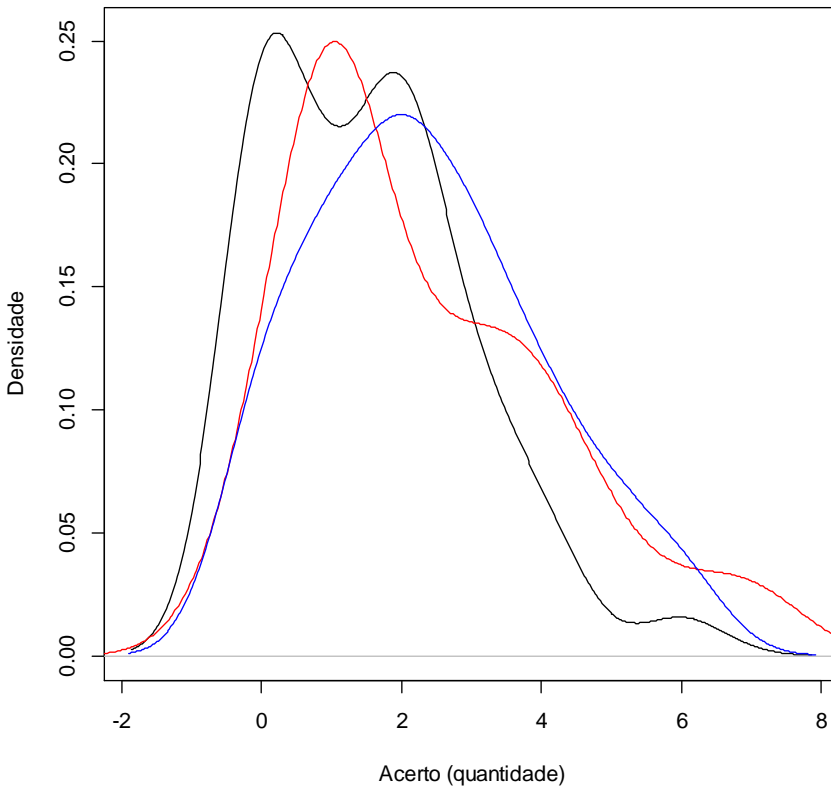
Preto = *Image*  
 Vermelho = *Lexical*  
 Azul = *Context*

Igualmente aos participantes, neste gráfico, os valores menores que 0 devem ser desconsiderados, pois a função de densidade utiliza uma distribuição normal e, tendo em vista o grande número de erros (0), ele acaba criando uma cauda à esquerda de 0. Contudo, o que é

interessante se observar é que, em relação às respostas dos itens, as metáforas com *priming* imagético possuem uma distribuição de densidade com dois picos e em seguida uma queda brusca do número de respostas corretas, enquanto as distribuições de metáforas com *priming* lexical e *priming* contextual possuem uma descida à direita mais atenuada e, no caso do *priming* lexical, com dois picos pequenos em quatro e sete respostas corretas.

Logo, já se pode observar que os participantes parecem ter em geral o mesmo tipo de comportamento com *primings* linguísticos. Enfim, nesses dois gráficos, verifica-se que as metáforas com *priming* contextual possuem uma distribuição mais regular e mais próximo da distribuição normal.

### Item x Tipo de restrição



**Figura 19 – Densidade item x tipo de restrição**

Preto = *Image*  
 Vermelho = *Lexical*  
 Azul = *Context*

#### 4.5 ANOVA <sup>41</sup>

*Anova* ou *ANALYSIS OF VARIANCE* é uma ferramenta (um teste estatístico) que analisa o grau de variância entre grupos.

Aqui, dois grupos foram analisados: F1 – participantes e F2 – itens:  $F(2, 126) = 8,44, p < 0,001$ . Este resultado mostra que há uma diferença estatisticamente significativa de acertos entre os tipos de *priming*.

De imediato, percebe-se que há uma diferença significativa entre *priming* imagético e contextual e entre *priming* lexical e imagético, mas não significativa entre lexical e contextual. Este resultado vai perfeitamente ao encontro dos primeiros dados apresentados em 4.2.

Neste ponto, o que é interessante se observar é que se encontra efeito do tipo de *priming* para F1, participantes, mas não se encontra nenhum efeito em relação ao tipo de *priming* para F2, itens. Podem-se interpretar esses resultados como: para os participantes, o tipo de *priming* influencia na resposta a ser escolhida, ou seja, *priming* linguísticos permitem um maior número de repostas corretas em relação ao *priming* imagético e esta diferença é estatisticamente significativa.

Para os itens, independentemente do tipo de *priming*, não há uma diferença estatística significativa em relação ao número de acertos. Assim, podemos chegar à hipótese de que as metáforas não estão associadas a nenhum tipo de representação, seja essa representação imagética, lexical ou contextual. Ou seja, a metáfora 1, por exemplo, não é mais interpretável com *priming* imagético ou lexical ou contextual. Mas, existe a necessidade de um estudo futuro, somente sobre as metáforas, para se comprovar esta hipótese.

---

<sup>41</sup> Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Anova>

#### 4.5.1 T-tests: T1 - Participantes e T2 – Itens

Para se fazer mais uma análise, foi realizado o mesmo tipo de análise empreendido anteriormente com as ANOVAs. Todavia, desta vez a análise foi através do *Test-T*.

Exatamente de acordo com os dados das ANOVAs, há somente uma diferença estatística significativa entre *priming* imagético e *priming* lexical e entre *priming* imagético e *priming* contextual para T1, ou seja, para participantes, conforme tabela 15.

No entanto, através dos *tests-t*, pode-se verificar que a diferença entre imagem e léxico e entre imagem e contexto são marginais, 0.086 e 0.067 respectivamente, o que apoia ainda mais a hipótese de que os *priming* linguísticos possuem um determinado comportamento diferente do *priming* imagético.

<i>Image-lexical</i>	T1(83) = 3.67, p < 0.001 **
	T2(38) = 1.76, p = 0.086
<i>Image-context</i>	T1(82) = 3.53, p < 0.001 **
	T2(38) = 1.88, p = 0.067
<i>Lexical-context</i>	T1(81) = 0.20, p = 0.835
	T2(39) = 0.09, p = 0.923

**Tabela 15 – T-tests**

#### 4.6 Análise por tipo de respostas dos participantes

Antes de se realizar a análise de item, foi primeiramente importante compreender qual foi o comportamento das respostas dos participantes de uma forma geral. Lembrando-se de que os participantes possuíam quatro opções de resposta: uma opção com a resposta correta CA, outra com uma resposta neutra NE, outra com uma resposta

antônima AN e ainda outra com uma resposta impossível IM<sup>42</sup>. Assim, temos os seguintes dados:

CA	NE	AN	IM	NULL
357	623	79	106	125

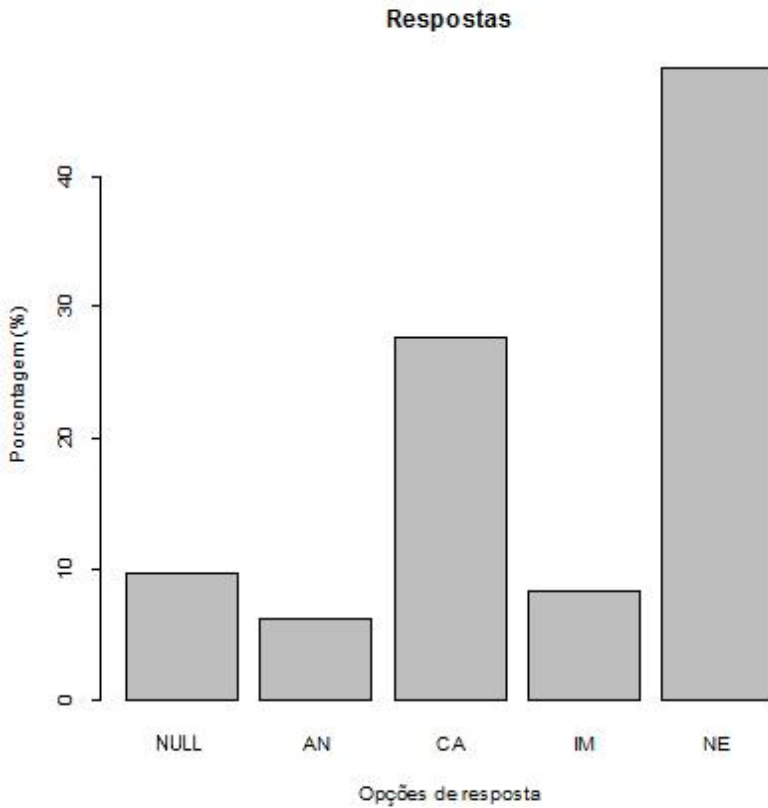
**Tabela 16 – Análise por tipo de respostas dos participantes**

De acordo com o esperado, percebe-se que houve um número muito menor para as respostas AN e IM, assim como estímulos que não foram respondidos. O maior número de respostas se concentrou em CA e NE. O interessante é que houve mais respostas para NE do que para CA. Estes resultados podem ser interpretados como evidência para o fato de que, frente a alguma dificuldade para escolher as respostas, ou mesmo a partir da formulação das opções, os participantes preferem escolher uma resposta mais NEUTRA a se comprometerem com uma resposta mais restrita.

Outra explicação é que várias escolhas de opções de respostas NE são na verdade respostas também corretas.

---

<sup>42</sup> Na seção anterior, capítulo 3, referente à metodologia, as siglas são CR (*correct response*), N (neutra), A (antonímia) e I (impossível). Todavia, para maior clareza na análise dos dados, optou-se por NULL, AN, CA, IM e NE para representar respostas nulas, antônimas, corretas, impossíveis e neutras, respectivamente.



**Figura 20 – Respostas em porcentagem**

Propõe-se ir ainda mais longe ao se plotar o gráfico com as respostas dos participantes em função do *priming* apresentado, tabela 23. No primeiro conjunto de barras para NULL resposta, figura 20, pode-se observar que os participantes não responderam, principalmente quando o *priming* apresentado era imagético, seguido do lexical e do contextual.

A resposta NE foi eliciada principalmente pelo *priming* lexical, o que deixa claro que somente uma informação lexical pode gerar dúvida e até mesmo a interpretação contrária.



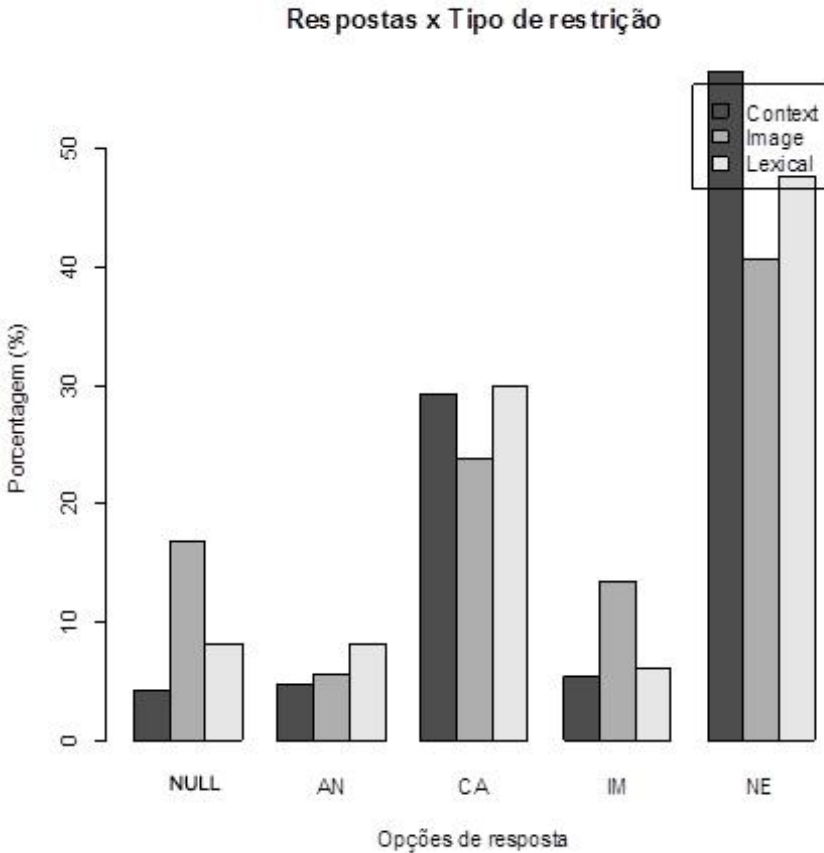
Em seguida, verificamos que a CA foi eliciada principalmente pelos *primings* linguísticos. Inversamente a CA, IM teve um maior número de respostas eliciadas pelo esquema imagético. Ou seja, apenas a representação imagética permite as mais diversas interpretações, sendo que elas podem ser até mesmo impossíveis.

Isso é um dado interessante e mostra que a interpretação de metáforas não está ancorada em esquemas imagéticos, ao contrário do que diz Lakoff (1980).

Finalmente, para a resposta NE, o maior número de respostas eliciadas foi para contexto. Assim, infere-se que o contexto de fato ajuda a interpretação pois favorece aquelas interpretações que são possíveis.

<i>PrimingType</i>	NA	CA	IM	NE
<i>Context</i>	18	2	126	23
<i>Image</i>	72	24	102	57
<i>Lexical</i>	35	35	129	26

**Tabela 17 - Respostas X tipo de restrição**



**Figura 21 – Respostas x tipo de restrição em porcentagem**

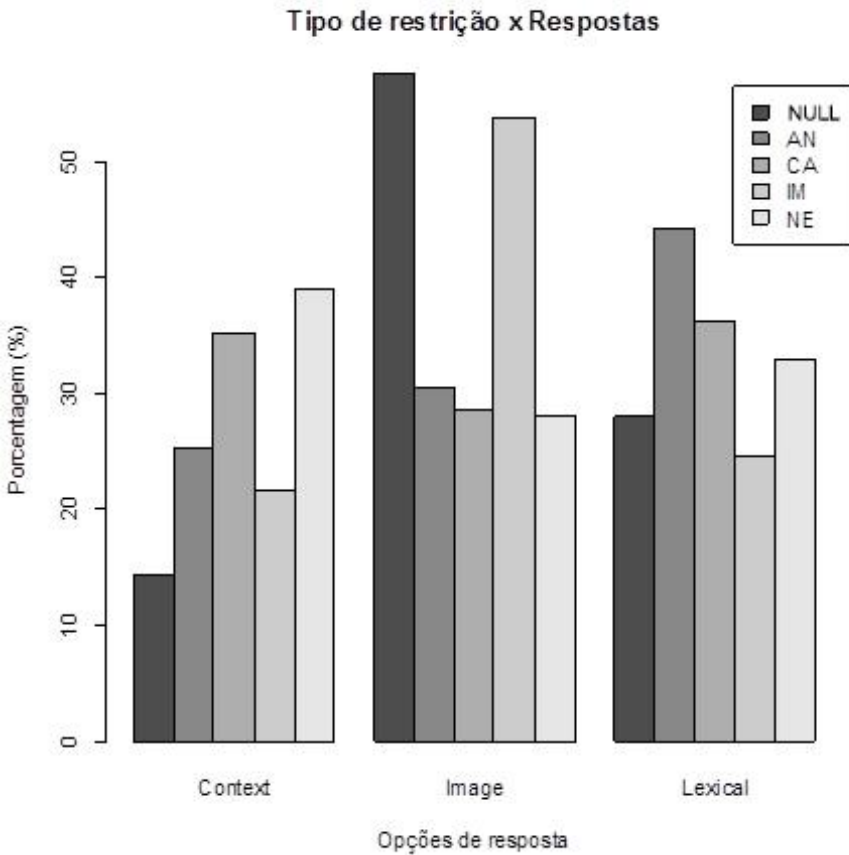
Foram também plotados os mesmos dados, mas se invertendo as categorias de X e da legenda. Sendo assim, pode-se apenas fazer uma análise inversa. Para *priming* contextual, as respostas mais eliciadas foram CA e NE. Isso mostra que, efetivamente quando se possui o contexto, têm-se mais condições de bem compreender uma metáfora, ou ao menos compreendê-la de forma neutra. Já para o *priming* imagético, verifica-se que as opções NULL (ou seja, sem resposta) e IM foram as mais eliciadas. Isso faz se concluir que o *priming* imagético é o mais estrutural (ele é concreto, visual) e o que menos ajuda. Em tese, seria

mais eficaz, mas não é. Ou seja, os resultados mostram que os fatores mais propriamente linguísticos são mais relevantes para a interpretação de metáforas. O *priming* imagético pode também inibir uma resposta, ou a resposta correta.

Finalmente, o *priming* lexical eliciou principalmente as opções AN, CA e NE, o que leva à conclusão de que, além das respostas corretas ou neutras ativadas por este *priming*, também pode ser ativada uma interpretação contrária, pois apenas uma palavra muitas vezes não basta para ajudar a se chegar à interpretação correta.

	<i>Context</i>	<i>Image</i>	<i>Lexical</i>
NULL	18	72	35
NA	20	24	35
CA	126	102	129
IM	23	57	26
NE	243	175	205

**Tabela 18**



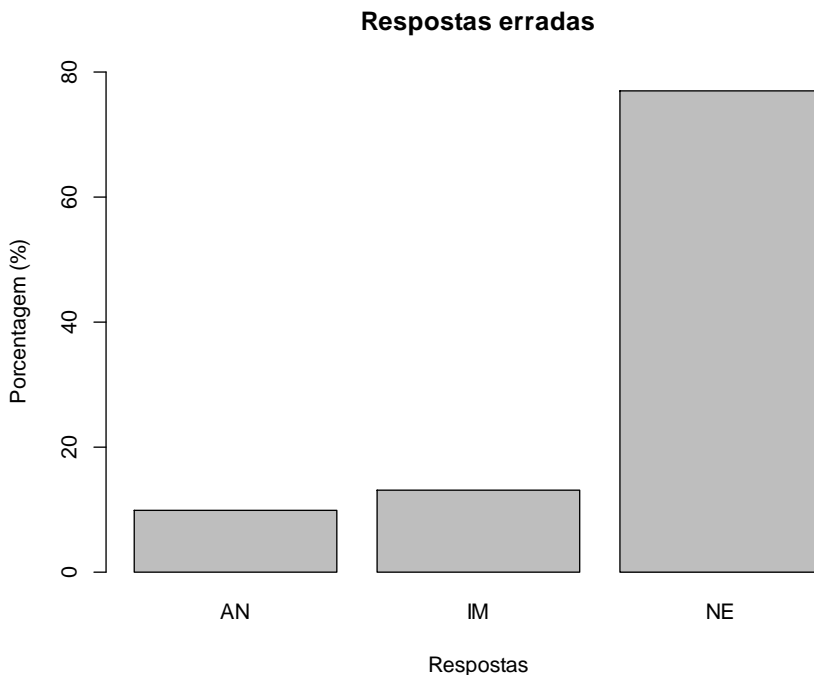
**Figura 22 – Tipo de restrição x respostas**

#### **4.7 Análise de erro e das respostas neutras**

Com a retirada de todas as respostas corretas dos dados, o que perfaz 37,36% deles, seguiu-se a análise de erro com os 62,64% dos dados restantes. Sendo assim, temos:

AN	IM	NE
79	106	623

**Tabela 19 – Análise de erro e das respostas neutras**



**Figura 23 - Respostas erradas em porcentagem**

Neste gráfico, figura 23, fica claro que, fora as respostas corretas já retiradas dos dados gerais, as respostas mais realizadas foram as respostas neutras, seguidas das respostas impossíveis e finalmente as respostas antônimas.

A hipótese levantada anteriormente parece ganhar um novo argumento no sentido de que, na dúvida entre uma representação metafórica fechada, os participantes preferem escolher uma resposta

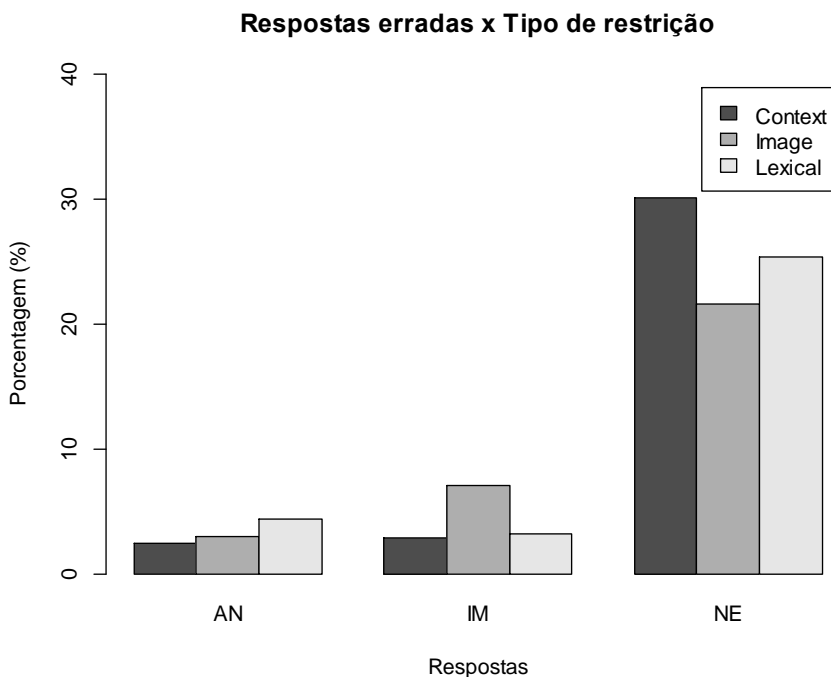
mais neutra. Em seguida, foram analisadas as respostas em contraste com o tipo de restrição:

<i>PrimingType</i>	NA	IM	NE
<i>Context</i>	20	23	243
<i>Image</i>	24	57	175
<i>Lexical</i>	35	26	205

**Tabela 20 – Restrição X respostas**

Deve-se também notar que, se contamos as respostas neutras como corretas, ainda assim, o índice de acerto de IM é inferior. Ou seja, *context* e *lexical* favorecem o acerto, se considerarmos CA e NE juntas ou apenas CA.

Como também assume-se que as metáforas podem ter vários enquadres, então o mais razoável é aceitar que os participantes consideraram como certas não apenas o que o estudo chamou de certas, mas também o que o estudo chamou de neutras.



**Figura 24 - Respostas erradas x tipo de restrição**

A análise já realizada anteriormente parece ganhar ainda mais força no sentido de que, entre as respostas impossíveis, o esquema imagético é o que mais permite este tipo de resposta justamente por ser uma representação mais estrutural ou esquemática, dando muito mais liberdade aos indivíduos na representação das restrições metafóricas.

Na sequência, na resposta neutra, as restrições contextuais são as que mais apresentam respostas, seguidas das restrições lexicais e imagéticas. Novamente, nas respostas neutras as restrições linguísticas são as que mais contribuem para a tomada de decisão dos indivíduos.

Para se concluírem os resultados e avançar para uma discussão mais geral deles, foi realizado um último teste estatístico ANOVA F1 e F2 para participantes e itens em relação aos dados recém-apresentados.

Em relação ao tipo de restrição, não houve um efeito significativo nem para F1 nem para F2, sendo assim:  $F1(2, 378) = 1,045, p = 0,247,$

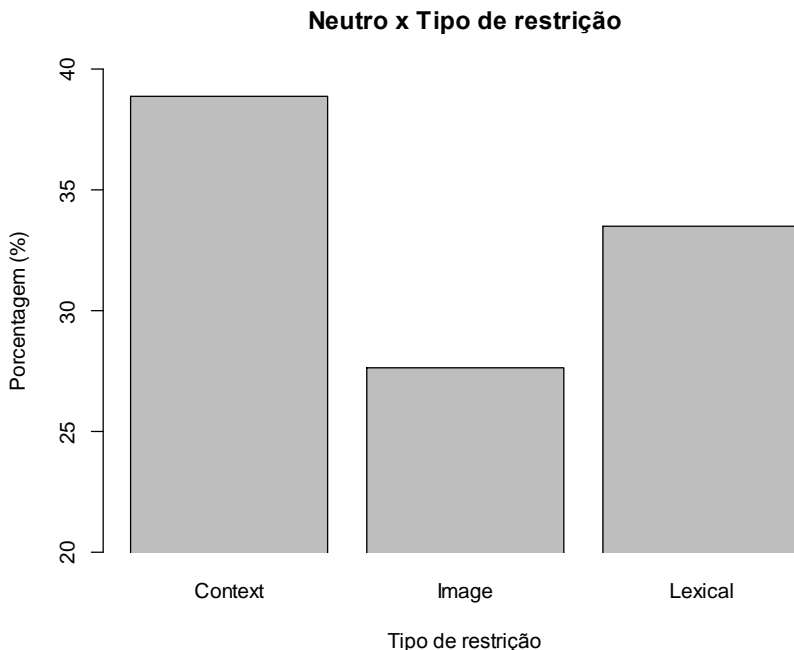
$F2(2, 261) = 0,473$ ,  $p = 0,623$ . Já para o tipo de resposta realizada, houve uma diferença significativa, obviamente entre as respostas neutras e as demais respostas, impossível e antônima,  $F1(2, 378) = 566,165$ ,  $p < 0,01$ ,  $F2(2, 261) = 190,587$ ,  $p = 0,01$ . Mais do que isso, foi encontrada uma interação significativa entre o tipo de resposta e o tipo de *priming*,  $F1(4, 378) = 13,537$ ,  $p < 0,01$ ,  $F2(4, 261) = 4,557$ ,  $p < 0,01$ . Entretanto, esta interação parece não interessar muito, pois se trata da simples inversão de comportamento de resultados entre as respostas impossíveis e neutras.

Parece também que não houve um resultado significativo entre as diferentes restrições nos resultados gerais. Para se entender melhor esta falta de efeito, foram consideradas as respostas neutras e as respostas corretas e foi realizada uma análise apenas sobre as respostas neutras para verificar se houve um efeito do tipo de restrição.

#### **4.8 Análise das respostas neutras**

Verificou-se que o total de respostas neutras em todos os dados foi de 391, ou seja, 28,96% do total de dados distribuídos da seguinte forma: *context* 152, *image* 108 e *lexical* 131, conforme figura 24. Em seguida, foram verificados os resultados em relação aos tipos de restrição da resposta neutra.





**Figura 25 - Neutro x tipo de restrição**

Fica claro que a restrição contextual foi a que mais gerou respostas neutras, seguida da restrição lexical, enfim, as duas restrições linguísticas, e, finalmente, seguida da restrição imagética.

Assim sendo, foi encontrado mais um argumento para se afirmar que as restrições contextuais são as que mais contribuíram para a realização de respostas corretas e neutras, mas não para as respostas erradas, impossíveis e antônimas.

Ainda, as restrições lexicais também contribuíram relativamente bastante para as respostas neutras e, por fim, as restrições imagéticas parecem permitir a interpretação errada e mesmo antônima.

Em seguida, foi feita novamente uma análise de ANOVA com apenas um fator para F1 e F2, participantes e itens, respectivamente.

Os resultados da ANOVA foram significativos para F1, mas não para F2:  $F1(2, 126) = 6,715, p < 0,01$ ,  $F2(2, 60) = 1,797, p = 0,175$ . Enfim, após serem analisados com exaustão todos os dados obtidos no experimento realizado nesta tese, passa-se a conclusão desses resultados e as consequências para uma discussão mais geral sobre os efeitos dos tipos de restrição na representação de metáforas.



“A linguagem, como a usamos, não é senão o topo do *iceberg* da construção cognitiva. Conforme o discurso se desenrola, muito está acontecendo nos bastidores: Novos domínios aparecerão, links são forjados, significados abstratos operaram, estrutura interna emerge e se espalha, pontos de vista e focos vão mudando. Uma conversa cotidiana e um raciocínio de senso comum são suportados por invisíveis, altamente abstratas, criações mentais, as quais ... a língua ... ajuda a orientar, mas não define por si só (FAUCONNIER, 1994, p. xxii-xxiii).”<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Conforme original: “Language, as we use it, is but the tip of the iceberg of cognitive construction. As discourse unfolds, much is going on behind the scenes: New domains appear, links are forged, abstract meanings operate, internal structure emerges and spreads, viewpoint and focus keep shifting. Everyday talk and commonsense reasoning are supported by invisible, highly abstract, mental creations, which... language... helps to guide, but does not by itself define (FAUCONNIER, 1994, p. xxii-xxiii)”.



## 5. CONCLUSÃO

Na introdução deste trabalho, se apontou que o interesse por esta pesquisa estava pautado principalmente na demonstração da importância dos processos metafóricos e de seu valor cognitivo e a hipótese desta pesquisa era a de que diante de uma instância metafórica seu processamento (interpretação) seria determinado por restrições lexicais (restrições impostas pelo *priming* lexical dos elementos que ocorrem na posição de tópico dessas metáforas), restrições cognitivas (restrições impostas por esquemas imagéticos transpostos de um domínio para o outro cognitivamente, se esses esquemas são de fato acionados pelos ouvintes em forma de metáforas) e restrições contextuais (restrições impostas por fatores contextuais).

Para este estudo, foi proposto que essas restrições interferem no processamento de metáforas porque a linguística cognitiva, referencial teórico de base para esta pesquisa, apesar de exaustivamente se preocupar com os processos metafóricos, ainda não apontou qual das variáveis: cognitiva, lexical ou contextual, a priori, tem papel decisivo no processamento metafórico, ou mesmo qual dessas restrições (ou todas elas) afeta(m) mais esse processamento. Assim, os objetivos do presente estudo foram:

- iii. investigar se e quando restrições cognitivas, lexicais e contextuais têm papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas;
- iv. identificar as restrições que permitem ao ouvinte interpretar o enquadre da metáfora.

Dessa forma, esta tese lidou com o processo de interpretação da metáfora de forma experimental e foi realizado um experimento do qual participaram 53 indivíduos falantes de português brasileiro para responder às seguintes perguntas: 1. Qual é a contribuição relativa (CR) de cada uma das restrições, isto é, a restrição cognitiva, a restrição lexical, a restrição contextual? 2. Há diferença significativa no que diz respeito à CR das restrições para a ativação de determinada interpretação?

Ao ser concluída, esta tese posiciona-se ao lado de Moura (2007, p. 417), para quem padrões linguísticos governam a interpretação, propondo que haverá restrições de ordem, não somente pragmática ou

contextual, mas lexical e cognitiva ou a representação linguística de conteúdo cognitivo. A análise aqui empreendida demonstrou que existem de fato restrições cognitivas, lexicais e contextuais para o processamento metafórico.

As hipóteses apresentadas neste trabalho, corroborando o que diz Moura (2007, p. 418), que a interpretação da metáfora é guiada pelo contexto e pelos padrões linguísticos aos quais uma metáfora é situada e interpretada, foram confirmadas. Ou seja, a interpretação de uma metáfora depende de conexões entre signos linguísticos.

Concluiu-se também que o falante produz enquadres excludentes (Pinker, 2008), mas que pistas linguísticas (Moura, 2007) permitem a interpretação desejada por parte do ouvinte.

No entanto, a presente pesquisa apontou que, de acordo com os dados levantados e analisados, é que a CR que mais influencia a interpretação da metáfora é a restrição pragmático-contextual.

Este trabalho acrescenta que essas restrições ou a contribuição relativa (CR) delas para o processamento pode ser ranqueada hierarquicamente. A análise estatística dos dados colhidos, mostrada no capítulo anterior, sugere que houve prevalência da CR da restrição contextual sobre a lexical e desta sobre a cognitiva. O contexto linguístico ou fluxo conversacional (cf. MOURA, 2006) funciona como restrição principal em uma interpretação.

Essa afirmação também colabora para a hipótese da Linguística Cognitiva, uma vez que, para essa teoria, uma das habilidades cognitivas humanas é a capacidade de seleção ou capacidade de se focar em determinada parte do que se experiencia e no que se acha relevante naquele momento.

Na fundamentação teórica desta tese, mais especificamente na seção 2.6 (p. 40), foi apontado que, para linguística cognitiva, a interpretação semântica de uma expressão linguística tem como base uma conceptualização e está ligada a todas as outras habilidades cognitivas humanas. Essa conceptualização ou processo de conceptualização são também conhecidos no campo da linguística cognitiva como *construal operations*. Dessa forma, se a metáfora é uma operação de *construal*, então é natural que haja mais de uma interpretação possível (corretas e neutras).

Como já havia sido dito anteriormente, ao interpretar determinada sentença, a ativação dos pressupostos, devido a essa capacidade, “vai depender estritamente do conhecimento compartilhado dos interlocutores, o que indica que esse conhecimento pode variar de pessoa para pessoa”. (MOURA, 2006, p. 26). Essa seria mais uma

confirmação de que o *frame* de experiência ativado contextualmente, o léxico e a capacidade de seleção humana constituiriam as restrições contextuais, lexicais e cognitivas presentes no momento do *construal* de uma interpretação.

Reconhece-se que, apesar de esta pesquisa representar importante contribuição para os estudos em Linguística Cognitiva no Brasil, um estudo de caso ainda pode ser feito numa contribuição futura.





## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. L. V.; MARTINS, H. F. (Orientadora). *Sobre a identidade da metáfora literária: Uma análise do romance D'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro, 2008. 85p. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ARISTÓTELES. *Poética de Aristóteles*, bilíngue grego-port, Editora: Ars Poetica, 1993, trad. Eudoro de Souza.

\_\_\_\_\_. De Interpretatione. In: Angioni, L. (Trad./Org.). *Ontologia e predicação em Aristóteles*. Campinas: Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Organon*. Disponível em:  
 <<http://www.constitution.org/ari/aristotle-organon+physics.pdf>>.  
 Acesso em: 21 nov. 2012.

BARSALOU, L. *Ad hoc categories*. Memory and cognition. v. 11, p. 211-227, 1983.

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 19-41.

CAMPOS, M. H. C. & M. F. Xavier. *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1983.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. Luiz Arthur Pagani, Ligia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

CHAFE, W. L. *Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1965.

CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

EVANS, V. *How words mean: lexical concepts, cognitive models, and meaning construction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FARIA, I. H. et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Innocence: a Second Idealization for Linguistics. In: *Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society*, 1979.

GIBBS, R.; O'BRIEN, J. Idioms and mental imagery: the metaphorical motivation for idiomatic meaning. In: *Cognition*, v. 36, number 1, July, 1990, p. 50-82.

GIBBS, R.; STEEN, G. (Orgs.) *Metaphor in Cognitive Linguistics: selected papers from the 5<sup>th</sup> International Cognitive Linguistics Conference, Amsterdam, 1997*, Current Issues in Linguistic Theory (Book 175), John Benjamins Publishing Company, 1999 e 2001.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Harper & Row, 1974.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P. (Ed.). *Syntax and Semantic III: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

GRICE, P. Further Notes on Logic and Conversation. In: COLE, P. (Ed.). *Syntax and Semantics: Pragmatics*, v. 9, New York: Academic Press, 1978, p. 183-97.

GRICE, P. (Ed.). *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

IFILL, T. *Seeking the nature of idioms: a study in idiomatic structure*. 2002. Disponível em: <[http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/Papers/2003/ifill\\_tim.pdf](http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/Papers/2003/ifill_tim.pdf)>. Último acesso em 28/03/2014.

ILARI, R.; GERALDI, J. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.

JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Active zones: proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1984, p. 172-188.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991.

\_\_\_\_\_. *Grammar and conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000a.

\_\_\_\_\_. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER,

S. (Orgs.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000.

\_\_\_\_\_. Viewing and experimental reporting in cognitive grammar. In: SILVA, A. *Linguagem e cognição*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001.

\_\_\_\_\_. *A course in cognitive grammar*. University of California in San Diego. 2004. First preliminary draft.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Editorial Caminho, 2003.

MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Livraria Sá de Costa Editora, 1978.

MINSKY, M. (Ed.). *Semantic information processing*. Cambridge: The MIT Press, 1968.

MOURA, H. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. In: *Revista Veredas*, 6-1, p. 153-161, 2002.

\_\_\_\_\_. Metáfora: das palavras aos conceitos. In: *Letras de hoje*, 40-139, p. 20-45, 2005.

\_\_\_\_\_. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. In: *DELTA* 22, n. especial, p. 81-94, 2006.

\_\_\_\_\_. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. In: *Linguagem em (Dis)curso* 7-3, p. 417-452, 2007.

\_\_\_\_\_. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n. 2, 2008.

\_\_\_\_\_. Elementos nucleares de frame e a interpretação de metáforas. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55.1, Campinas, Jan/Jun 2013.

NETTO FONSECA, F. *O conceito 'logos'*. Disponível em: <<http://www.philosophy.pro.br>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Trad. de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PLATÃO. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. Universidade do Pará, 2001.

REDDY, M. J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284–310, 1979.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. In: *Calidoscópio*, v. 7, n. 3, p. 171-182, set./dez. 2009. Unisinos.

SEUREN, P. *Western Linguistics: an historical introduction*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998.

SCHNEIDER, W.; ESCHMAN, A.; ZUCCOLLOTTA, A. *E-Prime. Psychology Software Tools, Inc. Learning Research and Development Center*: University of Pittsburgh, 2007.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring*. Volume II. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.

VEREZA, S. C. Trajetórias da metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, S. C. (Orgs.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2012.



## 7. ANEXOS

### 7.1 *Corpus de metáforas retiradas das revistas*

1. “***Enterrei esse desejo*** num lugar que nem eu sei bem qual é [...].”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 222, 2009, ISSN 0104-8589, p. 70).
2. “Ela, a gostosinha, passava, falava alguma coisa, ***jogava charme*** para o ar [...].”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 222, 2009, ISSN 0104-8589, p. 114).
3. “***Nunca alimentei esperança*** porque ela sempre emendou um namoro no outro.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).
4. “Mulheres que ***superaram um grave problema*** como a personagem do Eu, leitora [...].”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 22).
5. “O homem que bate [na mulher] tem baixa autoestima e só consegue se sentir melhor ***diminuindo a mulher.***”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 92).
6. “Estávamos mais velhos, formados, independentes e ***começou a rolar uma atração recíproca.***”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).
7. “***Perdeu o controle*** sobre sua história. ‘A droga deforma o caráter’, afirma.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 106).
8. “Aliás, toda ela era meio irritante. ***Não bateu aquela química*** de primeira.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).
9. “Elas ***sustentam o próprio vício e o do companheiro*** vendendo o corpo.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 22).

10. “[...] modelo texana Jerry Hall. Esta *aguentou muita coisa* – Mick só se casou com ela quando já tinham dois filhos.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 50).
11. “Resumo da ópera: *me salvei do constrangimento*, mas ganhei um pé imobilizado!”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 96).
12. “Richards *arrastou um bonde* também por Linda Keith [...]”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 48).
13. “Diante do grupo, ela disse que quem não fosse capaz de *conviver com a diversidade* deveria se retirar da turma de orações.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 90).
14. “[...] os homens *colecionam histórias*, de vexame ou comédia, que ainda hoje [...]”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 96).
15. “[...] *rendem belas risadas* entre amigos, na mesa do bar.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 96).
16. “Ficamos mais fortes, poderosas mesmo, a ponto de *mudar nosso destino*, mudar a História.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 22).
17. “Isabeli Fontana. Ela *conquistou uma bela carreira*, construiu um patrimônio de respeito, ganhou o amor de dois filhos e, claro, aproveitou muito a vida [...]”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 32).
18. “[...] a imagem do soldado Hans Conrad Schumann, 19 anos, pulando sobre o arame farpado e *ganhando ‘a liberdade’* rodou o mundo.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 222, 2009, ISSN 0104-8589, p. 82).
19. “Ele veio e *deu uma dura* nos funcionários, disse que as mulheres são as melhores clientes, boas pagadoras e que eu nunca ficava devendo nada ali.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 110).



20. “Acabou saindo de casa. Foi perambular pelas ruas. Perdeu o controle sobre sua história. *‘A droga deforma o caráter’*, afirma. Sem nunca ter tido passagem pela polícia, começou a roubar.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 106).
21. “A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de *retomar minha vida*.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 105).
22. “Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas *tentei cumprir meu papel* e comecei a beijá-la.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).
23. “Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de *não impor resistência*.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).
24. “Nenhuma mulher merece *encontrar sua força* passando pelo que eu passei.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 92).
25. “Natura Mamãe e Bebê e Natura Vovó: para inspirar mães e pais, avós e netos a curtirem e cuidarem de uma história de amor que nunca acaba. *Só vai ganhando capítulos*. Amor de geração em geração.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 25).
26. “Isabeli Fontana. Ela conquistou uma bela carreira, *construiu um patrimônio de respeito*, ganhou o amor de dois filhos e, claro, aproveitou muito a vida [...]”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 32).
27. “Prefiro *olhar para as coisas boas*. O Nobel me ajudou a conseguir mais de cinquenta bolsas de estudo [...]”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 92).
28. “A bebida era uma forma de *estancar a saudade* que eu sentia dos meus filhos.”  
(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 92).

29. “É daquelas mulheres que não precisam *se esforçar para chamar a atenção*. Fazia minha imaginação ir longe, pensando no furacão que ela devia ser na cama.”

(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 100).

30. “Quando perguntada sobre porque mantinha um relacionamento com um homem agressor, *seus olhos encheram d’água*. Não soube explicar.”

(Revista “Marie Claire”, Edição 254, 2012, ISSN 0104-8589, p. 110).

## 7.2 Parecer Consubstanciado do CEP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

### PROJETO DE PESQUISA

**Título:** Restrições cognitivas, contextuais e lexicais no processamento de metáforas

**Área Temática:**

**Pesquisador:** Heronides Maurílio de Melo Moura

**Versão:** 1

**Instituição:** Universidade Federal de Santa Catarina

**CAAE:** 02073212.2.0000.0121

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**Número do Parecer:** 31681

**Data da Relatoria:** 28/05/2012

#### Apresentação do Projeto:

é uma tese de doutorado que aborda uma pesquisa semântica e psicolinguística. Semântica, que segundo os autores, está pautada na demonstração da importância dos processos metafóricos e de seu valor cognitivo, ressaltado em estudos atuais de linguagem e cognição devido ao avanço das pesquisas em linguística cognitiva. Dessa forma, esse processo mental apresenta-se mais em evidência. Psicolinguística porque o seu foco está na análise do processamento metafórico.

#### Objetivo da Pesquisa:

Investigar se e quando as pistas linguísticas, cognitivas, lexicais e contextuais tiveram papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

não riscos para os participantes por se tratar de um estudo que não prevê interferências ou uso de substâncias que impliquem em riscos dos sujeitos. Como benefícios os sujeitos apontam que a "linguística cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição e que o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é aprendido e experienciado" (FERRARI, 2011) e que um dos pressupostos básicos da psicolinguística em relação ao processamento é o de que não é possível chegar ao significado básico de qualquer signo sem passar pelo reconhecimento do significante, nem também recortá-lo sem o conhecimento armazenado em nossa memória, os benefícios de uma pesquisa deste caráter está basicamente em entender cada vez mais como nosso cérebro está estruturado, amadurece e funciona ao operar com a linguagem". mais como nosso cérebro está estruturado, amadurece e funciona ao operar com a linguagem (SCLAR-CABRAL, no prelo).

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem documentada e apresenta uma amostra significativa a fim de desenvolver a proposta do estudo. Traz detalhadamente a metodologia e a abordagem dos dados após coletados.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os documentos e autorizações legais, bem como o TCLE adequadamente estruturado.

#### Recomendações:

não há recomendações específicas aos pesquisadores.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências, encontrando-se o projeto aprovado.

#### Situação do Parecer:

Aprovado

#### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

#### Considerações Finais a critério do CEP:

aprovado de acordo com o parecer do relator.

FLORIANOPOLIS, 04 de Junho de 2012

---

Assinado por:  
Andréa Ferreira Delgado

### 7.3 Declaração do Diretor do CCE



#### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Restrições cognitivas, lexicais e contextuais no processamento de metáforas**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 20/04/2012.

A handwritten signature in blue ink is written over a circular stamp. The signature is cursive and appears to read "Felício Wessling Margatti".

Prof. Felício Wessling Margatti  
Diretor do CCE/UFSC  
Portaria nº 1614/GR/2008

**ASSINATURA**  
**CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL**

## 7.4 Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos da Plataforma Brasil



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Restrições cognitivas, contextuais e lexicais no processamento de metáforas		2. CAAE:	
3. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Linguística, Letras e Artes			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
4. Nome: Heronides Maurício de Melo Moura			
5. CPF: 423.870.274-94	8. Endereço (Rua, n.º): ELPIDIO DA ROCHA RIO TAVARES 303 FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA 88048398		
7. Nacionalidade: BRASILEIRA	9. Telefone: (48) 9123-6403	9. Outro Telefone:	10. Email: heronides@uol.com.br
11. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: ____ / ____ / ____		Heronides M. de Melo Moura Coordenador do Programa P.G. Linguística/UFSC Portaria nº 1109/GR/2010	
		Assinatura	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: Universidade Federal de Santa Catarina	13. CNPJ: 83.899.528/0001-82	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (48) 3721-9208	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Rosângela Hammes Rodighiero</u>	CPF: <u>649693809-10</u>		
Cargo/Função: <u>Coordenadora Pós-graduação</u>			
Data: <u>18 / 09 / 2012</u>		Profa. Dra. Rosângela Hammes Rodighiero Coordenadora do Programa de P. de Linguística/UFSC Portaria nº 1268/GR/2010	
		Assinatura	
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
17. Nome: 5525 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)	18. Telefone:	19. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.</p>			
Nome: _____	CPF: _____		
Cargo/Função: _____	Email: _____		
Data: ____ / ____ / ____		_____	
		Assinatura	

## 7.5 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
(UFSC)  
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP/UFSC)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: **“Restrições cognitivas, contextuais e lexicais no processamento de metáforas”**. O presente trabalho faz parte de uma tese de doutorado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem como objetivos:

- i. investigar se e quando as pistas linguísticas, cognitivas, lexicais e contextuais tiveram papel decisivo no processamento de instâncias metafóricas específicas;
- ii. defender a hipótese de que mesmo que o falante enquadre determinada situação e produza um enunciado metafórico excludente, certas restrições levam o ouvinte à determinada interpretação.

Este estudo é necessário, pois assim poderemos investigar como essas descobertas podem contribuir na demonstração da importância dos processos metafóricos e de seu valor cognitivo, ressaltado em estudos atuais de linguagem e cognição devido ao avanço das pesquisas em linguística cognitiva.

Para tanto, viemos, por meio desta, pedir sua permissão para que os dados gerados por você sejam utilizados nesta pesquisa. Para que possamos avaliar esses processos, nos experimentos desta pesquisa, utilizar-se-ão os seguintes materiais: *software E-prime 2.0 Professional*,

uma caixa de resposta serial e o computador programado com tarefas específicas.

Essas atividades serão aplicadas pela pesquisadora Viviane Lucy Vilar de Andrade. O sigilo da identidade do participante de pesquisa será mantido durante todo este processo.

Este projeto não visa fins lucrativos e não cobrará ou reembolsará qualquer valor financeiro aos participantes da pesquisa. Não apresenta, também, qualquer risco ou desconforto ao indivíduo que participará do trabalho, pois esta é uma pesquisa comportamental e não invasiva.

Os resultados obtidos através da presente pesquisa poderão ser posteriormente publicados. No entanto, a privacidade de identidade será mantida.

O(A) Sr.(a) tem a livre escolha de participar desta pesquisa e poderá sentir-se à vontade caso queira retirar-se a qualquer momento sem qualquer penalidade.

A responsável pela pesquisa é a doutoranda Viviane Lucy Vilar de Andrade ((81) 9646-9969, [viviane.vilar@uol.com.br](mailto:viviane.vilar@uol.com.br)) sob a orientação do Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura ((48) 9123-6403, [heronides@uol.com.br](mailto:heronides@uol.com.br)) e da Profa. Dra. Mailce Borges Mota Fortcamp ([mailcemota54@gmail.com](mailto:mailcemota54@gmail.com)).

Em caso de dúvidas, entre em contato com os pesquisadores através dos telefones e/ou e-mails citados acima.

Agradecemos sua compreensão e participação.



---

Declaro que fui informado sobre os procedimentos da pesquisa **“Restrições cognitivas, contextuais e lexicais na interpretação de metáforas”** e que foi descrito de forma objetiva como se desenvolverá este estudo. Estou ciente de que não serei beneficiado financeiramente, de que poderei me retirar da pesquisa a qualquer momento e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Declaro que recebi a cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## 7.6 Questionário informativo para participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
(UFSC)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA  
QUESTIONÁRIO INFORMATIVO

Pesquisa: **“Restrições cognitivas, contextuais e lexicais no processamento de metáforas”**.

Responsável pela pesquisa: doutoranda Viviane Lucy Vilar de Andrade ((81) 9646-9969, [viviane.vilar@uol.com.br](mailto:viviane.vilar@uol.com.br)) sob a orientação do Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura ((48) 9123-6403, [heronides@uol.com.br](mailto:heronides@uol.com.br)) e da Profa. Dra. Mailce Borges Mota ([mailcemota54@gmail.com](mailto:mailcemota54@gmail.com)).

Nome do participante:

\_\_\_\_\_

RG :

\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Florianópolis, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO ACADÊMICA:

\_\_\_\_\_

O QUE VOCÊ PREFERE LER? MARQUE UM X:

( ) JORNAIS, QUAIS? \_\_\_\_\_

( ) LIVROS, QUE TIPO? \_\_\_\_\_

( ) REVISTAS, QUAIS? \_\_\_\_\_

TABELA 21 - Tabela da TAREFA 1 adaptada dos dados gerados pelo *E-PRIME* e compilados pela ferramenta *E-Merge*. As colunas significam participante (SUBJECT), *set* de metáforas (BLOCK) com as práticas assinaladas como nulas (NULL) – em relação à contabilidade da acurácia, Acurácia (ACC), respectivamente

Subject	Block	TrialList	TrialMetaphor	TrialStimuli.ACC
10	1	NULL	NULL	NULL
10	2	NULL	NULL	NULL
10	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
10	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
10	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
10	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
10	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
10	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
10	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	0
10	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
11	1	NULL	NULL	NULL
11	2	NULL	NULL	NULL
11	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
11	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	1
11	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1

11	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
11	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
11	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
11	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	1
11	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
2	1	NULL	NULL	NULL
2	2	NULL	NULL	NULL
2	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
2	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	1
2	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
2	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
2	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
2	8	6	PERDEU O CONTROLE	0
2	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	0
2	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
3	1	NULL	NULL	NULL
3	2	NULL	NULL	NULL
3	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
3	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
3	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
3	6	4	DIMINUINDO A MULHER	0

3	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
3	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
3	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	1
3	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
4	1	NULL	NULL	NULL
4	2	NULL	NULL	NULL
4	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
4	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
4	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
4	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
4	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
4	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
4	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	0
4	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
5	1	NULL	NULL	NULL
5	2	NULL	NULL	NULL
5	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
5	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	1
5	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
5	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
5	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1

5	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
5	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	1
5	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	0
6	1	NULL	NULL	NULL
6	2	NULL	NULL	NULL
6	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
6	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
6	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
6	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
6	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
6	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
6	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	1
6	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
8	1	NULL	NULL	NULL
8	2	NULL	NULL	NULL
8	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
8	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
8	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	0
8	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
8	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
8	8	6	PERDEU O CONTROLE	1

8	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	0
8	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1
9	1	NULL	NULL	NULL
9	2	NULL	NULL	NULL
9	3	1	EMPURRAVA A PESSOA PARA LONGE DE VOCÊ	0
9	4	2	NUNCA ALIMENTEI ESPERANÇA	0
9	5	3	SUPERARAM UM GRAVE PROBLEMA	1
9	6	4	DIMINUINDO A MULHER	1
9	7	5	COMEÇOU A ROLAR UMA ATRAÇÃO RECÍPROCA	1
9	8	6	PERDEU O CONTROLE	1
9	9	7	NÃO BATEU AQUELA QUÍMICA	0
9	10	8	SUSTENTAM O PRÓPRIO VÍCIO	1

**Tabela 21 - Tarefa 1**

TABELA 22 - Tabela da TAREFA 2 adaptada dos dados gerados pelo *E-Prime* e compilados pela ferramenta *E-Merge*. As colunas significam participante (SUBJECT), *set* de metáforas (TRIAL) com as práticas assinaladas como nulas (NULL) – em relação à contabilidade da acurácia, *Priming Lexical*, Acurácia (ACC), respectivamente.

Subject	TrialList	TrialMetaphor	TrialPriming	TrialStimuli.ACC
1	NULL	NULL	NULL	NULL
1	NULL	NULL	NULL	NULL
1	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
1	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	0
1	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
1	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
1	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
1	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	1
1	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
1	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0
10	NULL	NULL	NULL	NULL
10	NULL	NULL	NULL	NULL
10	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
10	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
10	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
10	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	1



10	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
10	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	1
10	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
10	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	1
11	NULL	NULL	NULL	NULL
11	NULL	NULL	NULL	NULL
11	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
11	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	0
11	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
11	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	1
11	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
11	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
11	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	0
11	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0
2	NULL	NULL	NULL	NULL
2	NULL	NULL	NULL	NULL
2	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
2	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
2	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	1
2	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	1
2	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1

2	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	1
2	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
2	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	1
3	NULL	NULL	NULL	NULL
3	NULL	NULL	NULL	NULL
3	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
3	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	0
3	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	1
3	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	1
3	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
3	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
3	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
3	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0
4	NULL	NULL	NULL	NULL
4	NULL	NULL	NULL	NULL
4	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
4	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	0
4	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
4	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
4	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	0
4	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0

4	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
4	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	1
5	NULL	NULL	NULL	NULL
5	NULL	NULL	NULL	NULL
5	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
5	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
5	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
5	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
5	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
5	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	1
5	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
5	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0
6	NULL	NULL	NULL	NULL
6	NULL	NULL	NULL	NULL
6	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
6	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
6	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
6	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
6	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
6	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
6	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1

6	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	1
7	NULL	NULL	NULL	NULL
7	NULL	NULL	NULL	NULL
7	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
7	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
7	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	0
7	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
7	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
7	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
7	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
7	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0
8	NULL	NULL	NULL	NULL
8	NULL	NULL	NULL	NULL
8	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
8	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	0
8	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	1
8	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	0
8	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
8	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
8	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
8	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	0

9	NULL	NULL	NULL	NULL
9	NULL	NULL	NULL	NULL
9	1	ARRASTOU UM BONDE	DESEJO	0
9	2	CONVIVER COM A DIVERSIDADE	DIFERENÇA	1
9	3	RENDEM BELAS RISADAS	SORRISO	1
9	4	MUDAR NOSSO DESTINO	FUTURO	1
9	5	SE ISSO NOS TROUXER A PAZ	TRANQUILIDADE	1
9	6	PERPETUOU UM ÓDIO	RAIVA	0
9	7	CONQUISTOU UMA BELA CARREIRA	TRABALHO	1
9	8	GANHANDO A LIBERDADE	LIVRE	1

Tabela 22 – Tarefa 2

TABELA 23 - Tabela da TAREFA 3 adaptada dos dados gerados pelo *E-Prime* compilados pela ferramenta *E-Merge*. As colunas significam participante (SUBJECT), set de metáforas (TRIAL) com as práticas assinaladas como nulas (NULL) – em relação à contabilidade da acurácia, Acurácia (ACC), respectivamente.

Subject	TrialLi	TrialMetaphor	Trial StimuliACC
10	NULL	NULL	NULL
10	NULL	NULL	NULL
10	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	0
10	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
10	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
10	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	0
10	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	1
10	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	0
10	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
10	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	0
11	NULL	NULL	NULL

11	NULL	NULL	NULL
11	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	0
11	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	0
11	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
11	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	0
11	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
11	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	1
11	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
11	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
2	NULL	NULL	NULL
2	NULL	NULL	NULL
2	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1
2	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
2	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	0

2	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	0
2	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
2	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	1
2	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
2	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
3	NULL	NULL	NULL
3	NULL	NULL	NULL
3	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	0
3	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	0
3	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
3	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	1
3	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
3	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	1



3	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
3	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
4	NULL	NULL	NULL
4	NULL	NULL	NULL
4	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1
4	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	0
4	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
4	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	1
4	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	1
4	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	1
4	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
4	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
5	NULL	NULL	NULL
5	NULL	NULL	NULL

5	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1
5	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
5	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
5	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	0
5	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	1
5	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	0
5	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
5	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
6	NULL	NULL	NULL
6	NULL	NULL	NULL
6	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	0
6	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
6	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
6	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também,	0

		apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	
6	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
6	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	1
6	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
6	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	0
7	NULL	NULL	NULL
7	NULL	NULL	NULL
7	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1
7	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
7	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
7	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	1
7	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
7	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	0
7	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do	1

		apartamento uma coisa essencial.	
7	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
8	NULL	NULL	NULL
8	NULL	NULL	NULL
8	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1
8	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	0
8	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
8	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	1
8	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
8	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	0
8	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
8	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1
9	NULL	NULL	NULL
9	NULL	NULL	NULL
9	1	A droga DEFORMA O CARÁTER.	1

9	2	A filha era do meu marido, com quem eu terminava e reatava na tentativa de RETOMAR MINHA VIDA.	1
9	3	Já estava bem arrependido por ter tomado uma decisão usando a cabeça errada, mas TENTEI CUMPRIR MEU PAPEL e comecei a beijá-la.	1
9	4	Na hora achei um pouco estranho que ela não tenha vindo me abraçar também, apesar de NÃO IMPOR RESISTÊNCIA.	0
9	5	FAZIA MINHA IMAGINAÇÃO IR LONGE, pensando no furacão que ela devia ser na cama.	0
9	6	Ela NÃO FAZIA MUITO O MEU TIPO, usava maquiagem pesada e tinha o corpo fechado de tatuagens.	0
9	7	Quando cheguei ao carro ME DEI CONTA de que na pressa deixei no chão do apartamento uma coisa essencial.	1
9	8	Nenhuma mulher merece ENCONTRAR SUA FORÇA passando pelo que eu passei.	1

Tabela 23 - Tarefa 3

## 7.8 Modelos das telas de instrução apresentadas aos participantes para a realização das tarefas

1.

Bem-vindo (a)!

Você participará de uma bateria de 3 tarefas. Para cada uma delas, você terá de ler as instruções atentamente.

A qualquer momento durante as tarefas, você poderá solicitar ajuda.

Pressione "ESPAÇO" para continuar.

2.

Esta é a TAREFA 1.

Você lerá uma frase seguida de uma animação.

Depois, sua tarefa será escolher entre 4 opções a resposta que melhor interpreta essa frase.

3.

Fim da prática.

Você entendeu como a tarefa funciona?

Possui alguma dúvida?

Pressione "ZERO" para repetir a prática.

Pressione "ESPAÇO" para iniciar a tarefa.

4.

Esta é a TAREFA 2.

Você lerá uma determinada frase, seguida de uma palavra.

Depois, sua tarefa será escolher entre 4 opções a resposta que melhor interpreta essa frase.

5.

Esta é a TAREFA 3.

Você observará determinadas frases COM UM TRECHO DESTACADO. Em seguida, sua tarefa será escolher entre 4 opções a resposta que melhor interpreta esse trecho.